

## Página 12

### Pré-leitura | Oralidade

**1.1.** No *cartoon* podemos observar um rapaz que se encontra sentado numa cadeira a ler um livro. No entanto, em vez de o fazer da forma mais habitual, isto é, colocando-o na posição vertical, o jovem tem o livro pousado no colo e aberto como se de um computador se tratasse. Para conseguir ler, tem de inclinar a sua cabeça, ficando numa posição estranha e possivelmente incómoda.

**1.2.** Tendo em conta o título da imagem, “Jovem Leitor”, podemos depreender que o autor pretende realçar o peso das novas tecnologias, nomeadamente dos computadores, no dia a dia dos jovens, em detrimento dos livros, que, infelizmente, ocupam um papel cada vez mais secundário neste contexto. Nessa medida, os efeitos desta situação verificam-se na própria forma como os jovens leitores se relacionam com os livros, expondo-se, assim, o problema da falta de hábitos de leitura nas faixas etárias mais baixas.

**2.** Tanto o *cartoon* como o artigo abordam a temática dos livros/da leitura.

## Página 14

### Leitura | Compreensão

**1.** Este título poderá funcionar como uma alusão ao “Acordo Ortográfico”, o tratado de 1990 assinado pelos países lusófonos, com vista à uniformização da grafia do Português nos países de língua oficial portuguesa. Por outro lado, lembra-nos que todos os *posts* tiveram de nascer do acordo entre a autora do blogue e os fotografados, uma vez que estes têm de dar a sua permissão para serem fotografados e as suas histórias expostas no blogue.

**2.1. (B); 2.2. (A); 2.3. (C); 2.4. (D); 2.5. (D); 2.6. (B);**

## Página 15

### Leitura | Compreensão

**2.7. (D).**

**3. (C).**

**4. a.** “[d]o blogue Acordo Fotográfico”; **b.** “pessoas”.

**5.** Predicativo do sujeito.

**6. / 6.1. (D)** Os adjetivos desempenham a função sintática de modificadores restritivos do nome.

**7.** “Raramente se depara com recusas” – oração coordenada; “mas só numa tarde em Lisboa ouviu cinco não [..]” – oração coordenada adversativa.

**8.** “de andar ‘sempre agarrada a um livro’ desde pequena [..]”.

## Página 16

### Pré-leitura

**1.** Resposta pessoal. Respostas possíveis: os livros, a leitura, o amor pelos livros.

## Página 17

### Leitura | Compreensão

#### 1. O vocativo “livro” (l. 23 e l. 43)

**1.1.** Entre a autora do texto e o livro parece existir uma relação de grande cumplicidade. Para a cronista, o livro desempenha diferentes papéis, existindo um denominador comum: a sua constância. O livro é um companheiro e confidente (“*É contigo que conto no silêncio da madrugada*” – ll. 1-2, “*Nunca saio de casa sem te levar comigo*” – l. 23), com o qual a cronista chega a estabelecer uma relação física (“*Gosto de te cheirar*” – l. 16). É também um amigo e amante, no sentido de alguém que se ama, de quem se gosta (“*Tu és um amigo que não desilude, um amante sempre terno*” – l. 39).

**1.2.** O discurso de primeira pessoa (“*conto*”, l. 1, “*Gosto*”, l. 15, “*me*”, ll. 4, 8, 18, 23, 26, 34, 35, 36) e o recurso à segunda pessoa – tu (por se tratar de uma carta informal, familiar) – nas referências ao destinatário da missiva.

#### 2. Personificação.

**2.1.** Este recurso resulta particularmente expressivo, uma vez que através dele a autora consegue tornar o registo do texto mais intimista, ao mesmo tempo que humaniza o objeto (“*o livro*”), o que torna a relação entre ambos mais autêntica e credível, próxima da que se estabelece entre duas pessoas.

**3.** A autora necessita da companhia do livro quando tem insónias (ll. 1-3), em repartições públicas ou consultórios, enquanto aguarda para ser atendida (ll. 23-24), para evitar companhias indesejáveis (ll. 24-25) ou descobrir a “*grandeza humana*” nos dias em que se sente mais pessimista (ll. 26-27).

**4.1.** Resposta pessoal. Exemplo de adjetivos: cobardes, perseguidos, assustados (“*há quem use os livros como refúgio contra as escolhas e os obstáculos da vida*” – ll. 18-19); superficiais, fingidos, levianos (“*há quem deslize pelos livros em diagonal, como numa pista de esqui*” – ll. 19-20); brutos, oportunistas (“*há quem use os livros como meros objetos tácteis ou armas de arremesso contra a ignorância alheia*” – ll. 20-21).

#### 4.2. Comparação.

**4.2.1.** Através deste recurso, a autora exemplifica de forma mais visual a relação que este tipo de leitores estabelece com os livros: fugaz e superficial.

**5.1.** Os autores que Inês Pedrosa refere funcionam como fonte de inspiração, uma vez que os temas e as dúvidas que eles abordaram são os mesmos que a cronista procura compreender e tratar.

#### 6. “de casa”.

**7. a.** “*As tuas palavras rigorosas protegem-me das palavras armadilhadas*” – oração subordinante; “*que circula fora de ti.*” – oração subordinada adjetiva relativa restritiva.; **b.** “*Dizem*” – subordinante; “*que existes para contar uma história bem contada*” – oração subordinada substantiva completiva; “*para contar uma história bem contada*” – oração subordinada adverbial final [oração coordenada]; “*mas isso qualquer um pode fazer.*” – oração coordenada adversativa.

## Página 18

### Pós-leitura | Oralidade

**1.1. a.** *Contos do Gin-Tonic* de Mário-Henrique Leiria.; **b.** Foi uma fonte de inspiração para Nuno Markl, sensibilizando-o para o humor e influenciando o seu futuro.; **c.** Através da sua professora de Português, que lhe emprestou o livro.

**1.2. / 1.2.1. a.** F. O autor já escrevia histórias que denotavam alguma sensibilidade para o humor antes de ter conhecido o livro de Mário-Henrique Leiria.; **b.** F. Markl escrevia histórias de humor surreal.; **c.** V.; **d.** F. O livro teve um efeito avassalador na vida de Markl, por se ter identificado totalmente com o estilo do autor; mas, embora Markl tentasse imitá-lo, confessa que tal tarefa se revelou muito difícil.; **e.** V.; **f.** F. Markl prefere o primeiro volume, *Contos do Gin-Tonic*.; **g.** F. Markl usa a expressão “*upgrade*” para se referir à nova edição que comprou do primeiro volume, *Contos do Gin-Tonic*.; **h.** F. O humorista comprou uma nova edição do livro, porque a consulta frequentemente e a que tinha estava muito gasta.

**1.3.** Opinião pessoal. Sugestão de resposta: A “*história da nêspira*” mistura surrealismo com sátira social, uma vez que parte de uma situação absurda (o encontro da nêspira e da velha) para criar uma metáfora da realidade, isto é, os resultados negativos que advêm da passividade e conformismo do ser humano.

[Poderá chamar-se a atenção dos alunos para o ano da publicação deste livro, 1973, e explicitar a relação existente entre o período da ditadura vivido no nosso país e a tal atitude passiva que o autor pretende caricaturar nesta curta história.]

## Página 20

### Conhecer o livro

1. – g.; 2. – o.; 3. – d.; 4. – l.; 5. – j.; 6. – s.; 7. – e.; 8. – r.; 9. – m.; 10. – q.; 11. – f.; 12. – n.; 13. – h.; 14. – a.; 15. – p.; 16. – b.; 17. – i.; 18. – t.; 19. – k.; 20. – c.

## Página 23

**MC E10 – 12. 5.** Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia.

## Página 28

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 4.** Fazer inferências, justificando.

### Sugestões de abordagem do texto de Esther de Lemos:

- Esclarecimento da relação entre língua e literatura;
- Justificação da poesia como forma de expressão das “*primeiras manifestações literárias em português*” (l. 26);
- Explicitação, a partir do último parágrafo, da designação de “cantiga” aplicada às composições poéticas medievais.

## Página 29

### Propostas de atividades a partir dos cartazes das feiras medievais:

- Troca de impressões sobre a proliferação de feiras medievais no nosso país e possível justificação para o interesse pela Idade Média.

### Tópicos de exploração do cartaz da Feira Medieval de Belver (distrito de Portalegre):

- Artista circense que faz malabarismos com o fogo em primeiro plano;
- Mercado ao ar livre, no topo da imagem;
- Imagem de um castelo, associada ao título do cartaz.

### Tópicos de exploração do cartaz do Mercado Medieval de Óbidos (distrito de Leiria):

- Combinação da fotografia com ilustração, representando-se diferentes universos/personagens;
- Três figuras ocupam uma posição central no cartaz – três homens que usam indumentárias da época: um cavaleiro com armadura enverga um estandarte com as quinas da atual bandeira portuguesa e dois artistas tocam instrumentos;
- Uma tenda, do lado esquerdo, possivelmente de um mercado;
- Ilustração de um falcão no canto superior direito (representação da falcoaria);
- Três quadros, na parte inferior da imagem, ilustram a rotina e a dureza da vida do povo;
- Caracterização da época medieval a partir dos elementos destacados nos cartazes, nomeadamente no que diz respeito a:
  - figuras humanas/classes sociais;
  - situações quotidianas;
  - atividades económicas;
  - vivências político-militares.

### Tópicos de exploração da cantiga de amor de Nuno Eannes Cerzeo:

- Identificação do sujeito poético e do destinatário das suas palavras e da possível relação entre ambos;
- Indicação do tema e do assunto da composição (morte de amor);
- Reconhecimento dos efeitos do amor sobre o “eu” lírico;
- Discussão sobre a ideia da “morte de amor”;
- Reflexão sobre a existência e o valor do refrão.

## Página 30

### Pré-leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

**1. 4.** Fazer inferências.

**1. 7.** Explicitar marcas da reportagem.

**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

### Pré-leitura | Oralidade

**1.1. a.** Santa Maria da Feira; **b.** Anualmente; **c.** Reinado de D. Afonso II; **d.** Testemunhos recolhidos: o de Paulo Sérgio Pais, da organização, e de visitantes da feira; **e.** *A Centelha* é um espetáculo que retrata a reconquista de Alcácer do Sal aos mouros e está em cena todos os dias. Existem ainda trinta áreas temáticas, três centenas de espetáculos, animação nas ruas e reconstituições de batalhas e cortejos.

**1.2.** O repórter usa um discurso objetivo, referindo informações de carácter prático (local/data da feira e atividades desenvolvidas). Também o organizador do evento, Paulo Sérgio Pais, é bastante objetivo, explicando as circunstâncias em que a feira se realiza e descrevendo o espetáculo *A Centelha*. Já os testemunhos dos visitantes revelam uma menor objetividade, pois integram comentários apreciativos e valorativos sobre a feira medieval.

**1.2.1.** A utilização da 3.ª e da 1.ª pessoas verbais depende, precisamente, da maior ou menor objetividade da informação veiculada. Daí que o jornalista e o organizador utilizem a 3.ª pessoa, enquanto os visitantes, que fazem comentários valorativos, usam, genericamente, a 1.ª pessoa do singular ou plural (*"Achei"*; *"Gostei"*; *"[...] estamos a adorar"*).

**1.3.** O jornalista apresenta testemunhos variados para conferir maior credibilidade à reportagem, pois corroboram a ideia de que este é um evento que vale a pena visitar.

**1.4.** Atualidade do acontecimento relatado, presença do jornalista no local, testemunhos.

**1.4.1.** Relato pormenorizado de um acontecimento, partindo de um trabalho de pesquisa e da deslocação ao local dos factos. Distingue-se da notícia por usar um registo menos objetivo, *"interpretando"* os acontecimentos.

### Página 31

#### Pré-leitura | Oralidade

**1.5.** Resposta pessoal. Sugestão de resposta: Período conturbado, com combates e guerras.

**2.1. / 2.1.1. (a)** período situado entre a Antiguidade greco-romana e os tempos modernos (por isso, época/idade média (no meio); **(b)** mil anos, do século V ao século XV; **(c)** cidades desenvolvidas à volta do castelo; ideia de Estado ainda inexistente; o rei como dono e senhor de uma grande quinta; **(d)** esperança média de vida muito baixa; condições de vida degradantes; injustiça social; **(e)** miséria e injustiça (recolha de impostos do povo para sustentar a nobreza e o clero); **(f)** Cristianismo corrompido pelo Clero, que detinha um enorme poder; **(g)** o clero como única classe culta.

**2.2.** Resposta pessoal. Tópicos de resposta: a recorrente tentativa de recriação da época medieval através de feiras; o desfazamento entre as feiras atuais e o cenário real medieval (a Idade Média surge-nos fantasiada, ignorando-se a dureza das condições em que as pessoas daquela altura viviam).

### Pré-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1. 4.** Fazer inferências.

**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**EL10 – 16. 1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

### Página 33

#### Leitura | Compreensão

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

**EL10 – 16. 1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

## Leitura | Compreensão

1. Resposta pessoal.

2.1. No texto, o autor refere os trovadores, homens de condição social elevada que compunham poesias como forma de distração e de divertimento, os jograis, indivíduos que, embora humildes, se distinguiam pela sua eloquência, tocavam instrumentos e cantavam versos próprios ou de outros, sendo para isso remunerados (“*vagabundos autorizados*”) e, finalmente, os segréis, que não eram de linhagem nobre (“*cavaleiro vilão*”) e existiam em menor número em relação aos anteriores.

3. “*temas de amor, de amigo e de escárnio*” (l. 39).

3.1. Resposta pessoal. Temáticas possíveis: amor, amizade, crítica social...

4. As aspas servem para destacar as palavras em português antigo, sendo que algumas são facilmente reconhecidas pela sua forma arcaica (“*ben talhadas*”, “*fremosa*”); outras, porém, são usadas atualmente, mas com um significado diferente do daquela época (“*amigas*”).

5.1. Resposta pessoal. Sentidos possíveis: “*coitas*” – sofrimentos, desgostos, tristeza; “*amigo(s)*” – namorado(s), amado(s), apaixonado(s).

## Página 34

### Leitura | Compreensão

6. É estabelecida uma relação de oposição com o parágrafo anterior, uma vez que nele se apresenta um tipo de mulher mais recatada e casta que se distingue das figuras femininas referidas nos parágrafos precedentes.

7. A mulher retratada nas cantigas de amigo é inocente e pura, bela e elegante, sóbria. Trata-se de alguém recatado, que aprecia a tranquilidade da sua casa e cujo objetivo de vida é casar e ser uma boa dona de casa e “*mãe de família*”.

8. Resposta pessoal.

## Pós-leitura

**MC** L10 – 8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

## Pós-leitura

1.1. b. Segundo a *Arte de Trovar*, o enunciador – feminino ou masculino –, identificado na primeira estrofe do poema, permite distinguir as cantigas de amigo das de amor.

## Página 35

### Tópico de exploração do texto “A poesia trovadoresca galego-portuguesa – As origens”:

▪ Distinção das duas influências atuantes sobre a poesia trovadoresca galego-portuguesa e respetiva caracterização: uma, de carácter mais espontâneo e oral, de origem tradicional, e outra, estrangeira, proveniente do sul da França, mais trabalhada em termos técnicos e ao nível do conteúdo.

## Página 36

### Tópico de exploração do texto “A poesia trovadoresca galego-portuguesa – Os cancioneiros galego-portugueses”:

▪ Identificação dos três cancioneiros que recolhem a poesia galego-portuguesa e do conteúdo de cada um: o *Cancioneiro da Ajuda*, o *da Vaticana* e o *da Biblioteca Nacional*, sendo que este último é o mais volumoso e inclui o fragmento de uma “arte de trovar”. Todos incluem os três géneros de cantiga.

## Página 37

### Pré-leitura

**MC** L10 – 7. 1. Identificar o tema dominante, justificando.

7. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

## Pré-leitura

1.1. A amizade, como o próprio título sugere.

1.1.1. A autora começa por refletir sobre algumas expressões frequentemente usadas, mas que não fazem sentido para, seguidamente, desconstruir o significado da expressão “*Amigos pessoais*”.

## Página 38

### Pré-leitura

1.2. Segundo Fernanda Câncio, as “*cantigas de amigo*”, naquela época, seriam uma prova de ligação afetiva profunda, do mesmo modo que, atualmente, as confidências e desabafos exemplificam este tipo de relacionamento.

1.2.1. / 1.2.2 Fernanda Câncio sugere uma aproximação entre as cantigas de amigo e as de amor, cuja temática comum é o sentimento amoroso, o que se confirma na composição de Martim Codax. Repare-se na utilização das palavras “*amigo*” e “*amado*” nos versos 2, 5 e 10 como se de sinónimos se tratasse.

**Sugestão:** Ao longo da abordagem das cantigas medievais, pode ser interessante escutar a versão musicada de algumas delas. Assim, sugere-se a consulta do *site* do projeto *Littera* (da responsabilidade do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) – <http://cantigas.fcsh.unl.pt> –, no qual é possível encontrar diversas versões de cantigas, e a audição dos álbuns *Cantos D’ Antiga Idade*, de Pedro Barroso (1994, Strauss – Música e Vídeo, SA), ou *Cantigas d’ amigo* de La Batalla, com direção de Pedro Caldeira Cabral (1984, EMI – Valentim de Carvalho). A tuna feminina conimbricense Mondeguinas interpretou também algumas cantigas de amigo.

## Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

15. 2. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

## Leitura | Compreensão

1. Trata-se de uma cantiga de amigo, uma vez que o sujeito lírico é uma mulher que se dirige ao seu amigo/amado.

2.1. c.

## Página 39

### Leitura | Compreensão

3. O “eu” lírico encontra-se ansioso, agitado e preocupado (v. 11).

3.1. O seu nervosismo deve-se à incerteza da chegada e à demora do seu amigo.

3.2. O sujeito poético encontra-se sozinho a observar o mar que, aos seus olhos, parece cada vez mais agitado, espelhando o seu estado de espírito e as suas emoções.

4. O poema pode ser dividido em duas partes: a primeira corresponde às duas primeiras estrofes (coblas) – o sujeito poético interpela as “*Ondas do mar de Vigo*” sobre o paradeiro do seu amigo; nas duas estrofes seguintes, o “eu” lírico realça a preocupação em relação ao amado.

4.1. As estrofes que compõem cada uma das partes do poema apresentam um conteúdo semântico bastante semelhante. O segundo dístico de cada par repete, com ligeira variação, a ideia já apresentada no primeiro.

4.1.1. As mudanças linguísticas introduzidas no segundo dístico de cada par de estrofes dizem essencialmente respeito à troca de palavras/expressões no final dos versos, sem que ela acarrete alterações semânticas face à estrofe anterior.

5. Existem apenas quatro versos nesta cantiga que diferem, em termos semânticos: 1, 2, 3 (refrão) e 8.

6. Refrão.

6.1. a. A repetição do verso “*E ai Deus, se verrá cedo!*” realça o estado de ansiedade e angústia que o sujeito poético experiencia em virtude da demora do seu amado. b. O refrão reflete um clima de grande religiosidade e sugere a transmissão oral das cantigas (de natureza repetitiva).

## Escrita

**MC E10 – 10. 2.** Elaborar planos.

12. 1. Respeitar o tema.

12. 2. Mobilizar informação adequada ao tema.

12. 3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

12. 4. Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

13. 1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

**Tópicos de exploração:** o ‘travesti’ poético – um autor masculino que assume o papel de enunciador lírico feminino; o autor masculino e o sujeito poético/“*Eu da enunciação, Eu poético ou Eu que nos fala*” feminino; o autor Martim Codax dá voz a uma donzela apaixonada e saudosa na sua cantiga de amigo.

## Página 40

### Pré-leitura

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, justificando.

14. 8. d) Identificar características do texto poético no que diz respeito ao paralelismo.

15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

15. 2. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

### Pré-leitura

1.1. A utilização do adjetivo “*coitada*” adquire relevância neste contexto, uma vez que denota o sofrimento do sujeito lírico, uma mulher, resultante da ausência do seu amado.

### Leitura | Compreensão

1. O “eu” enunciador sente-se infeliz e sofre pela ausência do seu amado que partiu para a guerra.

1.1. A apóstrofe confere à composição poética um tom marcadamente confessional (“*madre*”), e a estrutura paralelística dos versos enfatiza o sofrimento do “eu” lírico.

## Página 41

### Leitura | Compreensão

1.2. A donzela mostra-se infeliz, magoada e preocupada pelo facto de o amigo partir para a guerra, deixando-a sozinha com a incerteza do seu regresso.

2. Esta cantiga apresenta um forte valor documental, uma vez que através dela confirmamos tratar-se de um período em que os conflitos e as guerras eram uma constante, o que pode ser atestado nas expressões “*que se vai no ferido*” e “*que se vai no fossado*”, e dominado pela religiosidade.

### Pós-leitura

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

## Pós-leitura

1. As cantigas de amigo têm uma estrutura muito simples, cuja unidade rítmica é estabelecida através do par de dísticos e não da estrofe. A estrutura repetitiva destas composições reflete a associação entre a poesia e a música.

1.1. A cantiga de Martim de Ginzo apresenta uma estrutura paralelística: as duas estrofes iniciais constituem o primeiro par, com repetição quase total dos versos 1-2 e 4-5, verificando-se apenas uma ligeira variação nas palavras da rima, mudança esta que não implica uma alteração do seu significado. Nas estrofes seguintes, os versos 7 e 10 são uma repetição dos versos 2 e 5, o verso 11 é uma variante do verso 8. Finalmente, o último verso de cada estrofe repete-se ao longo de toda a composição, funcionando como refrão. Assim, numa composição de doze versos, existem apenas quatro semanticamente diferentes.

## Página 42

### Pré-leitura | Oralidade

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 8. d) Identificar características do texto poético no que diz respeito ao paralelismo.

### Pré-leitura | Oralidade

1. (a) “Ai, madre, moiro d’ amor!”; (b) “e oj’ est’ o prazo passado!”; (c) “e oj’ est’ o prazo saído!”; (d) “Ai, madre, moiro d’ amor!”; (e) “Por que mentiu o desmentido?”; (f) “Por que mentiu o perjurado?”.

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 8. d) Identificar características do texto poético no que diz respeito ao refrão.

### Leitura | Compreensão

1. Trata-se de uma rapariga que confidencia o seu desgosto de amor à mãe, em virtude de o seu amigo ter faltado ao encontro combinado.

2.1. A interjeição revela o estado emocional da figura feminina, que se encontra em grande sofrimento (“Ai, madre, moiro d’ amor!”), sentindo-se frustrada e desgostosa. É esse mesmo estado que revela à sua mãe, diretamente interpelada através do vocativo e que funciona como sua confidente.

## Página 43

### Pós-leitura | Oralidade

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 8. Identificar características do texto poético no que diz respeito a: a) estrofe [...]; b) métrica [...]; c) rima [...]; d) paralelismo (cantigas de amigo); e) refrão.

15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

15. 4. Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

010 – 3. 1. Pesquisar e selecionar informação.

3. 2. Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

4. 2. Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

5. 2. Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.

5. 3. Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

### Pós-leitura | Oralidade

1. **(a)** sofrimento, frustração, desapontamento; **(b)** desgosto, irritação e raiva; **(c)** e **(d)** mentiroso e faltoso; **(e)** e **(f)** confidente da rapariga; **(g)** apóstrofe (“*madr[e]*”), interjeição e hipérbole (“*Ai, madre, moiro d’ amor!*”), interrogação retórica (vv. 8 e 11) e o refrão; **(h)** interjeição associada à apóstrofe (“*Ai madre*”); **(i)** estrutura paralelística, cantiga com seis estrofes (dístico + refrão), sendo que apenas cinco versos se distinguem semanticamente; **(j)** cantiga constituída por quatro estrofes (dístico + refrão), o refrão é o único verso que se repete.

### Página 44

#### Pré-leitura | Oralidade

**MC** O10 – 1. 2. Explicitar a estrutura do texto.

**EL10 – 15. 7.** Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (música), estabelecendo comparações pertinentes.

#### Pré-leitura | Oralidade

1. Para além do destinatário/confidente plural que responde ao sujeito lírico, verifica-se também paralelismo perfeito mas em dois momentos distintos da cantiga (estrofes 1-4 e 5-8).

### Página 45

#### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

14. 8. d) Identificar características do texto poético no que diz respeito ao paralelismo.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

#### Leitura | Compreensão

1. / 1.1. / 1.2. **a.** F. A cantiga pode ser dividida em dois momentos: as quatro coblas iniciais, em que o sujeito lírico pede às “*flores do verde pino*” notícias do amado; as quatro estrofes seguintes, em que é apresentada uma resposta às questões colocadas pelo “eu” lírico.; **b.** V. Na primeira parte, o emissor corresponde à entidade feminina, enquanto, na segunda parte, o confidente (“*flores do verde pino*”) assume o papel de enunciador.; **c.** V. As “*flores do verde pino*” respondem às questões colocadas pelo “eu”.; **d.** F. A repetição da oração condicional associada ao refrão intensifica a ansiedade do sujeito poético; **e.** F. No primeiro momento, o “*amigo*” ausente é caracterizado como mentiroso, uma vez que não cumpriu o combinado (v. 8). Porém, no segundo momento, reverte-se a caracterização: afinal ele cumprirá e estará com o sujeito lírico antes de o prazo terminar; **f.** V. Na primeira parte, o refrão reflete o desespero do “eu” poético; na segunda parte, pode deixar transparecer curiosidade e expectativa.

2. Personificação.

2.1. As “*flores do verde pino*” respondem e tranquilizam a donzela como se de um confidente humano se tratasse.

3. O estado de guerra permanente levava a indefinições sobre o paradeiro dos ausentes, persistindo a dúvida sobre a sua sobrevivência. Neste caso, o amado encontrava-se *são e vivo* (“*san’ e vivo*”).

4. Cantiga composta por 24 versos, organizados em oito dísticos, seguidos de refrão; versos decassilábicos nos dísticos da primeira parte (quatro primeiros dísticos), hendecassilábicos nos dísticos da segunda parte (quatro últimos dísticos) e pentassilábicos no refrão; coblas alternadas, com o esquema rimático *a a b / c c b* em cada par; existência de paralelismo perfeito.

#### Oralidade

**MC** EL10 – 14. 1. Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura.

## Página 46

### Pós-leitura

**MC** EL10 – 14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

15. 7. Analisar recriações de obras literárias do Programa [...].

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pós-leitura

1.1. a. É nítida a influência do texto de D. Dinis na composição de Manuel Alegre, particularmente pela utilização do verso “*Se sabeis novas do meu amigo*”, pela repetição de palavras como “*novas*” e “*amigo*” e um certo paralelismo estrutural.; b. Em ambas as composições, identificamos um discurso emotivo e desesperado do sujeito poético cuja ansiedade se manifesta em virtude da ausência de notícias sobre alguém que lhe é importante. Nos dois textos o “eu” interpela um elemento natural (as flores – na cantiga – e o vento (v. 19) – no poema de Manuel Alegre). No entanto, o texto de Manuel Alegre não apresenta a resposta que a composição de D. Dinis fornece.

1.2.1. Resposta pessoal. Tópicos de resposta: Relação entre o Estado Novo e as prisões políticas, com a consequente ausência dos “amigos”.

## Página 47

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

15. 2. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

### Pré-leitura

1.1. As imagens remetem para a romaria enquanto manifestação constituída por uma parte religiosa e uma festa profana.

1.1.1. Na cantiga são retratadas as mesmas práticas religiosas e profanas observadas nos cartazes: as mães vão “*candeas queimar*” (v. 2), enquanto as filhas dançam.

## Página 48

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Leitura | Compreensão

1. O sujeito poético descreve um evento futuro (a romaria), que decorrerá num espaço físico definido (“*San Simon*”), onde serão personagens as “*meninhas*” (uma delas o “eu” lírico), bem como os seus amigos e as suas mães.

1.1. As mães vão cumprir as suas promessas e as “*meninhas*” acompanham-nas para se encontrarem com os seus amigos que também lá irão.

2. Numa romaria, o ambiente festivo, ligado à sua dimensão profana, associa-se à música e à dança. As raparigas assumem abertamente que os amigos irão à romaria para as verem dançar e será esta a sua forma de afirmação de beleza e de sedução.

3. É um sujeito poético plural (“*nós*”).

4. As romarias constituíam manifestações da religiosidade medieval.

### Pós-leitura | Oralidade

**MC** O10 – 1. 1. Identificar o tema dominante, justificando.

EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura | Oralidade

### 1.1. ■ A romaria de Santa Eufémia;

- O sujeito lírico/narrador, o pai, a mãe e a irmã;
- O pai vai beber álcool para saldar “*contas com a vida*”, a mãe vai cumprir promessas (“*Vai voltar de alma lavada / E joelhos a sangrar*”), a irmã vai, possivelmente, encontrar-se com o namorado; o narrador não apresenta uma intenção definida;
- Existe um refrão (estrofes 3 e 6) que cria uma pausa na narração dos acontecimentos e enfatiza a importância da romaria na vida “*da gente*”.

2. Em ambos os textos, existe uma combinação entre elementos sagrados e profanos, uma vez que a romaria, um acontecimento religioso, serve distintos propósitos, nomeadamente a concretização de objetivos amorosos, isto é, o encontro entre “amigos”/namorados.

## Página 49

### Sugestão de exploração do texto “A cantiga de amigo”:

- Apresentação dos traços distintivos da cantiga de amigo, nomeadamente quanto ao emissor, aos temas, ao ambiente/“cenário” e às situações apresentadas.

## Página 50

### Pré-leitura | Oralidade

**MC** 010 – 2. 1. Tomar notas, organizando-as.

2. 2. Registrar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

5. 1. Produzir textos seguindo tópicos fornecidos.

5. 3. Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

### Pré-leitura | Oralidade

1.1.1. (a) temática idêntica: “o amor não correspondido, fonte de todo o sofrimento e causa de desconforto e lamento”; (b) “origem autóctone”, “popular” e ibérica; (c) “de inspiração cortês e provençal”; (d) o poeta fala em nome da mulher (“*finje que é a mulher a expor as suas próprias penas*”); (e) o poeta fala dos seus sentimentos (“*o poeta fala de si mesmo*”); (f) donzela, simples, ingénua e apaixonada (“*uma donzela, uma ‘dona virgo’ aparentemente simples e ingénua, sinceramente apaixonada e dolente, vulnerável a qualquer desilusão, embora também sempre pronta a defender o seu próprio sentimento de qualquer interferência*”); (g) requintada, distante, socialmente superior (“*requintada ‘senhor’ aristocraticamente esquiva e feudalmente distante*”); (h) proximidade; (i) veneração, sujeição, mantendo a hierarquia social e o esquema de vassalagem do feudalismo; (j) o amigo, os elementos da Natureza ou outras pessoas, nomeadamente a mãe ou as suas amigas (confidentes); (k) nenhuns, para além do “eu” e da “senhor”; (l) Natureza; (m) não existem referências diretas ao cenário ou ambiente que poderia servir de pano de fundo.

## Página 51

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

14. 8. Identificar características do texto poético.

16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

G10 – 18. 4. Identificar orações subordinadas.

## Leitura | Compreensão

1. O sujeito poético sofre com a ausência da sua amada (vv. 1-2). Assume uma atitude suplicante e submissa, colocando o seu destino nas mãos da “senhor” (“*queredes-vos de min doer / ou ar leixade-m’ ir morrer*”).
2. A “Senhor” é bela (v. 4; v. 10), dominadora (vv. 7-8) e perfeita em termos morais (v. 16).
- 2.1. Se, por um lado, o sujeito poético se mostra submisso e totalmente rendido aos encantos da mulher amada, ela parece indiferente às suas súplicas.
3. Trata-se de uma oração subordinada adverbial consecutiva, que evidencia a magnitude dos sentimentos do “eu” lírico: as insónias (“*nunca estes olhos meus / dormem*”) resultam da intranquilidade provocada pelo sentimento amoroso.
4. A última estrofe funciona como conclusão do poema, reforçando-se novamente a ideia de que o sujeito poético se encontra totalmente rendido às qualidades e à vontade da mulher amada: o que quer que ela faça será para ele motivo de grande alegria.
5. Cantiga de refrão, com três estrofes (de quatro versos, seguidos de refrão dístico) e uma finda (cobla final e conclusiva) de dois versos. Os versos são heptassilábicos e octossilábicos e existe rima interpolada e emparelhada nas quadras e emparelhada nos dísticos (refrão e finda).

## Página 52

### Pós-leitura | Escrita

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**7. 5.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.

**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

**9. 1.** Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

**G10 – 17. 1.** Referir e caracterizar as principais etapas de formação do português.

**17. 2.** Reconhecer o elenco das principais línguas românicas.

**E10 – 10. 2.** Elaborar planos.

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: síntese [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

### Pós-leitura | Escrita

**1.** Resposta pessoal com referência ao amor.

**1.1.** Resposta pessoal. Hipóteses possíveis: o sentimento amoroso, o amor não correspondido.

**2.1.** Trata-se de uma carta informal, que integra as fórmulas de saudação (“*Querida Língua Portuguesa*”, l. 1) e de despedida (“*Do orgulhosamente teu, desde sempre*”, ll. 19-20) e se serve da forma de tratamento da segunda pessoa.

**2.2.** A Língua Portuguesa.

**2.2.1.** A passagem destaca a relação de reciprocidade e de dependência entre o emissor e o destinatário das suas palavras. A existência de um justifica a presença do outro.

## Página 53

### Pós-leitura | Escrita

#### 3.1.1. Resposta pessoal. Tópicos possíveis:

- a língua portuguesa pertence à família das línguas românicas;
- o latim vulgar foi trazido pelos soldados e colonos romanos aquando da invasão romana (218 a. C.);
- os povos autóctones adotaram o latim, que evoluiu lentamente;
- com as invasões germânicas (séc. V), que desagregaram o Império Romano, e com as invasões árabes (séc. VIII), acelerou-se a evolução linguística dos “romances” hispânicos;
- o galaico-português corresponde à primeira fase do português (séc. XII-XV);
- os Descobrimentos determinaram a expansão do português, que é hoje falado por mais de 250 milhões de pessoas em todo o mundo;
- com as suas variedades – africanas, brasileira e europeia – até quando conseguirá o português manter a sua unidade?

## Página 54

### Pré-leitura | Oralidade

**MC** O10 – 2. 1. Tomar notas, organizando-as.

**EL10** – 14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

### Pré-leitura | Oralidade

1. (1) h.; (2) f.; (3) c.; (4) j.; (5) a.; (6) i.; (7) d.; (8) g.; (9) b.; (10) e.

## Página 55

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

### Leitura | Compreensão

1. O amor, o elogio da mulher amada.

2. O texto pode ser dividido em duas partes: a primeira corresponde à primeira estrofe e a segunda parte às estrofes dois e três. Na primeira parte, o sujeito poético apresenta o objetivo da sua composição (“fazer agora um cantar d’ amor”) e, num segundo momento, identifica as características da amada que justificam a sua declaração de amor.

2.1. A conjunção estabelece uma relação de causalidade em relação à primeira estrofe, uma vez que as estrofes dois e três funcionam como justificação do propósito da cantiga.

3.1. Fisicamente, a “senhor” é bela (“fremusura”, v. 4; “beldad[e]”, v. 16) e tem um sorriso bonito (“riir melhor / que outra molher”, vv. 17-18). Do ponto de vista moral, é dotada de grande valor (“prez”, v. 4), sendo generosa (“bondade”, v. 5), sensata (“bon sen”, v. 12) e muito sociável (v. 11).

3.2. A adjetivação (vv. 6, 9, 11, 18) e a hipérbole (vv. 6-7) contribuem para a caracterização da mulher amada, sendo que o elogio que o sujeito poético lhe dirige acaba por colocá-la num plano de superioridade, de acordo com o modelo da poesia provençal.

3.3. A mulher amada é perfeita a todos os níveis, o que a eleva a um plano superior, tornando-se inacessível ao sujeito poético, o que lhe causa sofrimento.

### Pós-leitura

**MC** L10 – 9. 1. Expressir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pós-leitura

1. No *cartoon*, podemos observar uma paisagem montanhosa, onde se destacam duas figuras humanas: uma feminina, sentada na montanha mais elevada e uma masculina, que se encontra a escalar a elevação mais próxima, usando para o efeito várias escadas de madeira que parecem frágeis. De destacar o posicionamento da mulher, de costas voltadas para o homem, revelando desinteresse e indiferença perante o esforço e o perigo a que o homem se sujeita para alcançá-la.

1.1. Em ambas as composições o homem assume uma atitude submissa em relação à mulher amada, que se encontra num plano de superioridade e se torna inalcançável.

### Página 56

#### Tópicos de exploração do texto “A cantiga de amor e o amor cortês”:

- a celebração, na canção de amor provençal, das qualidades físicas e morais da mulher amada, de que decorre, apesar de não correspondido, um sentimento dominante de “*júbilo de amor*”;
- o elogio de acordo com o código de amor cortês, que obriga o trovador a ocultar a identidade da dama celebrada e a prestar-lhe “vassalagem”, jurando-lhe fidelidade;
- a distinção das canções dos trovadores galego-portugueses face às provençais na expressão do sofrimento (coita de amor), na abordagem da morte por amor e na ausência de expressões objetivas, quer na caracterização da mulher amada quer na descrição de ambientes.

### Página 58

#### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 8. e) Identificar características do texto poético no que diz respeito ao refrão.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

#### Leitura | Compreensão

1. O amor não correspondido, causador do sofrimento, da loucura e até da morte.

2. Este poema distingue-se dos anteriores por não existir nenhum elogio explícito das características da figura feminina, embora a inacessibilidade da mulher amada seja uma tônica constante. À semelhança das cantigas de amor anteriormente estudadas, não há nenhum traço que permita individualizar a “*senhor*”, que foi “*levada*” por quem a não merecia, o que agrava o sofrimento do sujeito poético.

2.1. A indiferença da mulher amada é causa de grande sofrimento e desespero ao sujeito poético, que deseja inclusivamente a morte.

3. A comparação permite ao sujeito poético descrever, implicitamente, o seu estado de alma. Ao identificar-se com os que “*morreram de amor*”, o “*eu*” enunciador intensifica o seu sofrimento, já que se revê nas suas frustrações.

4. O refrão contribui para reiterar o sentimento amoroso do sujeito poético.

4.1. A interjeição, o vocativo, a apresentação do segundo termo da comparação introduzida no primeiro verso da estrofe e a exclamação.

4.2. Com a repetição da frase que constitui o refrão, intensifica-se a obsessão do sujeito poético e concluem-se as comparações estabelecidas no início de cada estrofe.

### Página 59

#### Pós-leitura

**MC** L10 – 7. 1. Identificar o tema dominante, justificando.

7. 2. Fazer inferências, fundamentando.

7. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

7. 5. Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.

7. 6. Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas do [...] artigo de divulgação científica.

8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

8. 2. Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente.

9. 1. Exprimir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

## Pós-leitura

1.1. “desgraçado” (l. 25); “Trágica” (l. 27); “fatal” (l. 29); “sofrimento” (l. 31).

## Página 60

### Pós-leitura

1.2.1. (C); 1.2.2. (D);

## Página 61

### Pós-leitura

1.2.3. (C); 1.2.4. (A); 1.2.5. (B)

1.3. O texto pretende apresentar informações sobre o sentimento amoroso e de que modo este é visto quer do ponto de vista científico quer no contexto popular.

1.4. 1.<sup>a</sup> parte – primeira frase do texto (introdução e apresentação do tema – mito do amor romântico); 2.<sup>a</sup> parte – segunda frase do 1.º parágrafo até ao final do 2.º parágrafo (apresentação diacrónica da perspectiva científica sobre o assunto); 3.<sup>a</sup> parte – 3.º, 4.º e 5.º parágrafos (definição do amor romântico enquanto mito da cultura ocidental e apresentação de exemplos da literatura); 4.<sup>a</sup> parte – do 6.º ao 9.º parágrafo (explicitação do amor enquanto estado irracional do ser humano); última parte – último parágrafo (conclusões decorrentes de estudos científicos sobre este sentimento).

1.5. A afirmação irónica de Menckendeck pretende realçar a faceta do sentimento amoroso como um estado em que se verifica a ausência de discernimento e perspicácia do ser humano.

1.6. A imagem apresenta um fotograma de um filme que recria um dos maiores exemplos do amor romântico, protagonizado por Romeu e Julieta, personagens de Shakespeare, que morrem tragicamente em virtude do sentimento que os aproximou.

1.7.1. Trata-se de um texto expositivo que apresenta várias informações sobre o mito ocidental do amor romântico, usando-se para esse efeito vocabulário técnico (“manifestação da psique humana”, l. 4; “áreas neuronais”, “receptores de dopamina”, “neurotransmissor”, (l. 56), linguagem clara e objetiva (ll. 1-3), mas simultaneamente acessível a um público mais generalista (“A nossa sociedade está cega pelo amor”, l. 32).

## Página 62

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

G10 – 18. 2. Dividir e classificar orações.

18. 4. Identificar orações subordinadas.

18. 5. Identificar oração subordinante.

### Leitura | Compreensão

1.1. “choran” (vv. 5, 11, 17), “cegan” (vv. 5, 6, 11, 12, 17, 18), “veen” (vv. 5, 6, 11, 12, 17, 18), “veer” (v. 10), “ver” (v. 16).

1.2. Neste contexto, “cegar” tanto refere a privação da vista, aquando da ausência da amada, como o deslumbramento que, em sentido figurado, refere a reação à presença da amada.

1.3. O olhar é o sentido privilegiado nesta composição (como é habitual nas cantigas de amor), tendo em conta que aqui se retrata um amor impossível, apenas concretizável através da observação do ser amado.

2. “Estes meus olhos nunca perderán, / senhor, gran coita” – oração subordinante; “mentr’ eu vivo for;” – oração subordinada adverbial temporal.

2.1. O sujeito poético viverá em constante e eterno sofrimento, pois tanto a ausência como a presença da sua “senhor” lhe provocam o mesmo sentimento.

3. Trata-se de uma cantiga de amor, uma vez que nela se expressa um sujeito masculino que manifesta o seu sentimento amoroso e o seu sofrimento; o tema da composição é o amor não correspondido e a descreção da “senhor” é vaga (“fremosa”, v. 3).

## Página 63

### Gramática

**MC** G10 – 17. 3. Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.

17. 4. Identificar étimos de palavras.

## Gramática

### 1.1. Formosa.

**1.1.1.** Na primeira sílaba, verificou-se a troca da consoante *r* com a vogal *e* (metátese) e, por sua vez, a vogal *e* transformou-se em *o* pela proximidade da mesma vogal na sílaba seguinte (assimilação).

**1.2.** A palavra deriva da forma latina “*cocta*”.

**1.2.1.** Verificou-se uma vocalização na alteração da consoante *c* para a vogal *i* que, por sua vez, formou ditongo com a vogal que a precede (*oi*).

**2.1. e 2.1.1. a.** supressão (apócope); **b.** supressão (síncope) e alteração (sinérese); **c.** alteração (crase); **d.** supressão (síncope) e alteração (nasalização e sinérese); **e.** supressão (síncope) e alteração (sinérese); **f.** alteração (crase); **g.** alteração (ditongação); **h.** alteração (dissimilação); **i.** supressão (apócope) e alteração (sonorização); **j.** supressão (apócope) e alteração (palatalização); **k.** supressão (apócope) e alteração (palatalização); **l.** supressão (síncope) e alteração (sinérese).

## Página 64

### Pré-leitura | Oralidade

**MC** **O10 – 1. 4.** Fazer inferências.  
**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

### Pré-leitura | Oralidade

**1. a.** A designação resulta do conteúdo e objetivo destes poemas, isto é, o de “*dizer mal*”; **b.** Num tipo de composição, a crítica é feita de modo mais direto (cantigas de maldizer), enquanto, no outro gênero, a sátira é alcançada através de referências veladas e subtis.; **c.** O principal objetivo é o de usar o humor para criticar, indo mais além da “*simples maledicência circunstancial*”.

**1.1.** Trata-se de textos de intervenção, uma vez que visavam essencialmente a crítica político-social, pessoal e de costumes (e também parodiar o amor cortês).

**1.2.1.** O objetivo das cantigas de escárnio e maldizer é o de criticar, expor e ridicularizar os defeitos do outro, como acontece com a “*dona fea*” e “*Roi Queimado*”.

## Página 66

### Leitura | Compreensão

**MC** **EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

**G10 – 17. 3.** Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.

## Leitura | Compreensão

**1. Texto A:** cantiga de escárnio; o satirizado não é identificado, existem apenas alusões indiretas que permitem caracterizá-lo (“*velha e sandia*”). **Texto B:** cantiga de maldizer; há uma crítica direta a alguém identificado, Roi Queimado.

**2. No texto A,** a “*dona*”, tal como a “*senhor*” das cantigas de amor, é o destinatário das palavras do sujeito poético, que servem, no entanto, para a criticar e ridicularizar. Já no **texto B,** denuncia-se o artificialismo da “morte por amor”.

**3.1.** O sujeito poético evidencia os defeitos da mulher a quem se dirige, que o impedem de lhe dedicar uma cantiga de amor.

**3.2.** Trata-se de uma mulher que não possui beleza física e que se afasta dos cânones da perfeição espiritual.

**3.2.1.** Através da ironia, o sujeito poético acede ao desejo da “*dona fea*” de ser “*louvada*”, mas não do modo que ela desejaria.

**3.3.** A repetição do vocativo reforça o tom satírico, pois “*dona fea*” é insistentemente interpelada e caracterizada.

**4.1. / 4.1.1.** 3.<sup>a</sup> pessoa do singular que, associada ao pretérito perfeito simples do indicativo, confere um tom narrativo ao poema.

**4.2.** Roi Queimado.

**4.2.1.** O sujeito poético critica o trovador por repetir, nas suas cantigas, que morre de amor, continuando a produzi-las, “ressuscitando”. Além disso, põe em causa os dotes poéticos do trovador, que pretende mostrar-se mais engenhoso do que realmente é.

**4.3.** A polissemia do verbo “*morrer*” e a utilização metafórica da expressão “*morreu con amor*”, a hipérbole (no exagero das capacidades de Roi Queimado) e a ironia.

**4.4.** O vocabulário religioso acentua o tom irónico do poema, aproximando Roi Queimado de Jesus Cristo, que ressuscitou “*ao tercer dia*”.

**4.5.** A cantiga pode ser dividida em três partes: versos 1 a 9 – identificação do objeto da sátira, Roi Queimado; versos 10 a 21 – ridicularização do visado, devido à sua vaidade (v. 10) e à superficialidade das suas palavras (vv. 11- -12); versos 22 a 24 – conclusão irónica sobre as capacidades sobre-humanas de Roi Queimado.

**5. a.** ditongação; **b.** síncope e contração (sinérese); **c.** síncope; **d.** aférese.

## Oralidade

**MC EL10 – 14. 1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura.  
**L10 – 9. 2.** Analisar a função de diferentes suportes em contextos específicos de leitura.

## Página 67

### Pré-leitura | Oralidade

**1. (a)** direi; **(b)** dormi; **(c)** logar; **(d)** vi; **(e)** teer; **(f)** mandou; **(g)** acender; **(h)** ben.

## Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.  
**14. 8. c)** Identificar características do texto poético no que diz respeito à rima.

## Leitura | Compreensão

**1.1.** A figura criticada é um nobre.

**1.2.** O nobre é ridicularizado pela sua pobreza: a temperatura da sua cozinha revela que não é usada, pois não tem comida (não há moscas) nem bebida (só bebe vinho se lho derem).

**1.3.** A cantiga denuncia a decadência da nobreza.

## Página 68

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.  
**14. 8.** Identificar características do texto poético no que diz respeito a: a) estrofe [...]; b) métrica [...]; c) rima [...].

## Leitura | Compreensão

1. A. – 2. – b.; B. – 1. – a.

1.1. O **texto A** é uma cantiga de maldizer, uma vez que se identifica diretamente o visado da crítica, o jogral Lopo. A cantiga é composta por duas sextilhas, predominantemente com versos octossílabos, havendo no entanto quatro versos hexassílabos (vv. 4, 6, 10 e 12) e apresenta rima emparelhada e interpolada (a a a b a b / c c c b c b). Já o **texto B** é uma cantiga de escárnio, pois não se identifica claramente o visado (o dono do “cavalo” que “nom comeu” – “Seu dono”) e é constituída por três estrofes com rima emparelhada e cruzada (a a a b a b / c c c b c b / d d d b d b) e com versos de quatro, cinco e sete sílabas métricas, com predomínio do último metro.

2. No **texto A**, o sujeito lírico critica a forma como o jogral Lopo canta. No **texto B**, o poeta ridiculariza a pobreza do nobre, adivinhada pela magreza do seu cavalo.

## Página 69

### Escrita

**MC E10 – 10. 2.** Elaborar planos: a) estabelecer objetivos; b) [...] selecionar informação pertinente; c) definir tópicos e organizá-los [...].

12. 1. Respeitar o tema.

## Pós-Leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

1. 4. Fazer inferências.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

## Pós-Leitura | Oralidade

1.1. Vítor Cotovio entende o humor como “uma forma sublime de comunicação”.

1.1.1. O riso envolve uma componente física e, simultaneamente, psicológica, contribuindo para o aumento da qualidade de vida. O humor melhora o nosso sistema imunológico, porque desencadeia determinado tipo de processos físicos, e, por outro lado, aumenta a libertação de certas endorfinas que nos permitem lidar melhor com a dor e o sofrimento.

## Página 70

### Sugestões de abordagem do texto “As cantigas de escárnio e maldizer”:

- Distinção entre cantigas de escárnio e cantigas de maldizer;
- Enumeração dos recursos utilizados pelas cantigas de escárnio e de maldizer para atingir o seu objetivo crítico e satírico;
- Comentário sobre o valor documental das cantigas de escárnio e de maldizer enquanto “precioso testemunho sobre a Idade Média portuguesa e peninsular” (ll. 1-2).

## Página 71

### Projeto de Leitura

**MC EL10 – 15. 6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Página 74

### Grupo I – A

1. O sujeito poético encontra-se em grande sofrimento, chegando mesmo a pedir a morte, caso não consiga ver a mulher amada.

2. A visão é o sentido responsável pelo desencadear do amor. Nessa medida, é compreensível que o sujeito poético deseje ardentemente ver a sua “dona” e o seu desespero é levado ao extremo, ao desejar a morte, caso tal não aconteça. Repare-se na repetição da forma verbal “amostrade” e de outras palavras do campo lexical da visão (“olhos”, “choran”, “aveer”).

3. A repetição da apóstrofe (“Deus”) realça o desespero do “eu” enunciador e a sua incapacidade em controlar as suas ações e o seu destino. A hipérbole, por sua vez, usada na apresentação da mulher, permite exaltar os seus atributos que superam os de qualquer outra (vv. 7-8).

## Página 75

### Grupo I – B

4. O tema do texto é a ridicularização do amor cortês, cujas regras obrigavam o amador a retribuir o desamor da senhor com amor. Mas o trovador apenas sente indiferença por ela e, portanto, não compreende o motivo de tanto desamor, acabando, assim, a dona por cair no ridículo.

5. Trata-se de uma cantiga de escárnio, uma vez que o sujeito poético ridiculariza não só as regras do amor cortês, mas também a destinatária das suas palavras, ainda que não a identifique explicitamente (“dona”).

## Página 76

### Grupo II

1. A frase interrogativa com que se inicia o artigo retoma uma ideia comum – a de que a “morte por amor” é apenas uma hipérbole, não se concretizando em termos físicos – para a pôr em causa. Ao rebater tal opinião, a autora introduz o tema do texto: a cardiomiopatia takotsubo ou “síndrome do coração partido”, que descreve e caracteriza, a partir de informações de carácter científico.

2. (C)

3. As referências a instituições, a especialistas e a estudos científicos, identificando as fontes das informações divulgadas no artigo, credibilizam o conteúdo do texto.

4.1. (A)

## Página 77

### Grupo II

4.2. (B); 4.3. (B); 4.4. (D)

5. a. Apócope, sonorização, palatalização e assimilação. b. Apócope, síncope, epêntese e prótese. c. Apócope e sonorização.

6. Oração subordinada substantiva completiva.

## Página 80

**EL** O Programa determina a exploração de excertos de dois dos seguintes capítulos da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes:

- Capítulo XI (11);
- Capítulo CXV (115);
- Capítulo CXLVIII (148).

Apresenta-se, nesta sequência, o texto integral dos três capítulos referidos, oferecendo-se a possibilidade de escolha dos excertos a trabalhar de acordo com as especificidades dos alunos.

**MC** L10 – 7. 2. Fazer inferências, fundamentando.

8. 2. Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente.

9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

**EL** 10 – 14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

### Tópicos de exploração do texto de Luís Almeida Martins:

- Síntese do assunto de cada um dos parágrafos do texto numa frase ou expressão sugestiva (sugestão: Primeiro parágrafo – Fernão Lopes, escritor de sempre; segundo parágrafo – Um funcionário público da Idade Média; terceiro parágrafo – Um artista da frase);
- Transcrição de passagens que apresentem os princípios orientadores da obra de Fernão Lopes (“*Tudo o que ele escreveu era verdade*”, l. 14; “*A ideia que o norteou foi contar as coisas com o máximo de realismo*”, ll. 26-27; “*como observador atento da realidade que era, não lhe escapou o papel decisivo desempenhado pelo povo anónimo no curso da História.*”, ll. 27-28);
- Explicação para a preocupação de Fernão Lopes de considerar “*o papel decisivo desempenhado pelo povo anónimo no curso da História*” (l. 28) (reconhecimento da importância das grandes massas populares enquanto motor da História);
- Comentário sobre a expressividade das expressões caracterizadoras do cronista no excerto: “*Como se isto não bastasse, era um artista da frase, um pintor de imagens verbais, um compositor sinfónico que utilizava as letras em vez das notas de música.*” (ll. 28-30) (as expressões destacam a qualidade linguística e estilística do discurso de Fernão Lopes);
- Justificação da utilização de aspas em “*tudo*” (l. 32): com a utilização das aspas, o autor destaca o carácter limitado daquilo a que o termo se refere; não se trata de conhecer a globalidade dos factos e acontecimentos da época, mas de aceder àqueles que, ao olhar seletivo de Fernão Lopes, pareceram mais significativos.

## Página 81

### Sugestão de exploração dos verbetes

- Indicação de outras palavras formadas a partir do radical de “crónica” (cronologia, cronologistas, cronograma, cronografia, cronofotógrafo, cronómetro (ou cronoscópio), cronometragem, cronónimo, cronotráo...) e explicação do seu sentido, tendo em conta os seus elementos constitutivos.
- Discussão sobre os sentidos da palavra “cronista”.

### Tópicos de abordagem do poema “D. João o Primeiro”

- Exploração da conceção messiânica da história em que é integrado D. João I, como agente de uma vontade divina;
- Esclarecimento do significado dos versos 5-6;
- Explicitação do efeito de sentido (cumplicidade entre o sujeito poético e o destinatário das suas palavras) produzido com o recurso à segunda pessoa no poema;
- Interpretação do poema à luz das palavras abaixo transcritas:

“Despojado da glória terrena e dos referentes históricos que lhe dão forma, a figura de D. João I torna-se incorpórea, espiritualiza-se à medida do Portugal de Pessoa. O herói, agora sacralizado, torna-se, pelo seu gesto exemplar, um mito inspirador, imune à ‘sombra eterna’ do esquecimento, porque jamais deixará de ser ‘eterna chama’, no altar (símbolo do inextinguível) que lhe foi erigido pela ‘nossa alma interna’”.

VERÍSSIMO, Artur, 2002. *Dicionário da Mensagem*. Porto: Areal [p. 74]

## Página 83

### Leitura | Compreensão

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**7. 3.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**7. 4.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.

**7. 5.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.

**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

**18. 4.** Identificar orações subordinadas.

### Leitura | Compreensão

**1.** Através da metáfora da “*Máquina do Tempo*”, José Saramago refere que o tema da sua crónica se reporta a tempos antigos, especificamente ao século XV, como poderemos confirmar através da leitura do texto.

**2.** O autor sente-se receoso, pois em vez de tratar um tema da atualidade, como seria expectável numa crónica, irá escrever sobre Fernão Lopes, cronista medieval.

**3.** Ll. 14-20.

**4.** Saramago sente uma obsessão pela obra de Fernão Lopes por a sua escrita lhe provocar um certo atordoamento pela “*bárbara ortografia*” (ll. 23-24), pela “*abundância de vogais e consoantes dobradas*” (ll. 24-25) e pela simplicidade aparente das suas palavras (ll. 25-26).

**4.1.** A comparação das linhas 26-28 ilustra a desorientação que sente face à magnitude da escrita de Fernão Lopes.

**5.** Fernão Lopes manifesta a sua pretensão de relatar apenas a verdade, despida de artifícios ou “*cousas fallasas*” (l. 32). A expressão usada no título corresponde, como as aspas deixam supor, a palavras do próprio cronista medieval, que revela no “Prólogo” da *Crónica de D. João I* o seu desejo de relatar apenas “a nua verdade”.

**6.1.** A repetição, associada ao presente do indicativo, confere vivacidade e realismo ao discurso. Partindo da metáfora usada no início do texto, em que Saramago refere que se “teletransportou” para a época em que viveu Fernão Lopes, o autor segue a mesma linha de pensamento e é através dos seus próprios olhos que o cronista medieval nos é descrito.

**6.2.** Trata-se de um homem sério (ll. 17 e 33), que observa atentamente a realidade que o circunda para ser capaz de “*contar a história*” da sua época, captando a sua essência (ll. 34-35) e sendo sensível ao sofrimento do povo que nessa altura passava grandes privações.

**7.** O primeiro parágrafo corresponde à introdução da crónica – apresenta-se a ideia de viagem no tempo a ser explorada no texto; do segundo ao sexto parágrafos concretiza-se o desenvolvimento, isto é, a descrição da viagem para o tempo em que Fernão Lopes escreveu a *Crónica de D. João I*. O último parágrafo corresponde à conclusão, em que o autor apresenta a sua reflexão final, ressaltando o desprezo a que atualmente o cronista é votado.

## Página 84

### Leitura | Compreensão

**8. a.** 4; **b.** 7; **c.** 2; **d.** 8; **e.** 6.

## Pós-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1.3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

1.4. Fazer inferências.

1.6. Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais.

1.7. Explicitar marcas do documentário.

2.1. Tomar notas, organizando-as.

## Página 85

### Pós-leitura | Oralidade

**1.1.b.** Fernão Lopes passou a assumir as funções de guarda da Torre do Tombo em 1418, mas apenas foi nomeado *“escrivão dos livros de el-Rei”* em 1419.

**1.2.1.** O apresentador é muito expressivo, fazendo acompanhar as suas palavras de gestos enérgicos. Para além disso, o discurso é bem articulado, recorre a pausas e repetições para tornar a sua mensagem mais clara. A entoação e as expressões faciais apresentam um certo tom teatral, típico do estilo do apresentador e que capta a atenção dos telespectadores.

**1.2.2.** José Hermano Saraiva baseia-se nas funções desempenhadas por Fernão Lopes e pelo seu filho na corte.

**1.2.3.** Fernão Lopes era capaz de reconstituir, na sua escrita, os factos históricos com maior autenticidade e emoção, captando *“o tumultuar de paixões, a brutalidade das cenas, a sinceridade dos sentimentos”*. Contrariamente, Zurara escrevia corretamente, mas *“sem sentimentos”*.

**1.3.1.a.** Este documentário visa apresentar informações biográficas do cronista Fernão Lopes e relativas à época em que viveu. **b.** O historiador usa um registo linguístico cuidado, com frases bem estruturadas e precisão vocabular, mas simultaneamente acessível e claro para todos os telespectadores. As marcas de subjetividade estão presentes no seu discurso, quer no levantamento de hipóteses em relação aos dados biográficos de Fernão Lopes (*“Eu também tenho a minha ideia. Eu penso que ele não nasceu no campo”, “acho que era um homem nascido numa cidade”, “Na minha opinião, mas não é a opinião que leem nos livros (...)”*), quer na apresentação de expressões valorativas (*“Aliás, são das mais belas páginas deste livro.”, “ele descreve com um vigor espantoso”, “Isso é impressionante.”*).

## Página 86

### Pré-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1.4.** Fazer inferências.

2.1. Tomar notas, organizando-as.

2.2. Registrar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

**EL10 – 16. 1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

### Pré-leitura | Oralidade

**1.a.** D. Fernando e D. João I são irmãos por parte do pai, o rei D. Pedro. **b.** Tendo em conta que D. Fernando morreu sem deixar um filho varão que pudesse herdar o trono, a sua filha, D. Beatriz, era a sua sucessora. Ora esta situação punha em causa a soberania de Portugal, dado que a princesa estava casada com o rei de Castela, D. João I, situação que provocou o descontentamento em geral. O Mestre de Avis, sendo filho bastardo do rei D. Pedro, começou a ser visto como um potencial candidato ao trono, reunindo um maior consenso enquanto sucessor. **c.** D. Fernando encontrou uma situação política e económica estável, quando subiu ao trono, mas deixou o reino num clima de tensão. Teve de “quebrar moeda” várias vezes e sofreu três derrotas com Castela. Assinou também o Tratado de Salvaterra de Magos, que o obrigou a casar a sua única filha com o rei castelhano. Implementou a Lei das Sesmarias e estabeleceu a Companhia das Naus, procurando contrariar a crise, mas não obteve os resultados desejados. D. João I teve um dos reinados mais longos (quase meio século). Resistiu ao cerco castelhano de Lisboa, garantindo, assim, a independência de Portugal e, em 1415, foi o responsável pelo despoletar da expansão ultramarina, com a conquista de Ceuta.

**1.1.1.** (F), (H), (B), (J), (C), (I), (K), (A), (E), (G), (D)

**1.1.2.** No contexto descrito, em que Portugal viu ameaçada a sua independência, realçaram-se sentimentos e valores comuns, caracterizadores da identidade do povo português.

**1.1.2.1.** O *cartoon* ilustra a pretensão de Castela em conquistar Portugal, que perderia, assim, a sua independência. De facto, as relações entre Portugal e Castela/Espanha nem sempre foram pacíficas. Recorde-se o período de mais de meio século em que o nosso país se encontrou sob domínio castelhano (1580 a 1640).

## Página 89

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, justificando.

**14. 5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.

**15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

**15. 2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

**16. 1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previsto no Programa.

**G10 – 17.3.** Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.

### Leitura | Compreensão

**1. (a)** Rumores de homicídio do Mestre; **(b)** O pajem; **(c)** “Acorree ao Meestre que matam”; **(d)** 1-5; **(e)** O pajem e Álvaro Pais; **(f)** “se moverom todos com mão armada”; **(g)** 6-21; **(h)** Fúria e curiosidade; **(i)** “todos feitos dhuũ coração com tallemte de o vimgar”; **(j)** 22-43; **(k)** Desejo de vingança; **(l)** “Mamtenhavos Deos, Senhor”; **(m)** 44-59; **(n)** Emoção, desconfiança e ódio em relação a Leonor Teles; **(o)** Janela; **(p)** “[...] cavallgou com os seus acompanhado de todollos outros que era maravilha de veer”; **(q)** 59-80; **(r)** Refeição do Mestre e decisão de os fidalgos matarem o Bispo de Lisboa.

## Página 90

### Leitura | Compreensão

**2.** Audição (“começaram de dizer”, l. 24, “Alli eram ouvidos braados de desvairadas maneiras.”, l. 25, “era ho arroido atam gramde que sse nom emtemdian huũs com os outros”, ll. 30-31, “braadavom dizemdo”, ll. 61-62, “dizendo altas vozes”, l. 66) e visão (“A gente começou de sse jumtar a elle, e era tanta que era estranha cousa de veer.”, l. 18, “veemdo tam gramde alvoroço”, l. 39).

**2.1.** Torna os relatos mais realistas, como que transportando o leitor para o local dos acontecimentos, fazendo-o “ver” e “ouvir” o que se passou.

**3.1.** O povo reveste-se de particular importância ao garantir a defesa do Mestre, influenciando o curso da História de Portugal.

**3.2.** “alvoraçavomsse nas voomtades” (l. 7); “todos feitos dhuũ coração com tallemte” (l. 22); “tamta era a torvaçam” (l. 47); “ouverom gram prazer quamdo o virom” (ll. 49-50); “muitos choravom com prazer de o veer vivo” (l. 59); “com prazer” (l. 66).

**3.3. / 3.3.1.** Comparação que realça a ligação do povo ao Mestre, aproximando-o de uma figura familiar merecedora de amor.

**4.** Álvaro Pais, o Mestre de Avis e o pajem.

**4.1.** Caracterização indireta, pois são as suas palavras e, sobretudo, as suas ações que permitem caracterizá-los.

**4.2.** D. João mantém uma conduta que não é marcada por rasgos de carácter muito intensos. Adequa-se às circunstâncias, aceitando as orientações dos que lhe são próximos e retribuindo o carinho do povo.

**4.3.** Álvaro Pais colabora com o pajem na divulgação do boato da morte do Mestre, preparado previamente (ll. 8-10). Insiste na divulgação da notícia junto do povo, de modo a “convocar” as massas populares e a criar um clima favorável à aceitação do Mestre e à sua confirmação como herdeiro legítimo do trono português.

**5.** O narrador coloca na voz do povo as acusações de traição, transmitindo-se assim uma imagem muito negativa da figura de Leonor Teles, chegando a ser acusada pela morte de D. Fernando (ll. 53-54).

**6.** Fernão Lopes manifesta a sua empatia com as camadas populares e apresenta um retrato pouco abonatório de D. Leonor.

## Página 94

### Leitura | Compreensão

**7.1. a.** A designação de “técnica de reportagem” aplica-se à escrita de Fernão Lopes pela forma minuciosa e realista como relata os acontecimentos, como se os tivesse presenciado. **b.** Essa visão é alcançada através das descrições pormenorizadas dos lugares onde têm lugar as ações, em planos gerais e particulares.

**8. a.** aférese do *a*; **b.** assimilação do *e* em *i*; **c.** assimilação do *e* em *a*; **d.** síncope; **e.** aférese do *a* inicial, crase; **f.** prótese do *a*; **g.** síncope dos *l* e crase dos *o*; **h.** aférese do *a* e crase dos *e*.

## Pós-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1. 1.** Identificar o tema dominante, justificando.

1. 2. Explicitar a estrutura do texto.

1. 3. Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

1. 4. Fazer inferências.

1. 6. Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais.

1. 7. Explicitar marcas da reportagem.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

Para contextualizar a morte do Bispo, pode ouvir-se novamente a leitura do texto informativo “A crise de 1383-1385” de João Ferreira no qual se resume o episódio [cf. página 86].

## Pós-leitura | Oralidade

**1.1.** Descreve-se a atividade da empresa *Ghost Tours*, que consiste na visita guiada pelos locais “assombrados” da cidade de Lisboa. O primeiro episódio descrito pelo guia é, precisamente, o do assassinato do Bispo de Lisboa. O jornalista apresenta a informação de forma objetiva e desloca-se ao local para acompanhar a visita da *Ghost Tours*. Para além disso, recolheu testemunhos, entrevistando os participantes desta visita.

**1.2.1. a.** F. A *Ghost Tour* é um conceito que já existe em cidades de outros países.; **b.** V; **c.** V; **d.** F. Os percursos têm a duração de uma hora e meia e seguem um percurso previamente definido.

**1.3.** As pausas, o tom teatral, a movimentação imprevista, com aproximações inesperadas aos participantes, os gestos dramáticos, a capa negra com capuz.

**1.4.** A reportagem é constituída por três partes: a abertura, em que se apresenta o tema – as visitas guiadas da *Ghost Tours* em Lisboa; o desenvolvimento, com excertos das narrativas que fazem parte da visita guiada, testemunhos dos participantes, do ator e da empresária e trechos informativos do jornalista que criam as ligações entre estes momentos; a conclusão, na qual o repórter alude a uma iniciativa semelhante na cidade do Porto e à renovação das histórias em Lisboa.

**1.4.1.** Através das intervenções do repórter, que se apropria das palavras dos entrevistados, repetindo o que foi dito anteriormente ou antecipando o que se segue.

**1.5.** As intervenções de carácter valorativo dos participantes e do ator, confirmam a qualidade das visitas guiadas; a da empresária apresenta informações que conferem seriedade à atividade.

## Página 92

### Gramática

**MC G10 – 19. 1.** Identificar arcaísmos.

19. 2. Identificar neologismos.

19. 6. Identificar processos irregulares de formação de palavras.

19. 7. Analisar o significado de palavras considerando o processo de formação.

### Gramática

**1.1. a.** “asinha”; **b.** “coiffa”, “husança”; **c.** “ledos”; **d.** “pousava”.

**1.2.** Exemplos do texto das páginas 87 a 89: “percebido”, “rrijamente” (l. 2), “logo” (l. 14), “mester” (ll. 63-64), “guisa” (l. 72).

**Nota:** Pode ser importante distinguir entre forma arcaica de uma palavra (que, apesar de ter sofrido alterações, evoluiu até à representação e utilização que apresenta hoje – como “arredor” ou “pera”) e arcaísmo (palavra que, continuando dicionarizada, desapareceu das escolhas e do uso dos falantes).

**2.** “Internet”, “gadgets”, “SMS”, “e-mail”, “Facebook”, “tsunami”.

## Página 93

### Gramática

**2.1.** São elementos que não existiam na língua portuguesa e que nela passaram a usar-se essencialmente por aproveitamento de formas já existentes (noutras línguas ou noutros contextos).

**2.2.** Os quatro primeiros elementos existiam no inglês e por influência dessa língua entraram no português. A palavra “tsunami”, conforme usada no texto, corresponde a uma utilização metafórica de um termo já existente no domínio da geografia.

**2.3.** “Internet”, “gadgets”, “e-mail”, “Facebook” – empréstimo; “tsunami” – extensão semântica; “SMS” – sigla; “e-mail” – truncção (no original inglês).

**Sugestão:** O site *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa* (<http://www.ciberduvidas.com>) apresenta um conjunto de questões e artigos esclarecedores relacionados com os arcaísmos e os neologismos cuja consulta se sugere e que, nalguns casos, poderão suscitar atividades interessantes de leitura e interpretação com os alunos. Pode aceder-se a esses textos efetuando uma pesquisa sobre os termos “arcaísmo” e “neologismo” na área de pesquisa na página de entrada do site.

## Página 94

### Pré-leitura

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 7. b)** Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

**16. 1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

### Pré-leitura

**1.1.** Através da frase que serve de título ao capítulo, podemos depreender que a ação se vai centrar no momento em que a cidade de Lisboa se viu cercada e de que modo a população se preparava para enfrentar os castelhanos.

**1.2. / 1.2.1.** O cronista deseja retratar a forma como se encontrava a cidade sitiada pelas tropas do rei de Castela (segundo e dois últimos parágrafos) e descrever a forma corajosa como o Mestre e os populares se organizaram para resistir ao cerco (parágrafos cinco, seis e oito).

## Página 97

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**14. 7. b)** Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

**15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

**15. 2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

**16. 1.** Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

**G10 – 18. 2.** Dividir e classificar orações.

**18. 4.** Identificar orações subordinadas.

### Leitura | Compreensão

**1. a. 5; b. 4; c. 4; d. 4; e. 6; f. 3**

**1.1. a.** para; **b.** quando; **c.** mal; **d.** assim que; **e.** no entanto; **f.** do mesmo modo que.

## Página 98

### Leitura | Compreensão

2. A alimentação e a segurança.

2.1. *mãtiimentos, pam, carnes* (l. 8), *gaados, salgavom, tinas* (l. 10); *descudos, lamças, dardos, beestas* (l. 19), *darmas, bacinetes, armaduras* (ll. 21-22), *atallayas* (l. 38).

2.2. A necessidade de abastecer a cidade de alimentos implicava deslocações às lezírias. Relativamente à defesa, os muros foram reforçados, as torres apetrechadas e a vigilância intensificada.

3.1. Toda a população se empenhava, participando ativamente na defesa da cidade. Expressões textuais comprovativas da afirmação: *“fosse rrepartida a guarda dos muros pellos fidallgos e çidadaãos homrrados”* (ll. 30-31), *“nom ficavom em ellas senom as atallayas”* (ll. 37-38), *“os mesteiraaes damdo follgamça a seus offícios, logo todos com armas corriam rrijamente”* (ll. 41-42) e *“mas clerigos e frades, espeçiallmente da Trindade, logo eram nos muros”* (ll. 48-49).

4. a. Linhas 34-35, 37-38, 39-44, 45-51, 55-58 e 101-104. b. Linhas 42-44, 90-97 e 98-104.

5. A aproximação visa exacerbar as qualidades dos portugueses que simultaneamente cuidavam da sua defesa e repeliavam os ataques dos inimigos.

6.1. O Mestre de Avis é o líder ao qual cabe a função de distribuir tarefas e de motivar e apoiar os que suportam a sua causa.

6.1.1. *“que sobre todos tiinha espeçiall cuidado da guarda e gover- namça da çidade”* (ll. 52-53).

6.2. Resposta pessoal. Adjetivos possíveis: carismático, organizado, preocupado, solidário, cauteloso.

7. Destacar o carácter excecional da resistência ao cerco perante a superioridade numérica das tropas castelhanas.

7.1. Os elogios dirigidos aos castelhanos, ao exaltar as suas qualidades e as das suas tropas, realçam a coragem e soberania moral dos portugueses que os venceriam.

7.2. A interjeição, no início do parágrafo, a dupla adjetivação anteposta ao nome *“senhor”*, a repetição das expressões *“tamto”* e *“tam”*.

8. a. Tendo em conta que o cronista pretende relatar os acontecimentos que tiveram lugar durante o cerco de Lisboa, ele recorre à descrição para tornar essa narração mais pormenorizada e vívida, como se de uma reportagem se tratasse. b. Para esse efeito, recorre às formas verbais do presente (*“teem”, “comvem”, “ha”*) e do pretérito imperfeito (*“tragiam”, “salgavom”, “eram”, “rreluziam”*) e ao adjetivo (*“gramde e poderoso”, “fortes”, “breve”, “trigosos”*). Os conectores com valor aditivo/enumerativo permitem sequencializar a informação (*“E”, ll. 9 29, 39, 52, 65, 79, 98, 111*). A adjetivação e as enumerações (*“descudos e lamças e dardos e beestas de torno, e doutras maneiras”, ll. 19-20; “quadrilhas e beesteiros e homens darmas”, ll. 31-32*) contribuem para o realismo do relato e para a caracterização expressiva do meio e dos intervenientes.

9. *“que rreluziam tamtas”* – oração subordinada adjetiva relativa explicativa; *“que bem mostrava cada hu~ua torre per ssi”* – oração subordinada adverbial consecutiva; *“que abastamte era pera sse deffemder”* – oração subordinada substantiva completiva.

## Página 99

### Pós-leitura | Escrita

**MC** L10 – 7. 1. Identificar o tema dominante, justificando.

7. 4. Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.

7. 5. Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.

7. 6. Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas da exposição sobre um tema.

8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

8. 2. Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente.

### Pós-leitura | Escrita

1. a. Trata-se de um texto que pretende fornecer informações sobre a Muralha Fernandina e salientar o seu papel no decorrer dos acontecimentos do cerco de Lisboa, em 1384. b. Estudantes ou apaixonados pela História de Portugal. Repare-se na linguagem acessível usada pelo autor.

## Página 100

### Pós-leitura | Escrita

1.1. Ano e duração do cerco castelhano à cidade de Lisboa (*“1384”, “quase cinco meses”*) e o papel da imponente Muralha Fernandina na resistência da população ao assédio do rei de Castela. Grande esforço envolvido na construção da sólida muralha, retirada dos castelhanos que, apesar do seu poderio, tiveram de sair da cidade devido à peste que começou a dizimar as suas tropas e aos ataques de Nuno Álvares Pereira.

1.2. Através da utilização do pretérito perfeito do indicativo e da 3.ª pessoa, o autor apresenta e explica uma sucessão de factos históricos que permitem compreender a temática apresentada.

1.3. Trata-se de um texto expositivo que visa dar a conhecer aos seus leitores a importância da Muralha Fernandina na forma como os portugueses resistiram ao cerco de Lisboa. Para esse efeito, o autor utiliza verbos na 3.ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo.

## Escrita

### MC E10 – 10. 2. Elaborar planos.

11. 1. Escrever textos variados, respeitando as marcas do gênero: síntese [...].

12. 1. Respeitar o tema.

12. 2. Mobilizar informação adequada ao tema.

12. 3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

12. 4. Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

13. 1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Página 101

### Gramática

### MC G10 – 17. 5. Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo.

17. 6. Relacionar significados de palavras divergentes.

17. 7. Identificar palavras convergentes.

### Gramática

**Nota:** Nos étimos apresentados nos exercícios 1. e 2. o hífen assinala a apócope de *m* final (desinência do acusativo – complemento direto –, no latim, caso a partir de cuja forma evoluíram as palavras até ao português).

1.1. **a.** Sonorização da consoante surda *t* em sonora *d* e metátese; **b.** Apócope do *e* e palatalização do grupo *ni* no grupo palatal *nh*; **c.** Palatalização do grupo consonântico *pl* no grupo palatal *ch*, síncope do *n* e ditongação; **d.** Palatalização do grupo consonântico *cl* no grupo palatal *ch*.

1.2. **a.** matéria; **b.** sénior; **c.** pleno; **d.** clave.

1.2.1. “madeira” e “matéria” têm em comum a ideia de substância, de algo que ocupa espaço (físico ou intelectual); “senhor(es)” e “sêniore” remetem para os mais velhos, mas sábios e mais experientes; “cheio” e “pleno” partilham a noção de completude (física ou espiritual/emocional); “chave(s)” e “clave” possuem como traço semântico comum a ideia de possibilitar o acesso a algo (físico ou imaterial, como no caso da música).

## Página 102

### Gramática

2.1. Uma “rotunda” é uma construção “redonda”; as palavras partilham a ideia de circularidade do étimo. Um “padre” é uma figura que exerce as funções protetoras e orientadoras de um “pai”, não em termos biológicos, mas espirituais/religiosos.

3. **(a) (b)** mancha; mácula; **(c) (d)** dobro; duplo; **(e) (f)** inteiro; íntegro; **(g) (h)** partilha; partícula; **(i) (j)** chão; plano; **(k) (l)** chama; flama; **(m) (n)** fogo; foco; **(o) (p)** areia; arena.

3.1. Exemplos de palavras: imaculado, imaculável; duplicidade, duplicar, dúplex; integral, integridade; particular, particularidade; aplanar, planalto; inflamado, inflamável, flamante; focagem, desfocar; arenoso, arenar.

4.1. Nome.

4.2. Verbo (Ex.: Ele parte para Cabo Verde amanhã.).

4.3. Trata-se de palavras convergentes, pois, embora possuindo atualmente a mesma forma, elas chegaram até nós através de étimos distintos (*parte* e *partire*). Por esse motivo, o seu significado é diferente.

## Página 103

### Pré-leitura | Oralidade

### MC O10 – 1. 4. Fazer inferências.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

EL10 – 15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

15. 7. Analisar recriações de obras literárias do Programa [...], estabelecendo comparações pertinentes.

16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura | Oralidade

**Nota:** Caso se opte por não abordar o capítulo 115, a atividade de pré-leitura permite, pela recriação do texto de Fernão Lopes que apresenta, contactar com as circunstâncias da capital descritas, nomeadamente as diligências da população na preparação da sua defesa face ao cerco castelhano.

**1. a.** Narrador participante, autodiegético (“*me achei*”, “*lutei*”, “*escapei*”...); **b.** O cerco de Lisboa pelos castelhanos, durante a crise de 1383-1385. Homens, mulheres e crianças tentaram refugiar-se dentro das muralhas.

**1.1. a.** O povo revelou a força da sua união na defesa da cidade, numa demonstração da consciência do seu valor enquanto núcleo e suporte de Lisboa. Não só aos homens, mas também às mulheres, crianças, jovens, donzelas e clérigos eram atribuídas distintas funções que eram cumpridas com ânimo e sem medo.; **b.** Ocupação com a defesa da cidade e a fome, pois dentro das muralhas os alimentos escasseavam e era muito difícil adquiri-los.

**1.1.1.** A ideia de cidade como conjunto de vontades e forças populares também está patente.

### Página 106

#### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...], pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.

**15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

**15. 2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

**G10 – 18. 2.** Dividir e classificar orações.

**18. 4.** Identificar orações subordinadas.

#### Leitura | Compreensão

**1.** A falta de solidariedade e desumanização visível na diminuição das esmolas públicas (ll. 24-25) e na expulsão da cidade de todas as pessoas consideradas incapazes de a defender (ll. 26-30). Por outro lado, a falta de trigo para vender e consequente subida de preço deste cereal (ll. 41-42), bem como do vinho, do pão e da carne fez com que as pessoas passassem fome e comessem qualquer coisa, o que provocou a morte a muitos. O apego à religião foi uma forma encontrada para mitigar os sofrimentos vividos (ll. 82-84).

**1.1. a.** As pessoas começaram a sentir o desespero da fome, verificando-se, por um lado, a falta de solidariedade na expulsão dos menos aptos e na venda de alimentos a preços altos. A falta de esperança era tão grande que muitos desejavam a morte (ll. 94-96).; **b.** Apesar do desespero, as pessoas uniam-se a fim de contribuir para a defesa da sua cidade (ll. 14-17).

**2.** As orações subordinadas adverbiais consecutivas destacam as consequências da exiguidade de recursos, concretamente de trigo e de água.

## Página 107

### Leitura | Compreensão

**3. a.** A enumeração gradativa apresenta os castigos infligidos pelos castelhanos ao homem de Almada que encontrou barcos com trigo, evidenciando a brutalidade da cena. **b.** A comparação coloca em evidência a necessidade de os cidadãos de Lisboa aplacarem a sua dor psicológica através do diálogo com quem partilhava o seu padecimento, tal como a mãe o faz, através do contacto físico, no caso de sofrimentos dessa natureza. **c.** A metáfora explora a polissemia da palavra “guerra”: o conflito efetivo contra a imposição castelhana e a luta contra a fome, que impedia os cidadãos de Lisboa de se defenderem quer da morte, quer, por falta de forças, dos inimigos.

**4.1.** As palavras do narrador não são claras quanto aos sentimentos do Mestre de Avis perante as circunstâncias e as decisões tomadas, como é o caso da expulsão dos inaptos para a defesa da cidade. A segunda referência revela o sentimento de incapacidade do futuro rei para resolver as dificuldades da população. A terceira referência prende-se com os rumores que corriam entre a população e que punham em causa a humanidade do Mestre de Avis.

**5.1.** Linhas 94-96, 112-117.

**5.2.** A interrogação retórica e a apóstrofe.

**6.** É possível distinguir duas partes no texto: a primeira é dedicada à descrição da vida em Lisboa durante a fome que grassou aquando do cerco castelhano (ll. 1 a 90; na segunda (l. 91 até final do excerto), o narrador reflete, sobretudo a partir de interrogações retóricas e de interpelações diretas aos leitores, sobre a situação que descreveu anteriormente, procurando sensibilizá-los para as duras condições de vida dos lisboetas na época.

**6.1.** Resposta pessoal. Sugestão de resposta: 1.<sup>a</sup> parte – *Gastou-se a cidade assim...*; 2.<sup>a</sup> parte – *Esguardai como se fosseis presentes...*

**7.** Resposta pessoal, devidamente fundamentada.

**8.1.** (A); **8.2.** (B)

### Outra sugestão de trabalho:

Palavras do capítulo que permitem exercitar o reconhecimento dos processos fonológicos intervenientes na evolução das palavras:

pietatem > “*piedade*” (l. 26)

crudelem > “*cruell*” (l. 98)

“*todollos*” (ll. 104-105) > todos

“*perlomgado*” (l. 109) > prolongado

## Página 108

### Escrita

**MC E10 – 10. 2.** Elaborar planos.

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: [...] exposição sobre um tema [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

**EL10 – 15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

**15. 2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico no plano do imaginário individual e coletivo.

**15. 3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

**15. 5.** Escrever exposições (entre 120 e 150 palavras) sobre temas respeitantes às obras estudadas, seguindo tópicos fornecidos.

### Pós-leitura | Oralidade

**MC O10 – 3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**4. 2.** Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

**5. 2.** Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**EL10 – 15. 4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa.

## Página 109

### Gramática

**MC G10 – 17. 3.** Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.

**17. 4.** Identificar étimos de palavras.

**17. 5.** Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo.

### Gramática

**1.1.** (a) – (10) – (G); (b) – (8) – (K); (c) – (7) – (H); (d) – (1) – (C); (e) – (11) – (D); (f) – (5) – (J); (g) – (2) – (F); (h) – (6) – (B); (i) – (9) – (A); (j) – (4) – (I); (k) – (3) – (E).

**2.1.** Apócope do [m]; síncope do [u]; síncope do [n]; palatalização do grupo [cl] em [lh]; metátese do [e] e do [o].

**2.2. genufletir** (verbo intransitivo) **1** fazer genuflexão; dobrar o joelho; **2** ajoelhar-se; (verbo transitivo) dobrar pelo joelho (Do latim *genuflectere*, «idem»); **genuflexão** *n.f.* **1** ato de genufletir; **2** reverência que consiste em dobrar os joelhos, e que pode ser simples ou dupla (com um ou com ambos os joelhos); **3** [*fig.*] lição, bajulação (Do latim medieval *genuflexiōne*-, «idem»)

AA. VV., 2010. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora (p. 755)

## Página 110

### Tópicos de exploração do texto “Os protagonistas individuais e coletivos na obra de Fernão Lopes”:

- Fundamentação, com elementos textuais, da afirmação: “*Há em Fernão Lopes o estofo de um dramaturgo poderoso.*” (l. 11)
- Síntese dos traços de carácter de D. João I, conforme apresentados por Fernão Lopes;
- Exemplificação de momentos da *Crónica de D. João I* em que Fernão Lopes trata “*uma coletividade como se fosse uma pessoa*” (l. 79).

## Página 112

### Tópicos de exploração do texto “A Crónica de D. João I: documento e monumento”:

- Comentário sobre a importância da “*nomeação de um cronista-mor*” (l. 1) durante a dinastia de Avis, com a apresentação de argumentos comprovativos dessa relevância mencionados no texto.
- Justificação do título do texto, atendendo ao seu conteúdo.

## Página 113

### Projeto de Leitura

**MC EL10 – 15. 6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.

**L10 – 10. 2.** Elaborar planos: a) estabelecer objetivos; b) pesquisar e selecionar informação pertinente; c) definir tópicos e organizá-los de acordo com o género de texto a produzir.

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: síntese [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Página 117

### Grupo I

1. Revolta (l. 1), histeria (l. 4), desconfiança (l. 17) e comoção (ll. 26-27).
2. Inicialmente, os populares desconfiaram da veracidade da notícia e exigiram ver o Mestre (ll. 16-18).
3. D. Leonor Teles é caracterizada de forma indireta, pela voz dos populares, que a acusam de traição (“*aleivosa*”, l. 9) e de assassinato (ll. 30-32).
4. A integração dos momentos de discurso direto confere um maior dinamismo e realismo à narração, ao mesmo tempo que cria uma maior intensidade dramática ao revelar o pensamento das personagens naquela época.
5. As expressões usadas pelos populares (“*beemto seja Deos que vos guardou desse treedor*”, l. 36) refletem a ideia de predestinação do Mestre de Avis e do seu futuro papel de rei, como se cumprisse uma missão divina.

## Página 118

### Grupo II

- 1.1. (A); 1.2. (C).

## Página 119

### Grupo II

- 1.3. (D); 1.4. (B); 1.5. (C); 1.6. (D); 1.7. (C).
- 2.1. São palavras divergentes que derivam do mesmo étimo latino, “*directu-*”, partilhando a ideia de estado ou atuação “em linha reta”, “sem rodeios”.
- 2.2. Predicativo do sujeito.
- 2.3. Oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

## Página 122

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.
16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Tópicos de exploração do texto “*Tudo é representar e fingir*”

- Alusão às diferenças entre “*os grandes*” e “*os pequenos*” (l. 8);
- Identificação do tom crítico da afirmação “*Tudo é representar e fingir nesta vida de corte*” (l. 7), em que se denuncia a falsidade e a hipocrisia que fazem parte da “*natureza*” dos “*grandes*”;
- Indicação de passagens que esclarecem a forma como Gil Vicente era visto pela sociedade: a corte aceitava as suas peças mas não compreendia cabalmente o seu valor (ll. 16-18).

## Página 123

### Sugestão de exploração do texto “*S’ eu moro c’ um escudeiro*”

- Identificação da crítica subjacente às palavras de Aparição, que denuncia a discrepância entre a vivência concreta e a aparência exterior do escudeiro;
- Reflexão sobre a escrita enquanto forma de denúncia de problemas sociais;
- Associação da temática do texto à da cantiga de escárnio “Um cavalo nom comeu” (p. 68).

### Proposta de exploração do texto “*A lei dos mundanais*”

- Explicitação da crítica social presente nas palavras do Diabo;
- Associação do conteúdo do texto à obra *Auto da Barca do Inferno*, caso a mesma tenha sido estudada pelos alunos no 9.º ano.

## Página 125

### Leitura | Compreensão

- MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.  
**7. 5.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.  
**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

### Leitura | Compreensão

**1. b.; f.**

**1.1. a.** José Saramago pretende frisar que, depois de Fernão Lopes, Gil Vicente foi o único escritor que se destacou do “resto da gente literária”. **c.** O cronista defende que a obra de Gil Vicente deveria ser representada “todo o curso do ano”. **d.** Saramago pretende evidenciar a impossibilidade de comparar o trabalho de Gil Vicente com o dos dramaturgos Shakespeare e Molière. **e.** A comparação deve-se à forma como o dramaturgo se deixou acolher pela classe nobre, desferindo, depois, com a sua sátira, rudes golpes.

**2.** Resposta pessoal. Sugestão de resposta: A obra de Gil Vicente é o resultado do seu génio, da sua prodigiosa veia artística, mas foi condicionada e determinada por uma terra, Portugal, e um tempo, a época dos Descobrimentos, que lhe forneceram a matéria.

**3.** As aspas destacam o epíteto pelo qual Gil Vicente é vulgarmente conhecido.

**4.** O título da crónica, no qual se concretiza um trocadilho, destaca as conquistas e infortúnios da vida do dramaturgo. Se, por um lado, a sociedade do seu tempo aceitou a sua obra, apesar de muitas vezes ser alvo das suas críticas, a genialidade de Gil Vicente nunca chegou a ser reconhecida, mesmo nos dias que correm, talvez pela “desgraça” de ter nascido em Portugal.

### Oralidade

- MC O10 – 1. 4.** Fazer inferências.  
**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.  
**2. 2.** Registrar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

## Página 126

### Oralidade

**1.1. e 1.1.1. (a)** Apesar de (nexo concessivo); **(b)** Embora (nexo concessivo); **(c)** porém (nexo opositivo); **(d)** uma vez que (nexo causal); **(e)** Assim (nexo conclusivo); **(f)** tal como (nexo exemplificativo).

### Oralidade

**1.2.** Gil Vicente destaca-se como primeira grande figura do teatro português, uma vez que antes dele apenas existiam autos litúrgicos organizados pela igreja, momos palacianos e procissões religiosas.

**1.3. a.** Autos litúrgicos, momos palacianos e procissões religiosas.; **b.** Temas religiosos e coisas comuns da vida: o poder, a ganância, a riqueza e a pobreza, a viagem, o sonho, a hipocrisia e a mesquinhez. **c.** Obras de devoção, comédias, tragicomédias, farsas e escritos diversos (filhos); comédias, farsas e moralidades (Gil Vicente). **d.** Os frades mundanos, as alcoviteiras, os pelintras, os escudeiros gabarolas... **e.** Os de sempre, adaptados às temáticas da atualidade.

**1.4.** Gil Vicente assumiu desde sempre uma atitude de crítica social.

### Escrita

- MC E10 – 10. 1.** Pesquisar informação pertinente.  
**10. 2.** Elaborar planos.  
**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: [...] exposição sobre um tema [...].  
**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.  
**12. 5.** Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia.  
**12. 6.** Explorar as virtualidades das tecnologias da informação na produção, na revisão e na edição de texto.  
**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Página 128

### Gramática

**MC** G10 – 18. 1. Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

### Gramática

1.1. a. “Gil Vicente”; b. “o autor” (o); c. “-no” (o).

1.2. Caracterizam o complemento direto e completam o sentido do verbo.

1.3. Resposta pessoal. Sugestões:

- A corte achava as obras de Gil Vicente **muito cómicas**.
- A tradição tem o dramaturgo **por fundador do teatro português**.
- Cognominaram-no também **pai do teatro português**.

2.1. a. agente; b. preposicionais; c. verbos; d. complemento; e. anteriores; f. oracional.

## Página 129

### Gramática

2.2. a. Gil Vicente é um **cronista** [de *crónica*] de *costumes* [complemento do nome]. b. Recorrentemente, é notável a **subtileza** [de *subtil*] da sua *crítica* [complemento do nome]. c. As suas personagens procuram muitas vezes a **absolvição** [de *absolver*] das suas *culpas* [complemento do nome]. d. Após a sua morte, os **filhos** [parentesco] do dramaturgo compilaram os seus autos. e. Deverá ser crescente o **interesse** [*interesse por...*] pela obra *vicentina* [complemento do nome].

3.1. a. “Desiludido”, “dedicado”, “repleta”, “satíricos”. b. “saciado”, “cômicos”.

3.2. a. “Desiludido” [“com os vícios da sociedade”], “dedicado” [“à sua função teatral”], “repleta” [“de momentos satíricos”]; b. “saciado” [“com tantos momentos cómicos”].

## Página 130

### Pré-leitura | Oralidade

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quanto ao género literário: [...] farsa.

### Pré-leitura | Oralidade

1. A didascália inicial apresenta importantes informações sobre o texto e as condições da sua representação. Considerada por vezes como prólogo, indica o rei a que foi dedicada a peça, explicita o seu argumento e enumera as personagens intervenientes.

1.1. Gil Vicente sentiu-se desafiado a escrever uma peça ilustrativa de um provérbio pelos que duvidavam da sua capacidade de produzir textos dramáticos.

1.2. “Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube”. O provérbio destaca a preferência por uma companhia mais submissa por quem tenha uma personalidade forte e que possa, por isso, entrar em confronto com outra pessoa com um temperamento igualmente intenso.

1.2.1. A expressão parece inverter a moralidade do provérbio que serviu de mote à *Farsa*. Significando “ir para uma situação pior, descer na escala social ou optar por algo inferior”, opõe-se à valorização do “asno” que o provérbio enuncia. Se “passar de cavalo para burro” sugere uma preferência pelo cavalo, por ser, supostamente, melhor, “Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube” confere relevância ao asno, mais adequado à mundividência da época em que foi escrita a peça e à condição social de Inês.

1.2.2. Resposta pessoal.

## Página 132

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 7. b) Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

## Leitura | Compreensão

1. **a.** duas; entrada; **b.** monólogo; autocaracterização; **c.** à atuação.
2. A jovem mostra-se aborrecida (“*que enfadamento, / e que raiva*”, vv. 5-6) com a tarefa que está a desempenhar, insurgindo-se contra a “*canseira*” (v. 7) que a mesma representa e contra o facto de “*estar / encerrada*” (vv. 10-11) e “*cativa*” (v. 17) em casa.
- 2.1. Com as comparações, Inês torna mais óbvia a sua situação, aproximando-se de objetos inúteis (“*panela sem asa*”) ou animais notívagos e dependentes de outros seres, como entende ser o seu caso, privada de saídas de casa durante o dia e vivendo sob a alçada da Mãe.
- 2.2. As interrogações de Inês enfatizam o seu estado de desespero e, simultaneamente, a sua revolta relativamente à situação em que se encontra.
3. A Mãe serve-se da ironia, dando a entender que conhece bem a filha e que, por isso, não se surpreende com a sua atuação.
4. **a.** “*cativeiro*” (v. 45); **b.** vv. 8-9.
5. O diálogo centra-se no desejo de liberdade da jovem, que vê no casamento uma forma rápida e simples de emancipação. Contudo, a mãe opõe-se-lhe, afirmando não se tratar de uma necessidade urgente.

## Página 133

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

### Pré-leitura

- 1.1. Resposta pessoal.
- 1.1.1. Lianor Vaz benze-se para expressar a sua aflição e esconjurar as más influências do clérigo que a atacou.

## Página 136

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
14. 4. Fazer inferências, fundamentando.
14. 7. Estabelecer relações de sentido
  - a) entre as diversas partes constitutivas de um texto;
  - b) entre características e pontos de vista das personagens.

### Leitura | Compreensão

1. **(a)** clérigo; **(b)** dissimulação; **(c)** contraste; **(d)** indignação; **(e)** prazer; **(f)** comichão; **(g)** exercício; **(h)** alcoviteira; **(i)** carta; **(j)** discrição; **(k)** objetivo; **(l)** espírito; **(m)** ideal; **(n)** razão; **(o)** aliada; **(p)** visita; **(q)** papel; **(r)** moça; **(s)** pretendente; **(t)** amiga; **(u)** conselhos; **(v)** intermediária; **(w)** entrevista.
- 2.1. A alcoviteira conta que foi atacada por um clérigo, enumerando as razões pelas quais não se pôde defender, como o facto de estar rouca e não poder gritar por ajuda.
- 2.2. / 2.2.1. vv. 74-75 – Lianor sugere estar “*amarela*”, pálida, enquanto a Mãe refere a sua tez corada, insinuando a sua excitação; vv. 136-137 – a Mãe constata a ausência de ferimentos de Lianor, num tom de estranheza por o ataque, segundo a alcoviteira, ter sido violento. Contudo, esta rebate as desconfianças, afirmando que tinha as unhas cortadas e que fora auxiliada por um almocreve; vv. 160-161 – à sugestão da Mãe de Inês de que deveria ter batido ao clérigo atacante, Lianor contrapõe o seu medo de excomunhão e o seu temperamento meigo, que a impedia de tal.
- 2.3. Lianor, experiente nas tramas amorosas, pretende, subtilmente, alertar para a necessidade de Inês casar, prevenindo-a dos perigos a que estão sujeitas as mulheres solteiras por não terem quem as defenda.
3. vv. 176-178.
- 3.1. Inês intervém com uma frase interrogativa que denuncia a sua urgência em casar, mais do que em conhecer o pretendente. Deste modo, confirma os traços da sua personalidade já evidenciados anteriormente, mostrando-se caprichosa e insatisfeita perante a sua situação.
- 3.2. Inês anuncia que só casará com um homem “*avisado*”, inteligente e hábil no discurso (vv. 181-184).

## Página 137

### Leitura | Compreensão

4. Pêro Marques mostra-se respeitador, carinhoso (vv. 199-206) e muito apaixonado por Inês. Por outro lado, a linguagem pouco elaborada da carta sugere que é uma pessoa simples.
5. Perante a carta, Inês conclui que o seu pretendente deve ser rude, um “vilãozinho” (v. 255), ironizando inclusivamente acerca dos seus modos, como se percebe pela alusão ao “ancinho” usado como pente.
6. Exemplos de adjetivos: “afobada” – perturbada, apressada; “matizada” – versátil, adaptável.
- 6.1. Resposta pessoal. As justificações deverão frisar o contexto em que os adjetivos ocorrem.
- 7.1. Com o recurso aos provérbios, as duas mulheres mais velhas procuram contrapor à imaturidade e à impulsividade de Inês a experiência sintetizada nas frases populares, que funcionam, no contexto, como argumentos de autoridade, destinados a fundamentar as afirmações da mãe da jovem e de Lianor Vaz.
- 7.2. vv. 228-229 – é importante casar, independentemente dos gostos; vv. 231-233 – o dinheiro é um aspeto importante a ter em conta na escolha do futuro marido; vv. 236-237, 240-241 – o homem, acima de tudo, deve respeitar a mulher.
- 7.3. Exemplos: Casamento, nem fazê-lo nem desfazê-lo; Antes que cases, vê o que fazes, que não é nó que desates; Casarás e amansarás; Depois do casamento vem o arrependimento.
- 7.3.1. Resposta pessoal.

### Oralidade

- MC** 010 – 1. 4. Fazer inferências.  
1. 5. Distinguir diferentes intenções comunicativas.  
2. 1. Tomar notas, organizando-as.

### Oralidade

1. “alcoviteiro *adjetivo* 1 que ou o que auxilia em relações amorosas; 2 mexeriqueiro, intriguista; 3 que ou aquele que vive à custa de prostitutas” (in *Grande Dicionário Língua da Portuguesa*, 2010. Porto: Porto Editora) Lianor quer auxiliar Inês a arranjar noivo, ainda que no texto não existam referências explícitas aos benefícios que daí lhe adviriam.
- 1.1. Resposta pessoal.
- 2.1. a. Os interessados escrevem para a agência indicando as suas próprias características e apresentando o perfil da pessoa que procuram. É feito um estudo e traçado um perfil psicológico dos candidatos e, seguidamente, um estudo de compatibilidades. Depois marca-se uma reunião na agência para apresentar o par ideal; havendo concordância entre os candidatos, marca-se um primeiro encontro na agência. b. Pessoas com idade aproximada, com os mesmos gostos e ideais e que partilhem a mesma religião.
- 2.2. Os testemunhos credibilizam a agência matrimonial, mostrando os casos de sucesso.
- 2.3. a. Desenvolver um relacionamento duradouro; b. Quer Lianor Vaz quer a *Amore Nostrum* respondem a solicitações de pessoas interessadas em recorrer a um intermediário para encontrar um parceiro amoroso que corresponda aos seus desejos.

## Página 138

### Pós-leitura

- MC** L10 – 7. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.  
7. 4. Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.  
7. 6. Explicitar [...] marcas [...] do artigo de divulgação científica.  
8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.  
EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura

**1.1. Primeira parte** – linhas 1 a 7 – parágrafo-síntese/apresentação do assunto do artigo: os modelos de família e de casamento.

**Segunda parte** – linhas 8 a 52: a evolução histórica do casamento; o entendimento do matrimónio durante a Idade Média; a ideia típica de casamento como um “*produto recente*” (l. 49).

**Terceira parte** – linhas 53 a 77: o casamento como ligação independente do sentimento amoroso; o exemplo dos fulani; as diferentes concepções etnográficas de família.

**Quarta parte** – linhas 78 a 118: exemplos de sociedades divergentes do padrão ocidental de família.

**Quinta parte** – linhas 119 a 122: conclusão (por meio de uma interrogação retórica) sobre a (im)possibilidade de definição de família.

**1.2.** Os subtítulos sintetizam de forma criativa o assunto das seções que delimitam. “Amores incompatíveis” realça a possível falta de coincidência entre os amores de dois esposos em certas sociedades não ocidentais, remetendo igualmente para a incompatibilidade, nestes casos, entre o matrimónio e o amor. O subtítulo “Tudo pelos meus sogros” anuncia (através do recurso à primeira pessoa, identificada com uma das mulheres visadas no texto) os esquemas de relações de certas sociedades assentes em modelos patrilineares de família, em que às esposas resta submeterem-se às famílias dos maridos, em particular à sogra.

**1.3.** O conector “*Em suma*” (ll. 13- -14) estabelece um nexo conclusivo relativamente à reflexão sobre a ligação entre o amor e o casamento na nossa sociedade. “*Todavia*” (l. 15) insere uma relação de oposição face às afirmações anteriores, destacando a ideia de amor como fundamento de um casamento como algo recente. A expressão “*De facto*” (l. 26) confirma a não imprescindibilidade de amor no casamento em épocas passadas.

**1.4.** Resposta pessoal, devidamente fundamentada e recordando a função de introdução temática (sugestiva) da epígrafe.

**1.5.** Trata-se de um texto com objetivos essencialmente informativos, apresentando factos e concepções diversificadas acerca do casamento e da família. Para tal, recorre a linguagem simples e marcada pela objetividade, em que predomina vocabulário da área temática explorada, e serve-se de fontes credíveis (ll. 64-65 e 116-117) para fundamentar a informação transmitida.

## Página 144

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**14. 7. a)** Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

**G10 – 17. 3.** Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.

**17. 5.** Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo.

**17. 6.** Relacionar significados de palavras divergentes.

**18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

## Leitura | Compreensão

**1. 1.ª cena:** vv. 258-364; **2.ª cena:** vv. 365-405; **3.ª cena:** vv. 406-480.

A delimitação das cenas é determinada pela entrada e saída de personagens.

**1.1.** Resposta pessoal. Sugestões de títulos: 1.ª cena: Amor não correspondido; 2.ª cena: Procura do pretendente ideal; 3.ª cena: Ajuda casamenteira.

**2.1. a.** vv. 260-261, 278-279, 289-291, 294, 325-327; **b.** vv. 274-275, 324, 328-331, 367-368; **c.** vv. 262-263, 269, 272-273, 276, 308-313, 318-321, 335-336, 343-351, 355-364, 369-373.

**2.2.** Trata-se de um homem honesto, preocupado com os valores e bons costumes da sociedade, mostrando-se respeitador para com Inês.

**2.3.** Resposta pessoal. Adjetivos possíveis: simples, honesto, ingénuo, sensato, rústico, serviçal, sensível e prudente.

**2.4.** Pêro Marques aproxima-se da descrição de António José Saraiva, uma vez que, apesar de se apresentar como uma pessoa simples e despojada que provoca o riso e a comiseração da “gente urbanizada”, acaba por “afirmar verdades” e refletir sobre uma vivência moral adequada (vv. 318-321, 325-327, 335-336, 355-359).

**3.** Essas falas constituem apartes de Inês que contribuem para a heterocaracterização de Pêro Marques, feita em tom depreciativo pela jovem, por o pretendente não se enquadrar no modelo de marido que deseja.

**3.1.** Os apartes de Inês produzem um efeito cómico.

**4.** Quando Pêro Marques refere que tem o “mor gado”, aludindo à grande quantidade de gado que possui, a mãe de Inês entende que ele é “morgado” e, dessa forma, herdeiro de grande fortuna.

**4.1.** O espanto da progenitora e a sua intervenção denunciam o seu interesse num casamento que proporcione benefícios financeiros à filha.

**5.** A mãe retoma as preocupações manifestadas no diálogo inicial com Inês, alertando-a novamente para a necessidade de se casar com alguém que lhe garanta segurança económica.

**5.1.** A personagem da mãe de Inês funciona como tipo representativo de todo um grupo com as mesmas preocupações, pelo que a ausência de nome próprio contribui para alargar a sua representatividade.

**6.** Inês contratou os serviços dos judeus casamenteiros.

**6.1.** Os judeus tiveram muita dificuldade em encontrar um pretendente que preenchesse os requisitos de Inês.

## Página 145

### Leitura | Compreensão

**7. (a)** Pêro Marques; **(b)** honrado, desinteressado, discreto; **(c)** Brás da Mata; **(d)** bem falante, músico, persistente, galante.

**7.1.** O retrato de Pêro Marques elaborado por Lianor Vaz destaca a sua honestidade e o seu desinteresse económico, pois aceitaria casar com Inês, mesmo sem dote. Ao procurar a alcoviteira para encontrar uma esposa, Pêro revela a sua simplicidade, que Lianor coloca em evidência. Contudo, as características do pretendente em nada se coadunam com o modelo de marido ambicionado por Inês no início da peça. Já a apresentação do escudeiro feita pelos Judeus vai ao encontro dos desejos da jovem, pois os intermediários procuram dizer-lhe precisamente aquilo que ela quer ouvir e responder com a melhor oferta possível à sua solicitação. Por isso, são salientados os dotes de linguagem e artísticos de Brás da Mata, acerca do qual, ao contrário do que acontece com a apresentação de Pêro Marques, nada se diz sobre a condição económica e o perfil psicológico e moral.

**8.** Na 1.ª cena, por exemplo, o cómico de carácter surge na apresentação da personalidade de Pêro Marques, cujo desempenho contribui igualmente para o cómico de linguagem, dado o seu discurso simples, marcado por construções pouco elaboradas e vocabulário próprio de um habitante do campo. O cómico de situação torna-se evidente em diferentes momentos que denunciam o desfasamento de Pêro Marques relativamente aos hábitos citadinos, como acontece quando não consegue sentar-se corretamente numa cadeira ou procura as pernas que quer oferecer a Inês. Na 3.ª cena, através do discurso de Vidal (vv. 411-418), concretiza-se o cómico de linguagem e, no diálogo entre os dois Judeus, o cómico de situação.

**9.** Resposta pessoal, fundamentada.

**10. a.** – 3; **b.** – 1; **c.** – 4; **d.** – 2; **e.** – 5; **f.** – 6; **g.** – 1; **h.** – 4.

**11.** Pessoa – complemento direto; que levava outro caminho – modificador restritivo do nome; com um vilãozinho – complemento oblíquo; fadiga – predicativo do sujeito; Vós – sujeito; filha amiga – vocativo; que vos buscássemos logo – complemento direto.

## Página 146

### Leitura | Compreensão

**12.1.** O [t] (consoante surda) de *catedra* sonorizou-se em [d] (*cadedra*); depois, o segundo [d] vocalizou-se em [i]. Daqui, o português **cadeira**.

**12.2.** “*cátedra* *nome feminino* **1** RELIGIÃO cadeira pontifícia; **2** cadeira de professor; **3** cargo de professor catedrático de uma cadeira universitária; **4** disciplina ou matéria ministrada por esse professor.” (AA. VV. *Grande Dicionário Língua da Portuguesa*, 2010. Porto: Porto Editora, p. 324).

**1.2.2.1.** Palavras divergentes.

**12.3.** Ambas as palavras referem um lugar, um posto ou posição.

**12.3.1.** Exemplos de frases: A cadeira partiu-se. O professor tinha uma cátedra na Universidade de Coimbra.

### Escrita

**MC** **E10 – 12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua [...].

### Oralidade

**MC** **EL10 – 14. 1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura.

## Página 148

### Tópicos de exploração do texto “Os tipos e personagens de Gil Vicente”:

- Distinção das diferentes categorias de personagens vicentinas;
- Justificação da afirmação das linhas 26-27;
- Comentário sobre o último parágrafo, com alusões à *Farsa de Inês Pereira*.

## Página 149

### Tópicos de exploração do texto “Três mulheres, três personagens de farsa”:

- Comprovação do título com argumentos apresentados no texto;
- Referência aos traços de carácter das três personagens femininas da peça de Gil Vicente;
- Explicação do valor documental da *Farsa de Inês Pereira*.

## Página 150

### Pré-leitura

**MC** **EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

**1.1.** Na tira de banda desenhada, Dustin questiona-se sobre se deve revelar a verdade à sua correspondente do *site* de encontros *online*. No início do discurso do Escudeiro, percebemos que este se interroga sobre as qualidades da pretendente que ainda não conhece, Inês, tal como estas lhe foram apresentadas pelos Judeus casamenteiros. Assim, conclui-se que os encontros amorosos *online* ou organizados por intermédio de terceiros criam sempre uma certa ansiedade em relação àquilo que se espera encontrar.

**1.2.** O Escudeiro, aquando da entrada em casa de Inês, mostra-se preocupado com as aparências e pede ao seu criado que confirme as mentiras que ele tiver necessidade de contar para impressionar Inês. Por outro lado, conhecendo de antemão as qualidades desejadas por Inês num marido, adequa o seu discurso às pretensões da jovem, mostrando-se, ainda que hipocritamente, galante, discreto e eloquente.

Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**14. 7.** Estabelecer relações de sentido

a) entre as diversas partes constitutivas de um texto;

b) entre características e pontos de vista das personagens.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**G10 – 19. 1.** Identificar arcaísmos.

Leitura | Compreensão

**1.1.** As orações condicionais põem em evidência as dúvidas do Escudeiro em relação à aparência da sua futura noiva.

**1.2.** Brás da Mata troça da moça antes de a conhecer, caricaturando-a de forma equivalente à que ela usou em relação a Pêro Marques.

**2.1. / 2.1.1.** O Escudeiro é arrogante, falso e dissimulado, uma vez que pretende aparentar que não é (*“gabando-me de privado”*, v. 518) e, ao mesmo tempo, faz promessas ao Moço que sabe não poder cumprir (vv. 530-531). O Moço revela-se crítico e irónico nos apartes que vai fazendo (discurso parentético), para denunciar a pelintrace do seu amo. É também sensato, uma vez que não se deixa impressionar pelas suas promessas (vv. 532-533).

**2.2.** vv. 512-513, 516, 532-533, 575-578, 584-587. Os apartes do Moço denunciam a difícil situação económica em que se encontra o Escudeiro, bem como a sua conduta dissimulada ao tentar ocultá-la da futura noiva.

**2.3. A – 1 – a; B – 2 – c; C – 3 – b.**

**3.1.** Na primeira parte (vv. 534-556), o Escudeiro elogia a pretendida, sendo que, num segundo momento (vv. 561-569), enumera as suas próprias qualidades.

**3.2. a.** *“senhora”*, *“despejo”*, *“donzela”*, *“discrição”*, *“fermosura”*; **b.** A metáfora (v. 535) e a hipérbole (vv. 549-551); **c.** O Escudeiro assume uma atitude subserviente perante Inês (vv. 552-556), dispondo-se a recebê-la em casamento.; **d.** Trata-se de uma mulher perfeita em virtude da sua graciosidade, discrição e beleza, coincidindo com a representação da imagem feminina das composições medievais. Assim, ele dirige-se a Inês como *“fresca rosa”* e fonte do seu viver (*“minha alma”*), destacando as suas qualidades morais (*“despejo”* e *“discrição”*), mas aludindo igualmente à beleza da *“graciosa donzela”*.

**3.2.1.** Brás da Mata pretende convencer Inês, através da sua retórica falsamente elogiosa (pois anteriormente caracterizara Inês de forma depreciativa), a aceitá-lo como marido, revelando interesses materiais que ultrapassam a expressão de um amor puro e espiritual, como acontecia nas cantigas de amor medievais.

**3.3.** vv. 558-560.

**4.** A Mãe pretende chamar a atenção de Inês para o facto de estar a ponderar casar-se com alguém que não pode dar-lhe segurança económica e que não é seu *“igual”* (v. 664), ou seja, não corresponde à sua situação em termos de hierarquia social, o que revela um desejo imprudente da filha.

Leitura | Compreensão

**5.** Os Judeus casamenteiros têm uma perspetiva meramente economicista do casamento entre Brás da Mata e Inês. Pelas suas palavras, percebemos que a sua única preocupação é a de fecharem “o negócio” para poderem receber o seu pagamento.

**6.** Para Brás da Mata, casar significa, por um lado, perder a liberdade que possuía enquanto solteiro e, por outro, a assunção de um papel submisso por parte da mulher.

**6.1.** Inês, sentindo-se, no início da ação, prisioneira em casa de sua mãe, casa com Brás da Mata, na esperança de se libertar e de se emancipar da ascendência materna. Contudo, o novo marido perspetiva o casamento como ela concebia a vida de solteira: como um *“cativoiro”*, o que, ironicamente, irá inverter todos os planos da jovem.

**7.1.** A Mãe procura dissuadir Inês do casamento (até ao vv. 671), advertindo-a para a necessidade de procurar um noivo da sua condição. Acaba por aceitar a decisão da filha (v. 678), organizando a festa da boda (vv. 703-707). Manifesta, no entanto, a sua intenção de se afastar, depois de abençoar o relacionamento (vv. 739-752).

**7.2.** Resposta pessoal. Tópicos de discussão: a mãe tem um conhecimento profundo dos filhos e a experiência que lhe permite aconselhá-los de forma mais fundamentada, mesmo em assuntos amorosos.

**8.** Exemplos de arcaísmos: *“mesura”* (v. 515), *“tanger”* (v. 568), *“Mercê”* (v. 571), *“tavanês”* (v. 577), *“mor”* (v. 578), *“praz”* (v. 582), *“sáfio bargante”* (v. 586), *“guaiado”* (v. 632), *“esfandegado”* (v. 633), *“aosadas”* (v. 651), *“asinha”* (v. 740).

## Escrita

**MC** E10 – 10. 2. Elaborar planos.

11. 1. Escrever textos variados, respeitando as marcas do gênero: [...] exposição sobre um tema [...].

12. 1. Respeitar o tema.

12. 2. Mobilizar informação adequada ao tema.

12. 3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

12. 4. Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

13. 1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão [...].

15. 5. Escrever exposições [...].

## Página 157

### Pós-leitura

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes gêneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pós-leitura

1.1. Trata-se de uma cantiga de escárnio por ser uma composição satírica sem a identificação do objeto da crítica.

1.2. Apresentado, num leilão, um *“ric’ home”*, não houve quem o quisesse comprar, nem por *“um soldo”*, por ser alguém perfeitamente inútil, que não sabe nenhum *“mester”* nem sabe cozinhar. Quando questionado sobre o que sabia fazer, respondeu *“Rem”*, isto é, nada. Porém, apesar de não ter dinheiro, compraria, apenas com a vontade (*“mui de coraçom”*), uma herdade se alguém lhe vendesse dessa forma. Na última estrofe, conclui-se que não houve ninguém que quisesse dar por ele o que quer que fosse.

1.3. São duas personagens com muito em comum: o estatuto social (baixa nobreza) e os recursos de que dispõem. Apenas têm capacidade de comprar por palavras, já que não têm dinheiro.

1.3.1. Com estas figuras e a sátira que lhes é feita, pretende-se criticar a decadência de uma nobreza empobrecida e incapaz, que, socialmente, não tinha valor.

## Página 158

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

1.1. O anúncio pretende chamar a atenção para a necessidade de se denunciarem os casos de violência doméstica, uma vez que são um crime público que vitimiza mortalmente um número considerável de mulheres todos os anos. Sensibiliza para esta problemática através da adaptação do aviso habitualmente colocado à porta de residências em que existem cães perigosos.

1.2. Nas cenas em análise, verifica-se que Brás da Mata assume um comportamento autoritário com Inês, aprisionando-a e ameaçando-a verbalmente, o que também constitui uma forma de violência doméstica.

## Página 161

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

G10 – 18. 1. Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

## Leitura | Compreensão

1. O Escudeiro mostra-se “*mui agastado*”, pois considera que o canto de Inês é uma afronta à sua autoridade. Deseja que a moça seja “*avisada*” (v. 766) e se mantenha calada e “*encerrada*” (v. 777) em casa.

1.1. Inês fica perplexa com o comportamento do Escudeiro, tendo em conta o desfasamento entre a imagem que este transmitira antes do casamento e a sua atuação atual. Fica espantada por ser repreendida por fazer aquilo que em casa de sua mãe faria sem restrições, isto é, cantar.

2. As palavras do Escudeiro lembram ironicamente a Inês que foi ela quem procurou um homem com estas características, responsabilizando-a pelas consequências da sua escolha.

3. Brás da Mata assume uma atitude muito mais autoritária e repressiva do que a Mãe, trancando-a e não lhe dando, sequer, o direito de dizer o que pensa.

4. Como na primeira cena em que intervieram, novamente o Escudeiro e o Moço discutem as difíceis condições de vida dos empregados de alguns nobres na miséria. As réplicas do Moço desconstroem continuamente os argumentos do seu amo, dando relevo à sua insensibilidade face a quem o serviu sempre, apesar das condições.

5. Inês serve-se da ironia para criticar a fidelidade do Moço a Brás da Mata, lembrando-lhe [pela afirmação do inverso] a alimentação que o Escudeiro não lhe fornece e que deveria fazer com que ele se insurgisse ou não respeitasse as suas ordens.

5.1. O Moço tinha acusado precisamente o Escudeiro de não lhe dar de comer (vv. 807-808), o que intensifica e permite a compreensão da ironia de Inês.

6.1. A cantiga de Inês sugere o reconhecimento da sua má escolha e o seu arrependimento, pois as aspirações da jovem, que pareciam plenamente cumpridas, revertem-se com a revelação de um marido tirano.

## Página 162

6.2. Inês denuncia a tirania do marido que, apesar do seu estatuto, revela um comportamento pouco digno. As referências nos versos 840 a 844 permitem-nos depreender que a crítica pretende atingir uma nobreza arrogante, que vive das aparências.

6.3. (a) aborrecida e irritada; (b) libertar-se da influência da Mãe através do casamento; (c) um homem discreto, não necessariamente bonito ou rico e meigo; (d) dececionada e triste; (e) ficar novamente solteira para poder escolher um marido diferente; (f) um homem honesto, pacífico, que a deixe fazer o que ela quiser.

6.3.1. Depois de um momento fugaz de alegria, Inês retoma o estado de espírito do início do auto, lamentando a sua situação e a opção que tomou. Ao mostrar uma mudança de opinião, torna-se uma personagem modelada, capaz de evoluir psicologicamente.

7.1. a. F. O Escudeiro foi morto enquanto fugia. b. F. O facto de Inês perguntar se o marido já partira de Tavila mostra que esta vivencia a passagem do tempo de forma lenta, pela situação de cativo em que se encontra. c. V. d. F. Inês pretende arranjar um marido manso em vez de discreto.

8. a. 6; b. 2; c. 4; d. 3; e. 8.

## Página 163

### Oralidade

**MC 010 – 1. 4.** Fazer inferências.

1. 5. Distinguir diferentes intenções comunicativas.

1. 6. Verificar a adequação e expressividade dos recursos verbais e não verbais.

1. 7. Explicitar, em função do texto, marcas do [...] anúncio publicitário.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Oralidade

**1.1. a.** Publicidade institucional; **b.** Vítimas de maus-tratos por parte dos maridos.; **c.** “*A violência doméstica não tem que ser para sempre. Fale agora*”.

**1.2.** A consumação do casamento parece coincidir com a revelação de um comportamento menos próprio por parte do cônjuge masculino, ainda que na publicidade possa estar implícita a ideia de que a conduta violenta poderá ser ainda anterior ao casamento.

**1.3. a.** A reprodução dos votos, que são normalmente proferidos pelos noivos no dia do casamento, contribui para a recriação de uma situação-tipo, em que tudo decorre segundo os rituais da cerimónia religiosa. As últimas frases, que constituem o *slogan*, contrastam com os enunciados anteriores, uma vez que se dirigem à vítima de violência, alertando-a de que a perpetuação dessa situação só depende de si. **b.** As imagens e a música criam uma articulação perfeita com o texto verbal, dado que recriam o cenário de felicidade e ternura de um casamento. Esse ambiente de felicidade fica como que suspenso pela visão do rosto da noiva, que apresenta marcas de violência e que revela apreensão e medo.

**1.3.1.** A articulação entre os diferentes elementos e momentos do anúncio é bastante eficaz, porque, ao introduzir-se um elemento inesperado, os espectadores são confrontados com uma situação chocante, cuja gravidade merece a sua atenção e reflexão.

**2.** A adaptação dos votos proferidos pelos noivos no casamento, dando conta das intenções ocultas do noivo, bem como a música de fundo pretendem chamar a atenção dos ouvintes para o problema da violência doméstica, chocando-nos pelo carácter agressivo das palavras usadas (“*esmurrar-te, pontapear-te e ofender-te*”, “*abusando*”, “*tornar a tua vida um inferno*”). Simultaneamente, o anúncio pretende sensibilizar as vítimas de violência no casamento para possibilidade de porem fim a essa situação, que não deve ser entendida como irrevogável.

**2.1.** A música de fundo e o texto baseado nos votos proferidos pelos noivos, nomeadamente a expressão “*Até que a morte nos separe*”, permitem explorar a intertextualidade religiosa ao mesmo tempo que validam o *slogan* (“*A violência doméstica não tem que ser para sempre. Fale agora.*”).

## Página 164

### Pós-leitura

**MC** L10 – 7. 2. Fazer inferências, fundamentando.

EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pós-leitura

**1.1.** A declaração do vice-primeiro-ministro turco em que afirma que as mulheres não devem rir em público, sendo evidente o desacordo do cronista perante tal afirmação (cf. ll. 2-7; 9-12, 16-17).

**1.1.1.** A declaração desencadeou o efeito oposto, levando a que milhares de turcas “se escangalhassem a rir” em público.

**1.2.** “Sorriso”, “engraçadas”, “risível”, “gargalhar”, “gargalhantes”, “riso”, “LOL”.

**1.2.1.** Ridicularizar as afirmações do vice-primeiro-ministro, reutilizando, com ironia, as suas palavras.

**1.3.** Dever-se-á atender ao significado da expressão idiomática “sorriso amarelo”, ou seja, sorriso forçado, que demonstra embaraço ou constrangimento, o que de certo modo remete para a reação considerada expectável no vice-primeiro-ministro turco ao perceber o caricato das suas anacrónicas observações sobre as mulheres.

**1.4.** Brás da Mata, tal como o vice-primeiro-ministro turco, tem uma visão deturpada do papel que a mulher deve desempenhar na sociedade, o que é notório na forma como proíbe Inês de cantar, de expressar a sua opinião ou de conversar com outras pessoas, mantendo-a encerrada em casa.

## Página 165

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

## Pré-leitura

1. Inês é uma personagem que sofre uma evolução ao longo da farsa, o que faz com que a sua classificação enquanto personagem-tipo não seja linear. Assim, a moça fantasiosa e irrefletida acaba por tornar-se mais pragmática por força da experiência que a vida lhe proporcionou e que a levou a aceitar os avisos e conselhos das mulheres mais velhas, ajustando os seus “sonhos” e “atitudes” à realidade que a vida lhe impôs.

1.1. Os versos 934 a 936 demonstram, precisamente, a alteração da postura de Inês em relação à vida, mais concretamente à forma como concebe o casamento, bem como os versos subsequentes, em que revela as características que espera encontrar no segundo marido.

## Página 166

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quando ao género literário: [...] farsa.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

### Leitura | Compreensão

1.1. c.; 1.2. a.

## Página 167

### Leitura | Compreensão

2. a. Através dos provérbios, Inês enfatiza as características que espera encontrar no seu novo marido, isto é, ingénuo (“asno”), fraco (“lebre”) e simples (“lavrador”).; b. Gil Vicente conseguiu desenvolver um enredo em torno do desafio que lhe foi lançado, quando acusado de plágio, ao mesmo tempo que denuncia a decadência moral da sociedade do seu tempo.

3.1. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: Inês percebe que a “*experiência dá lição*” (v. 936) e muda a sua conceção de marido ideal, considerando agora que é preferível um “*esposo [...] ditoso*” (vv. 941-942) a um homem discreto, mas violento. Por isso, assume em aparte que já não se preocupa com a maneira de ser de Pêro Marques (vv. 956-957). Este, por seu lado, mantém os mesmos traços de personalidade, continuando a revelar-se respeitador (vv. 953-955), simples (vv. 966-967), afável e permissivo para com Inês (vv. 969-970, 979-983).

4. Pêro Marques usa uma linguagem simples, marcada pelo uso de palavras e expressões populares.

4.1. Pêro Marques é a única personagem que utiliza uma linguagem desprovida de artificialidade, sem interpretações dúbias ou ironias, coincidente com a sua personalidade sincera e a sua atitude reta.

5.1. Quando Inês assume que deseja “*sair*” de casa, Pêro Marques entende que ela precisa de fazer as suas necessidades fisiológicas e dispõe-se de imediato a dar-lhe privacidade.

5.2. **Cómico de carácter:** Pêro Marques e a sua atuação distinta da típica da época, visível, por exemplo, na sua recusa de abraçar Inês antes de se casarem.

**Cómico de linguagem:** vv. 966-967, 969-970, 974-975.

**Cómico de situação:** o momento em que Pêro se recusa a abraçar Inês, por respeito (vv. 952-955).

6. b.

6.1. a. Trata-se do sujeito nulo subentendido (“Vós”).; c. O predicado da frase é “*abraçai Inês Pereira*”.; d. O grupo preposicional funciona como predicativo do complemento direto.

## Pós-leitura | Oralidade

**MC EL10 – 14. 7.** Estabelecer relações de sentido

a) entre as diversas partes constitutivas de um texto;

b) entre características e pontos de vista das personagens.

**O10 – 3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

4. 2. Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

5. 2. Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.

5. 3. Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**EL10 – 15. 4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa.

## Pós-leitura | Oralidade

1. (a) casar, libertar-se da influência da Mãe; (b) aborrecida e irritada; (c) felicidade, satisfação, realização pessoal; (d) angústia, decepção; (e) ser solteira para encontrar um marido brando que a deixe fazer o que quer; (f) libertação, satisfação.

## Página 171

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

### Leitura | Compreensão

1.1. a. O Ermitão mostra-se “*dolorido*” (v. 985), dominado pela “*tristeza*” (vv. 993, 997, 1014-1015) e desesperançado (v. 1005). b. O sofrimento provocado por um desgosto amoroso (vv. 986-988, 1007-1009, 1014-1015). c. Inês (vv. 1039-1043).

2.1. Revela uma certa atitude leviana por parte de Inês.

2.2.1. Inês, ao reconhecer o antigo pretendente, sugere um posterior encontro subentendendo-se a intenção de se envolverem amorosamente.

3. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: A fala de Pêro Marques, aconselhando a esposa a compor o seu vestuário, sugere que o encontro de Inês com o Ermitão ultrapassou o diálogo e que eles se envolveram fisicamente, o que terá desarranjado a esposa.

4. Na cantiga final, Inês alude à traição que cometeu através da referência ao marido como “*cuco*”, “*gamo*” e “*cervo*”.

5. vv. 1086 a 1115.

5.1. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: A última cena concretiza, de forma literal e explícita, a ideia que serviu de mote à elaboração da peça: “Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube”.

6. O dito “Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube” foi desenvolvido a partir das figuras de Pêro Marques e do Escudeiro, conotados metonimicamente com os animais referidos. Pêro representa o “asno” que, de acordo com a mundividência da época, e conforme adverte a mãe de Inês, se adequa, pela sua condição social inferior (à do Escudeiro) e pela sua simplicidade, aos desígnios de Inês. O Escudeiro aproxima-se do “cavalo” que, embora desejado, se revela desadequado, e cuja relação com Inês vem dar razão aos avisos da Mãe, perspicaz na percepção dos perigos decorrentes do desejo inconsequente da filha de ascender socialmente através do casamento. (Cf. textos informativos das páginas 173-174).

## Pós-leitura

**MC EL10 – 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentado.

14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quanto ao gênero literário: [...] farsa.

## Página 172

### Escrita

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

7. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

7. 6. Explicitar [...] marcas dos seguintes gêneros [...]: apreciação crítica.

9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

**E10 – 10. 2.** Elaborar planos.

11. 1. Escrever textos variados, respeitando as marcas do gênero: [...] apreciação crítica.

12. 3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

12. 4. Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

13. 1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Escrita

1. O texto pretende divulgar a peça *Estamos Todos?*, dando, por um lado, informações importantes sobre o espetáculo, como os horários das sessões e o preço das entradas e fazendo, por outro, comentários apreciativos sobre ele.

1.1. De facto, no texto em análise verificam-se todos os aspetos referidos na caixa informativa, nomeadamente um momento de exposição de informação mais objetiva (ll. 2-7) e momentos de apreciação, marcados pela subjetividade das afirmações (“*Que equipa de luxo! Fernando Santos gostaria de ter uma seleção assim.*”, “*interpretadas com brio*”).

1.2. A peça *Estamos Todos?* apresenta “*um casamento como mote*” (l. 8), tal como a *Farsa de Inês Pereira*, e desenvolve a partir desse tema uma “*crónica de costumes*” (l. 9), ou seja, uma crítica social idêntica à de Gil Vicente.

1.3. Resposta pessoal.

## Página 173

### Tópico de exploração dos textos de José Augusto Cardoso Bernardes e Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortez Minchillo:

▪ Estabelecimento de uma relação entre as reflexões apresentadas e os propósitos didáticos e moralizadores de Gil Vicente na *Farsa de Inês Pereira* (aludindo à expressão latina “*ridendo, castigat mores*”).

## Página 175

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quanto ao género literário: [...] auto [...].

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

1.1. Resposta pessoal. A designação de “Auto” pode levar os alunos a referirem a ideia de peça sobre uma “Feira”, possivelmente com uma natureza particular, ou mesmo a associarem a designação ao género da moralidade (nesse caso apontando possíveis intenções didáticas associadas ao título).

1.2. O *Auto da Feira* é uma moralidade, pois, apenas a partir da enumeração das personagens intervenientes, é possível perceber que integra personagens associadas ao Bem (Serafim) e ao Mal (Diabo) e de natureza alegórica (Roma).

1.3. A didascália fornece informações sobre o tempo (dia de Natal de 1527) e o local de representação (Lisboa), assim como o rei a quem foi apresentada (D. João III).

1.3.1. Resposta pessoal. Os alunos poderão rever a resposta à questão 1.1., referindo, por exemplo, que a “Feira” do título será uma feira de Natal.

1.4. As tiras de banda desenhada satirizam a crença na astrologia.

1.4.1. Tal como as tiras de banda desenhada, o discurso de Mercúrio coloca em evidência as fragilidades da astrologia, ironizando com as supostas adivinhações produzidas através da interpretação dos “*corpos celestes*” (v. 52).

## Página 179

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 5. Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.

### Leitura | Compreensão

1.1. b.

## Página 180

### Leitura | Compreensão

**2.1.** Mercúrio critica o apreço pela astrologia (aceção com que é usada a palavra “*astronomia*”, v. 11), em voga na época (vv. 11-12), mas, na sua opinião, “*mal sabida e lisonjeira*” (v. 13). Coloca em evidência as suas fragilidades e denuncia os falsos prognósticos baseados nas “*operações dos céus*” (v. 17), enumerando, ironicamente, tudo o que “*per curso d’ estrelas / se poderá adivinhar*” (vv. 33-34), ou seja, supostas adivinhações que não passam de verdades evidentes e pragmáticas.

**2.1.1.** A Terra é redonda (vv. 38 e 41-42) e o sol é amarelo (vv. 39 e 43-45). Os homens com limitações físicas têm mais dificuldade em correr (vv. 49-51). O nascimento decorre de uma concepção prévia (vv. 54-56). Todos os seres humanos se dividem em dois géneros (vv. 59-61). Todas as pessoas morrem (vv. 63-66). Os mortos não trabalham (vv. 69-71). Os cegos não veem (vv. 75-76). Chove quando as condições atmosféricas estão propícias (vv. 79-81). Os membros da igreja estão corrompidos (vv. 83-86). Nas guerras morrem mais “*homens barbados*” do que “*mulheres barbudas*” (vv. 88-91). O dinheiro tem sempre o mesmo valor (vv. 125-126). As naus não resistem se não forem construídas com tábuas pregadas (vv. 127-131). As estrelas mantêm o seu lugar no céu (vv. 144-146). Os ladrões têm uma mulher como mãe e um homem como pai (vv. 152-156).

**2.2.** Vv. 172-176.

**2.3. a. 3; b. 1; c. 2; d. 4.**

**2.3.1. a.** “*afinai*” (v. 4); “*Escutai bem, não durmais*” (v. 137).; **b.** “*conheçais*” (v. 1), “*entendais*” (v. 2), “*estais*” (v. 3), “*vos*” (v. 7), “*nascestes e crescestes*” (v. 55)...; **c.** As frases que surgem entre os versos 86 e 87, 96 e 97, 116 e 117 e 131 e 132.; **d.** “*vos direi*” (v. 15), “*pregar*” (v. 31), “*sabereis*” (v. 138).

**3.1. a.** Feira das Graças (v. 184).; **b.** É dedicada à Virgem Maria (v. 185).; **c.** A feira funcionará através de trocas e não de vendas.; **d.** “*virtudes*” (v. 188), “*remédios*” (v. 191), “*conselhos maduros*” (v. 194), “*amor e rezão*” (v. 196), “*justiça e verdade*” (v. 197), “*paz*” (v. 197), “*temor de Deus*” (v. 200), “*as chaves dos Céus*” (v. 202), bens espirituais que, segundo o Tempo, estão em falta no seio da “*Cristandade*” (v. 198).

**3.2.** O Tempo pede a ajuda de um anjo porque receia vir a encontrar “*maus compradores*” (v. 214), habituados a comprar “*na feira do Demo*” (v. 216).

### Oralidade

**MC EL10 – 14. 1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura.

## Página 181

### Pré-leitura | Oralidade

**MC O10 – 2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**5. 2.** Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**6. 1.** Produzir os seguintes géneros de texto: síntese [...].

**6. 2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir.

**6. 3.** Respeitar as seguintes extensões temporais: síntese – 1 a 3 minutos [...].

### Pré-leitura | Oralidade

**1.1.** Síntese pessoal, integrando vocábulos como: “*mercador*” (v. 234), “*vender*” (v. 239), “*comprar*” (v. 240), “*tratos*” (v. 245), “*quintalada*” (v. 280), “*mercado*” (v. 292).

## Página 183

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**14. 7. b)** Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

**14. 8.** Identificar características do texto poético no que diz respeito à [...] métrica [...].

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**15. 3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

## Leitura | Compreensão

**1.1.** Vocativos, que incluem interjeições (vv. 218-219, 224, 227...) e que ocorrem em frases imperativas (vv. 220, 221, 223, 225, 228, 229 e 234).

**1.2.** “*igrejas, mosteiros, / pastores das almas, Papas adormidos*” (vv. 218-219); “*ó presidentes do crucificado*” (v. 224); “*Ó Príncipes altos*” (v. 227); “*donas e donzelas*” (v. 233).

**1.2.1.** Para além da apóstrofe, a metonímia (“*igrejas, mosteiros*”) e a metáfora (“*pastores das almas, Papas adormidos*”).

**1.2.2.** O modificador caracteriza os membros da igreja anteriormente enumerados como dourados, numa alusão ao seu apego ao ouro e aos bens materiais.

**1.2.3.** Ao sugerir aos membros da igreja que mudem de aparência e troquem os bens materiais por bens espirituais, o Serafim denuncia a deturpação daqueles que deveriam ser os seus princípios de vida.

**1.3. a.** Modificador (do grupo verbal); **b.** complemento do nome; **c.** complemento oblíquo; **d.** modificador apositivo do nome.

## Página 184

### Leitura | Compreensão

**2.1. (a)** alegre e convencido; **(b)** sabe que as mercadorias que oferece terão procura; **(c)** admiração e denúncia da sua presença ao Serafim; **(d)** desprezo e tentativa de expulsão da feira; **(e)** a sua mercadoria é aceite em todos os mercados (vv. 279-280); segundo a lei da oferta e da procura, ele oferece o que os compradores desejam (vv. 291-293); as pessoas têm de ser ruins para enriquecerem, pelo que compram os seus produtos (vv. 301-305); ele não força ninguém a comprar os bens que vende (vv. 326-330) e não se pode recusar a disponibilizar o que lhe querem comprar (vv. 331-346); **(f)** denúncia da corrupção moral da sociedade, em que os bens espirituais são preteridos em favor dos bens materiais, em particular do dinheiro.

**3.** Nos versos 257-263, o Diabo ironiza com o facto de, apesar de ele ser o Diabo, existirem muitos outros homens importantes e ricos que são piores do que ele; nos versos 279-280, com a sua referência cómica ao facto de ter entrada e clientes em todos os mercados, denuncia a corrupção moral e social; nos versos 301-305 critica diretamente o apego dos seres humanos ao dinheiro.

Nas passagens indicadas, o Diabo ridiculariza os defeitos da sociedade da época.

**4.** “*marmelada*” (v. 276), “*grãos torrados*” (v. 277), “*artes de enganar / e cousas para esquecer / o que deviam lembrar*” (vv. 288-290), “*perfumaduras*” (v. 313), “*virotos*” (v. 316), “*naipes*” (v. 318), “*falsas manhas de viver*” (v. 333), “*hipocrisia*” (v. 337), “*inguento / com que voe do convento*” (vv. 343-344).

**4.1.** O Diabo vende essencialmente bens materiais e dons negativos, por oposição ao Tempo e ao Serafim, que pretendem encontrar clientes para os seus bens espirituais e renovadores dos costumes.

**5.** O Diabo refere-se a clérigos e frades (v. 332), bispos (v. 336) e freiras (v. 341) para dar conta da corrupção generalizada e da perda de valores no seio da Igreja cristã.

**5.1.** A ironia permite formular a crítica por meio de alusões humorísticas aos hábitos de cada um dos visados.

**5.2.** As referências a membros da Igreja preparam a chegada da representante máxima da Igreja cristã, sobre cuja conduta se pode desde logo conjecturar, a partir da atuação dos seus representantes hierarquicamente inferiores.

**5.3.** Ao sugerir que conhece “*a maneira / de [...] vender e comprar*” (vv. 350-351) de Roma, o Diabo dá a entender que já negociou anteriormente com ela.

**6.** No excerto é utilizado o cómico de linguagem, nas falas do Diabo, e o cómico de situação, nos momentos em que o Diabo chega à feira e em que, no seu tom irónico, se confronta com o Tempo e com o Serafim.

**7.** No início do excerto, o Serafim serve-se maioritariamente de versos longos, de onze sílabas métricas (hendecassílabos), o que confere ao seu discurso um tom sóbrio e um ritmo lento. As falas do Diabo são apresentadas em versos heptassilábicos (redondilha maior), que tornam as suas intervenções fluidas e rápidas, adequadas à sua personalidade excêntrica e dinâmica.

**8.** Resposta pessoal, devidamente fundamentada.

## Página 187

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**14. 7. b)** Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**14. 11.** Reconhecer e caracterizar textos quanto ao género literário: [...] auto [...].

**G10 – 18. 4.** Identificar orações subordinadas.

## Leitura | Compreensão

**1.1.** As interrogações de Roma destinam-se a dar conta das suas dúvidas relativamente à situação em que se encontra e ao tratamento de que tem sido alvo por parte dos “seus” “Cristãos” (v. 364).

**1.2. a.** Ao afirmar que vem à feira “comprar paz, verdade e fé” (v. 383), Roma denuncia a sua carência de bens espirituais dos quais se supõe ser a representante máxima, autocaracterizando-se, assim, negativamente.

**b.** Roma usa a segunda pessoa do plural para se dirigir ao Serafim e a Mercúrio e a segunda do singular no tratamento do Diabo. Com essa diferença, denuncia o seu afastamento dos primeiros e daquilo que representam e a cumplicidade com o último, já sugerida pela fala final do Diabo no excerto da página 183. **c.** Falando com os mercadores celestiais, Roma serve-se de uma linguagem lisonjeira e respeitosa, procurando, desse modo, comovê-los e conseguir o que procura (vv. 437-441). No diálogo com o Diabo, pelo contrário, recorre a uma linguagem incisiva e direta, pejada de críticas e reprovações (vv. 417-431). **d.** O Diabo sugere que entre ele e Roma existe amizade, comprovando a proximidade de interesses entre ambos e, assim, caracterizando disforicamente a cidade papal. **e.** A oração subordinada adverbial consecutiva (v. 419), ao realçar que Roma adquirira tão grande quantidade de bens oferecidos pelo Diabo que chegou a vendê-los, sugere a sua corrupção moral. **f.** A afirmação de Roma comprova o que o uso de “tu” para se dirigir ao Diabo e as referências a negócios prévios com ele já tinham indiciado: ambos se conhecem de tempos anteriores, o que sugere a já antiga decadência ética da instituição que representa. **g.** Ao recorrer apenas a justificações de natureza material e económica para demonstrar o seu merecimento das mercadorias do Serafim, Roma autocaracteriza-se de forma que realça precisamente o seu apego aos bens terrenos e o esquecimento dos verdadeiros valores cristãos.

**1.3.** Ao chegar à feira, Roma fala com o Diabo, que a aborda. Descontente com as suas ofertas, dirige-se ao Tempo e a Mercúrio, junto dos quais é admoestada pelo Serafim e aconselhada pelo mensageiro dos deuses.

**1.3.1.** Em cada um dos pontos onde se detém, em conversa com o Diabo, primeiro, e com o Serafim e Mercúrio, depois, Roma é tratada como ré num tribunal destinado a avaliar a sua conduta. Ela própria reconhece as suas faltas, como ré confessa, mas é censurada pelo anjo, de cujas repreensões procura defender-se com argumentos que evidenciam ainda mais a sua propensão materialista. As intervenções que lhe dirigem o Serafim e Mercúrio aliam a sua vertente crítica a uma intenção corretiva, sugerindo-lhe o caminho a seguir para emendar a vida (v. 493).

## Página 188

### Leitura | Compreensão

**2.** A anáfora dos versos 407-410 intensifica a falsidade humana denunciada pelo Diabo. Com a anáfora da forma do verbo “ver” no imperativo (vv. 467-469), o Serafim procura consciencializar Roma das suas faltas e da forma como se tem afastado de Deus.

**3.** A última fala do Diabo deixa no ar a hipótese de, apesar de advertida, Roma não mudar de conduta, optando por continuar a preferir o dinheiro e ignorando (dando “ao demo”) o “conselho” que anteriormente lhe fora dado por Mercúrio (v. 485).

**4.** No excerto intervêm personagens que concretizam realidades abstratas (o bem, o mal, a religião cristã).

**4.1.** É através das personagens alegóricas que se desenvolve o assunto religioso da peça e se estabelece a dicotomia entre o bem e o mal, própria da moralidade e da qual decorre a intenção didática do auto.

## Escrita

**MC E10 – 10. 2.** Elaborar planos.

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: [...] exposição sobre um tema [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão [...].

**15. 5.** Escrever exposições [...].

## Pós-leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 1.** Identificar o tema dominante, justificando.

**1. 4.** Fazer inferências.

**1. 5.** Distinguir diferentes intenções comunicativas.

**2. 2.** Registrar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

## Pós-leitura | Oralidade

### 1. Cf. Transcrição.

**1.1.** A promoção pessoal, abordada metaforicamente como montanha a subir por aqueles que desejam “*escalar posições sociais*”, os alpinistas e trepadores citados no título da crônica.

**1.2. a.** Tanto na crônica como no *Auto da Feira* se denunciam “*aqueles que se aproveitam da Igreja para enriquecer*” e se fazem alusões aos desafios lançados aos cristãos para se libertarem “*da vaidade, da sede de poder e do dinheiro*”. **b.** Ambos os textos possuem uma intenção crítica, expressa diretamente, no caso do *Auto da Feira*, ou visada através da divulgação de posições reprovadoras (do Papa Francisco), na crônica.

## Página 189

### Pré-leitura

**MC L10 – 7. 3.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**7. 4.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.

**7. 6.** Explicitar [...] marcas [...] do artigo de divulgação científica.

**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

**1.1.** O tema das relações amorosas e do casamento, também explorado no artigo.

## Página 193

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.

**14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**14. 7. b)** Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**14. 11.** Reconhecer e caracterizar textos quanto ao gênero literário: [...] auto ou farsa.

### Leitura | Compreensão

**1. a.**

## Página 194

### Leitura | Compreensão

**2. (a)** curiosas; **(b)** desconchado; **(c)** vender; **(d)** destemperada; **(e)** contraponto; **(f)** incompreensão; **(g)** consorte; **(h)** negativa; **(i)** méritos; **(j)** troca; **(k)** dorminhoco (ou beerrão); **(l)** beerrão (ou dorminhoco); **(m)** inaptidão; **(n)** eco; **(o)** mansidão; **(p)** desconcertado; **(q)** visões; **(r)** valores; **(s)** triunfo; **(t)** insolúveis.

**3.1.** Depois de ouvir da boca de Marta o nome de Jesus, usado como interjeição (v. 694), o Diabo vai-se embora.

**4.1.** A fala de Branca dá conta do desajuste entre os bens oferecidos pelo Serafim e aqueles que, em resposta, as duas mulheres lhe dizem procurar. Às “*virtudes*” (v. 745) sugeridas pelo anjo, Branca e Marta contrapõem sempre bens materiais, conferindo esse desencontro de perspectivas comicidade ao diálogo.

**4.2.** O Serafim realça a importância dos bens espirituais, sendo continuamente confrontado com o interesse e a relevância atribuídos pelas duas mulheres aos bens materiais.

**4.3.** Marta e Branca consideram que o anjo e os seus companheiros “*não têm cousa que homem queira*” (v. 773), rejeitando as suas mercadorias por serem inúteis, dado o estado das “*gentes*” (v. 761) e do “*mundo*” (v. 762). Na fala de Branca denuncia-se a negligência e a corrupção dos seres humanos, cujas almas estão “*doentes*” (v. 763).

**5.** As cenas do *Auto da Feira* dedicadas aos esposos desconchados, versando, numa primeira leitura, sobre um assunto profano desenvolvido a partir da ideia de engano (dos maridos e das mulheres face ao respetivo cônjuge), assumem a forma de uma pequena farsa. Esta é ainda marcada pelo reduzido número de personagens e pela verosimilhança de situações, decorrente da representatividade social das figuras em cena.

## Página 195

### Escrita

- MC E10 – 12. 1.** Respeitar o tema.  
**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.  
**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua [...].

### Oralidade

- MC O10 – 1. 4.** Fazer inferências.  
**1. 5.** Distinguir diferentes intenções comunicativas.  
**1. 6.** Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais.  
**1. 7.** Explicitar, em função do texto, marcas do [...] anúncio publicitário.  
**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.  
**EL10 – 1 4. 1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação.  
**16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

**2.1.** A violência doméstica.

**2.2. a.** Publicidade institucional. **b.** As vítimas de maus-tratos por parte do cônjuge e a sociedade em geral.  
**c.** “Não à violência doméstica”.

**2.3.** O anúncio recorre a palavras e frases expressivas relacionadas com a violência doméstica que vão surgindo no ecrã, associadas à imagem de figuras públicas masculinas que dão a cara pela campanha e que no final apresentam cartazes que, em conjunto, formam a frase que dá nome à campanha (“Uma voz ACTIVA contra a violência doméstica”). Em termos não verbais, destaca-se o tom de voz e a entoação do locutor.

**2.3.1.** O poder sugestivo do anúncio é conseguido com a conjugação dos elementos verbais e não verbais, obrigando, os primeiros, o público a concentrar-se na imagem durante a visualização. Em termos comunicativos, a eficácia do anúncio decorre bastante da identificação das frases escritas no ecrã e lidas pelo locutor com o parecer generalizado da opinião pública sobre o tema da violência doméstica.

**Nota:** O anúncio apresenta uma incorreção ortográfica, registando o adjetivo “silencioso” com acento circunflexo. Pode chamar-se a atenção dos alunos para essa situação ou, em alternativa, desenvolver-se uma atividade de identificação e correção da falha, refletindo sobre as regras da acentuação.

## Página 199

### Leitura | Compreensão

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.  
**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.  
**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.  
**14. 5.** Analisar o ponto de vista das diferentes personagens.  
**14. 7. b)** Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.  
**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.  
**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.  
**18. 4.** Identificar orações subordinadas.  
**19. 1.** Identificar arcaísmos.

## Leitura | Compreensão

1. Oração subordinada adverbial causal.

1.1. As moças não vêm à feira para vender e fazer negócios, mas apenas para “folgar” (v. 807) em honra da Virgem. O que trazem é apenas para “merendar” (v. 808).

2. Gilberto não compreende as metáforas do “gado” (v. 814) divino e das “ladeiras” (v. 818) celestiais que o Serafim utiliza. Do desajustamento entre a utilização metafórica das palavras pelo anjo e a sua interpretação literal por Gilberto nasce o cômico, que coloca em evidência a simplicidade do pastor.

3. As cenas em que as “moças dos montes” dialogam com Vicente e Mateus evidenciam a sua retidão de propósitos, uma vez que mantêm o objetivo de apenas honrar a Virgem na feira das Graças, recusando todas as investidas com objetivos menos virtuosos dos dois compradores.

3.1. A ironia e o sarcasmo (vv. 835, 855, 895-899, 910-911), os trocadilhos (vv. 858-862, 870-871) e o uso de palavras e expressões populares (vv. 845-847, 888-889, 928).

4. A Feira das Graças, organizada em honra da Virgem, termina efetivamente com o louvor a Nossa Senhora, apresentada como exemplo supremo do bem. Como lembra Teodora ao Serafim, em tom reprovador, a Virgem “dá de graça” as virtudes “aos bons” (vv. 967-968), pelo que é dispensável o seu negócio.

5. Diversas passagens do excerto ilustram as afirmações de Antônio José Saraiva, quer do diálogo inicial entre Gilberto e o anjo (que ilustra o “mundo ingênuo” dos pastores), quer entre as moças e os compradores (em que se percebe, efetivamente, que “nem tudo é venal”), quer, sobretudo, do diálogo final das raparigas com o Serafim (durante o qual elas lembram que as virtudes não são comercializáveis e devem merecer-se). Poderão aceitar-se, portanto, sugestões diversas, devidamente fundamentadas.

## Página 200

### Leitura | Compreensão

6. “Senhora Moneca” – vocativo; “trazeis algum cabrito recente” – predicado; “algum cabrito recente” – complemento direto; “recente” – modificador restritivo do nome; sujeito nulo subentendido (vós).

“Vós” – sujeito simples; “não seiais descortês” – predicado; “descortês” – predicativo do sujeito.

7. “nego” (v. 807), “samica” (v. 811), “emborilhadas” (v. 837), “micho” (v. 847), “aramá” (v. 888), “Bofá” (v. 946).

## Pós-leitura

**MC EL10 – 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 11.** Reconhecer e caracterizar textos quanto ao gênero literário: farsa.

## Escrita

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**7. 3.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**7. 6.** Explicitar [...] marcas dos seguintes gêneros [...]: apreciação crítica.

**9. 1.** Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

**E10 – 10. 2.** Elaborar planos.

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do gênero: [...] apreciação crítica.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Página 201

### Tópicos de exploração do texto:

- Fundamentação da afirmação do primeiro parágrafo, decorrente da leitura do *Auto da Feira*;
- Enumeração da “multiplicidade de temas” (ll. 7-8) da peça;
- Identificação das “três partes” (l. 15) em que pode dividir-se o *Auto da Feira* e respetivo assunto;
- Exploração do valor simbólico das personagens alegóricas;
- Explicitação do “movimento ascensional” (l. 16) do auto.

## Projeto de Leitura

**MC EL10 – 15. 6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

**18. 2.** Dividir e classificar orações.

**18. 4.** Identificar orações subordinadas.

**18. 5.** Identificar oração subordinante.

## Projeto de Leitura

**1.1. / 1.1.1.** Exemplos: **a.** “Uma mágoa contida” – constituinte que controla a concordância verbal (“recobria”, 3.<sup>a</sup> pessoa); **b.** “contida”, “cristã”, “magra”, “abertas”, “de pequena estatura”, “escuro”, “comprido”, “hesitante”, “velha” – elementos que limitam ou restringem as referências dos grupos nominais; **c.** “a lavadeira a quem tínhamos deixado a nossa casa em Lisboa momentos antes de fugirmos daquela cidade tenebrosa, há mais de duas décadas.” – constituinte que não restringe o grupo nominal a que se refere e que fornece informação adicional sobre ele; **d.** “de vingança”, “do pergaminho”, “de silêncio”, “de vos encontrar” – elementos selecionados por nomes e que completam as suas referências; **e.** “o manuscrito”, “as páginas abertas do pergaminho” – constituintes que completam o sentido do verbo; **f.** “Egoisticamente”, “Hoje”, “Ontem, por volta do meio-dia” – elementos que contribuem com informações adicionais sobre as circunstâncias da ação.

## Grupo I

### Texto A – Farsa de Inês Pereira

1. O excerto integra-se no conflito da *Farsa de Inês Pereira*, correspondendo ao momento em que, depois de se casar com o Escudeiro, como era seu desejo, Inês conhece a verdadeira personalidade do marido.
2. Inês é surpreendida com a reação do esposo à sua cantiga, predispondo-se mesmo a abdicar de cantar para lhe agradar (vv. 7-9). Fica admirada com a forma como ele a trata, estranhando as suas palavras e questionando-se sobre os motivos que as determinaram (vv. 28-29). O Escudeiro apresenta uma postura hostil e mesmo ameaçadora face à esposa (vv. 3-6, 10-11, 13-14), revelando tendências violentas (vv. 5-6 e 16).
3. A comparação com uma “freira d’ Odivelas” (v. 27) coloca em evidência a clausura a que Brás da Mata deseja votar a esposa a partir daquele momento, privando-a de qualquer contacto social. Recorrendo à ironia (vv. 30-36), o Escudeiro recorda a Inês que foi ela quem procurou um homem com as suas características, responsabilizando-a pelas consequências da sua escolha.
4. O excerto desenvolve uma crítica social à oposição parecer/ser, evidente de forma particular nas classes baixas da nobreza, cuja atuação em contextos sociais sugeria um modo de vida que não correspondia, como se constata no caso de Brás da Mata, às suas reais condições (morais, no caso).
5. O texto assenta na descoberta, por parte de Inês, do engano de que foi vítima (ao casar-se com o Escudeiro), vetor temático associado ao género da farsa.

### Texto B – Auto da Feira

1. O excerto pertence à exposição do *Auto da Feira*, correspondendo ao momento em que o Diabo surge em cena, assumindo-se como mercador interessado em participar na Feira das Graças organizada por Mercúrio, incomodando o Tempo e o Serafim, que assumem que ele “há de danar a feira” (v. 18).
2. O Tempo mostra-se respeitoso (vv. 4-5), apesar de reconhecer o Diabo e suspeitar das suas intenções na feira. Recorre à ajuda do Serafim, mostrando-se receoso (vv. 16-18). O Diabo entra em cena confiante de que fará negócio na feira, considerando o estado de imoralidade dos homens (vv. 6-15 e 33-35) e a procura que tem a sua mercadoria (vv. 29-30). É dissimulado ao minimizar a importância dos bens que comercializa (v. 28) e revela, na sua linguagem, uma faceta cômica e irónica (v. 6), mas deferente na forma como se dirige ao Serafim (v. 21). Este intervém apenas uma vez, de forma reprovadora, denunciando a mesquinhez das coisas vendidas pelo Diabo (vv. 31-32).
3. A ironia de que se serve o Diabo no verso 28 funciona como crítica à crescente importância dos bens materiais, já denunciada pela personagem na sua fala anterior. A metáfora que aproxima os homens de “Diabos” (v. 9) intensifica a crítica à corrupção moral.
4. O texto desenvolve uma crítica à dissolução de costumes e ao apego aos bens materiais, em detrimento dos valores morais.
5. O excerto confirma o *Auto da Feira* como auto de moralidade, pois nele participam personagens alegóricas, que polarizam as ideias de bem e mal, com propósitos didáticos de correção social.

## Página 208

### Grupo II

1. O tema dominante do texto é a vida e, sobretudo, a obra de Gil Vicente, uma vez que se faz uma breve apresentação biográfica do autor, seguida da descrição do contexto e das circunstâncias em que produziu as suas peças.

2.1. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: A passagem destaca a impossibilidade de aceder de forma cabal à obra de Gil Vicente, dado o carácter efémero do teatro, distinto da perenidade do texto dramático. De facto, se “houve muitos” autos de Gil Vicente em termos de concretização espetacular, atualmente “não há nenhum”, a não ser na sua base textual, que se fixou. As representações são “ações perdidas”, como explica o autor, até porque pela simples leitura das peças não se acede ao trabalho de preparação e concretização do espetáculo, que envolvia vários intervenientes, como o próprio Gil Vicente.

3.1. (B); 3.2. (D); 3.3. (C).

## Página 209

### Grupo II

3.4. (A); 3.5. (D); 3.6. (A).

4.1. Oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

4.2. Predicativo do sujeito.

## Página 212

 No âmbito do estudo das *Rimas* de Camões, o Programa prevê a abordagem de:

- 4 redondilhas;
- 8 sonetos.

Apresentam-se, nesta sequência, poemas na medida velha e na medida nova em número superior ao indicado, de modo a permitir escolhas adequadas às características das turmas.

**MC** **EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Tópicos de análise do texto de José Saramago:

- Identificação dos sentimentos de Saramago face a Camões: desconhecimento e admiração;
- Comentário sobre o carácter irónico da última frase, que coloca em confronto a situação de Camões, no final da sua vida, e a daqueles que recebem o Prémio Camões;
- Pesquisa e/ou troca de impressões sobre os objetivos do Prémio Camões, o qual, segundo informa o seu regulamento, se destina a “consagrar anualmente um autor de língua portuguesa que, pelo valor intrínseco da sua obra, tenha contribuído para o enriquecimento do património literário e cultural da língua comum”.

### Proposta de interpretação do soneto de Bocage:

- Levantamento dos traços que permitem a comparação do sujeito poético com Camões e das circunstâncias biográficas partilhadas pelos dois poetas – saída da pátria (“perdendo o Tejo”), passagem do Cabo da Boa Esperança (“Arrostar co’o sacrílego gigante”), estadia na Índia (“junto ao Ganges”), marcada pelo infortúnio epela pobreza (“Da penúria cruel no horror me vejo”) e pelo sofrimento amoroso (“Também carpindo estou, saudoso amante”);
- Referência às diferenças salientadas pelo sujeito de enunciação face ao destinatário das suas palavras (embora biograficamente próximo de Camões, o sujeito poético distancia-se dele relativamente às capacidades literárias, vv. 13-14);
- Apresentação de uma divisão fundamentada do poema em partes lógicas, atendendo à exploração temática anterior (Proposta de divisão: as três primeiras estrofes constituem um núcleo temático em que o “eu” lírico se compara a Camões, destacando vivências que lhes são comuns. No último terceto, sintetizando a relação que mantém com o autor clássico na expressão “Modelo meu tu és...”, apresenta, contudo, e como a conjunção adversativa assinala, os aspetos em que também se reconhece diferente dele: a qualidade da sua obra artística).

## Página 213

### Sugestão de exploração do cartoon:

- Troca de impressões sobre a situação representada: o anacronismo do microfone, que sugere um entrevistador dos nossos dias, face a Camões;
- Reflexão acerca do conceito de emigração, no tempo de Camões e atualmente;
- Interpretação da intencionalidade crítica da imagem e da utilização de Camões enquanto símbolo nacional para censurar a atualidade política e social nacional.

### Tópicos de análise do soneto de Camões:

- Identificação do tema do soneto;
- Análise dos conectores adversativos enquanto elementos estruturais na construção da mensagem;
- Levantamento de elementos textuais que remetam para a “*sorte dura*” (v. 10) do sujeito poético e para as suas tentativas de superação da mesma;
- Explicitação do valor do último terceto enquanto conclusão do poema.

## Página 214

### Pré-leitura | Oralidade

**MC** O10 – 1. 2. Explicitar a estrutura do texto.

1. 4. Fazer inferências.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

2. 2. Registar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

#### Nota:

Pode ser importante chamar a atenção dos alunos para o facto de a designação *Rimas* corresponder ao “título dado, logo desde a primeira edição, aparecida em 1595, ao conjunto da poesia lírica de Camões”<sup>1</sup>, incluindo, desse modo, composições temática e estruturalmente bastantes diversas.

(1. CASTRO, Aníbal Pinto de, 2001. “Rimas”. In *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol. 4. Lisboa: Verbo, p. 844)

### Pré-leitura | Oralidade

1.1. D, B, E, A, C.

1.2.1. a. F. Camões “*pertencia a uma família da pequena nobreza*”. b. F. A partida para Ceuta ocorreu no final da década de 40 (“*seguiria para Ceuta à roda de 1549 e por lá ficaria até 1551.*”). c. F. A perda de um olho ocorreu aquando da estadia no norte de África.; d. V. e. V. f. V. g. F. A produção camoniana expressa uma vivência poética individual (“*vivência poética do indivíduo posto perante si próprio ou frente à sociedade que o rodeia.*”). h. F. O tema do Amor “*enriquece-se e aprofunda-se em função de uma visão do mundo e da vida equacionada segundo uma forte contraposição dialética entre o indivíduo e os outros, que dá lugar a uma complexa e estreita rede de relações que o associam a outros temas*”. i. V.

1.2.2. “*caos labiríntico*”.

## Página 216

### Leitura | Compreensão

**MC** L10 – 7. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

EL – 16. 1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.

## Página 217

### Leitura | Compreensão

1. a. 4; b. 6; c. 5; d. 2; e. 7.

2. (a) “amor”; (b) “aspetos sociais”; (c) “aspetos morais”; (d) “sentido mais profundo, metafísico”; (e) “temática religiosa”; (f) “poemas de circunstância”; (g) “decassílabo”; (h) “soneto”; (i) “terceto”; (j) “oitava-rima”; (k) “canção”; (l) “ode”; (m) “elegia”; (n) “écloga”; (o) “Virgílio”; (p) “Ovídio”; (q) “Horácio”; (r) “Petrarca”; (s) “a mulher como ser superior”; (t) “a atitude infinitamente reverente do amante perante a Senhora”; (u) “o sentimento de distância”; (v) “a morte por amor”.

3.1. Geralmente, os poemas que se inserem na medida nova refletem uma atitude mais séria por parte do poeta, que contrasta com a leveza da redondilha, ainda que, por vezes, o poeta utilize o metro tradicional para abordar questões mais profundas e/ou graves (ll. 19-23 e 28-29).

4. A colocação das aspas assinala um neologismo, um verbo formado a partir do nome Petrarca.

4.1. O verbo adquire o sentido de compor poesia de acordo com as características temáticas e formais desenvolvidas pelo poeta italiano.

## Pós-leitura | Oralidade

**MC 010 – 2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**3. 1.** Pesquisar e selecionar informação.

**3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**4. 2.** Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

**5. 2.** Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**6. 1.** Produzir os seguintes géneros de texto: síntese [...].

**6. 2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir.

**6. 3.** Respeitar as seguintes extensões temporais: síntese – 1 a 3 minutos [...].

## Página 218

### Tópicos de exploração do texto “Renascimento”:

- Interpretação do significado da palavra, atendendo ao seu processo de formação e às informações da primeira frase do texto;
- Indicação de transformações no domínio social e cultural que contribuíram para o surgimento do movimento (e não mencionadas no quadro anteriormente preenchido);
- Identificação do objetivo didático de utilização dos textos clássicos pelos homens do Renascimento.

## Página 219

### Tópicos de exploração do texto “Humanismo”:

- Referência às duas causas determinantes do surgimento do Humanismo;
- Comentário sobre o papel do Homem na nova conceção do mundo e justificação da designação do movimento.

### Tópicos de exploração do texto “Classicismo”:

- Levantamento das noções-chave associadas ao Classicismo e comentário sobre as mesmas;
- Justificação da designação do movimento.

## Página 221

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**15. 3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

### Leitura | Compreensão

**1.1.** O desejo do desaparecimento do dia do seu nascimento, intensificado pelo uso do pleonasmo (“*moura e pereça*”).

**1.2.** “[...] *este dia deitou ao mundo a vida / mais desgraçada que jamais se viu!*” (vv. 13-14).

**2.** O ambiente descrito constitui uma transposição do interior tumultuoso do sujeito poético.

**3.** Perante a ambiência desejada pelo “eu” lírico, as outras pessoas sentir-se-iam “*pasmadas*”, por desconhecerem os motivos que desencadearam tal situação. A “*gente*” ficaria “*temerosa*” face à destruição almejada pelo sujeito da enunciação.

**4.** Resposta pessoal, devidamente fundamentada.

## Página 222

### Leitura | Compreensão

**5.1. (A)** a ligação do nascimento e da morte (v. 1); **(B)** as relações ambíguas com a mãe (v. 8); **(C)** a visão de si próprio como um ser desmesurado, mesmo monstruoso (vv. 6-7); **(D)** a sensação de desgraça maior (v. 13-14).

## Pós-leitura

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.
- 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
- 14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.
- 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura

- 1.1. a.** O vilancete desenvolve a mesma ideia do poema anterior: o sujeito poético apresenta-se como uma personalidade angustiada, infeliz e desencantada consigo mesma.; **b.** Segundo o sujeito poético, o seu estado de espírito deve-se ao facto de ter nascido e de estar vivo.
- 1.2. / 1.2.1.** O soneto integra-se na vertente renascentista e apresenta duas quadras e dois tercetos, com esquema rimático *a b b a / a b b a / c d e / c d e* e versos decassilábicos. O segundo texto enquadra-se na corrente tradicional, apresentando um mote de três versos seguido de duas voltas sétimas e esquema rimático nas voltas *a b b a a c c / d e e d d c c*. Trata-se, pois, de um vilancete.

## Página 223

### Pré-leitura

- MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.
- 7. 3.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.
- 7. 4.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.
- 7. 5.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.
- 7. 6.** Explicitar [...] marcas dos seguintes géneros [...]: apreciação crítica.
- 8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

### Pré-leitura

- 1.1. a.** descrição do objeto (ll. 1-11); comentário crítico (ll. 11-18); **b.** adjetivos (“*belo e desafiante*”, ll. 1-2; “*extraordinária*”, l. 13; “*desconcertante*”, l. 17) e advérbio associado ao adjetivo (“*Particularmente engenhosa*”, l. 15); **c.** “*nunca se fica pelo brilho inócuo do pastiche, antes o assimila para dizer coisas novas num modo antigo*”, ll. 13-14.
- 1.2.** O título adquire um duplo sentido, uma vez que a palavra “Signos” tanto se pode referir às constelações do zodíaco como aos “signos escritos” do poeta, ou seja, às suas palavras e ao seu estilo, que influenciaram e continuam a influenciar os escritores das novas gerações.
- 1.3.** A fortuna e o tempo são as temáticas abordadas no soneto da página seguinte. O sujeito poético perspetiva a sua vida, em função do tempo decorrido, sentindo que o destino nunca lhe foi favorável.

## Página 224

### Leitura | Compreensão

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.
- 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
- 14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.
- 14. 6.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.
- 14. 7. a)** Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.
- G10 – 19. 4.** Explicitar constituintes de campos lexicais.
- 19. 5.** Relacionar a construção de campos lexicais com o tema dominante do texto e com a respetiva intencionalidade comunicativa.

## Leitura | Compreensão

1. “Erros”, “*má fortuna*”, “*conjuraram*”, “*dor*”, “*magoadas iras*”, “*castigasse*”, “*enganos*”, “*vinganças*”.
2. Infeliz, triste e desiludido com a sua existência.
- 2.1. “Erros”, “*Fortuna*” (destino) e o “*amor*”.
- 2.1.1. “*que para mim bastava o amor somente*” (v. 4).
3. Pretérito imperfeito do conjuntivo.
- 3.1. O tempo verbal usado realça as aspirações do sujeito poético e, ao mesmo tempo, a (im)possibilidade da sua concretização.
- 3.2. A primeira parte corresponde aos versos 1 a 12, com predomínio do pretérito perfeito simples do indicativo, momento em que o sujeito poético faz um balanço do seu percurso de vida. Os dois últimos versos, introduzidos pela interjeição, correspondem à expressão do desejo do “eu” lírico concretizada através do pretérito imperfeito do conjuntivo.
4. A interjeição enfatiza o tom emotivo com que o sujeito poético manifesta o seu desespero.
5. O uso dos determinantes possessivos (“*meus*”, “*minha*”, “*minhas*”, “*meu*”), dos pronomes pessoais (“*mim*”, “*me*”) e dos verbos flexionados na 1.ª pessoa (“*passei*”, “*tenho*”, “*Errei*”, “*vi*”) determinam o carácter autobiográfico desta composição que consiste numa reflexão do sujeito poético sobre o seu itinerário pessoal e desencanto no momento presente.

## Página 225

### Pré-leitura

- MC** L10 – 7. 2. Fazer inferências, fundamentando.
7. 5. Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.
9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.
- EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

1. Interpretações possíveis: a falta de inspiração; o tempo; o amor...
- 1.2. Manuel António Pina faz uma alusão ao verso de Camões para introduzir o tema da crónica, explicando que os problemas amorosos do poeta tinham origem hormonal e não sentimental.
- 1.3. O cronista confessa, de forma irónica, a sua decepção ao descobrir que estudos científicos garantem que o sentimento amoroso poderá ser reduzido a um processo cerebral desencadeado por determinada fórmula hormonal.
- 1.4. O autor realça o facto de as descobertas científicas desvalorizarem a sinceridade dos sentimentos do Homem que nos são dados a conhecer por grandes nomes da literatura, como é o caso de Camões e de Shakespeare.
- 1.5. Manuel António Pina pretende pôr em causa as palavras de Camões e a verdade nelas contida, tendo em conta as últimas descobertas científicas.

## Página 227

### Leitura | Compreensão

- MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.
14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
14. 4. Fazer inferências, fundamentando.
14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.
14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.
14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.
- G10 – 17. 3. Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.
17. 4. Identificar étimos de palavras.
17. 5. Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo.
17. 6. Relacionar significados de palavras divergentes.
18. 1. Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

## Leitura | Compreensão

### 1.1. (C).

1.1.1. Trata-se da estrutura sintática habitual nas definições, insistentemente utilizada pelo sujeito poético na sua tentativa de reconhecer as características do amor.

#### 1.1.2. Anáfora.

2. O “Amor” é definido como sofrimento invisível, mas devastador (v. 1), semelhante à dor física mas impercetível aos sentidos (vv. 1, 2 e 4), como anulação dos desejos do “eu” (v. 5) e enquanto insatisfação constante (v. 7).

2.1. Metáfora (vv. 1-2): aproxima o amor de realidades intensas e, em simultâneo, potencialmente dolorosas. Paradoxo: sugere as características e os efeitos antagónicos do amor.

3. O amante aceita o sofrimento causado pelo excesso de amor (v. 11) e o estado de privação de liberdade imposto pela amada (v. 9), assumindo voluntariamente o papel de seu servidor (v. 10). Manifesta-lhe fidelidade absoluta, apesar da não correspondência do seu sentimento (v. 11).

4. A última estrofe funciona como conclusão do soneto e destaca a aparente oposição entre os efeitos contrários do amor e a sua perseguição contínua pelos seres humanos.

5. O soneto inicia-se e termina (com recurso ao hipérbato) com a palavra “Amor”, sugerindo a incapacidade do sujeito de definir o sentimento.

5.1. O amor é apresentado como uma entidade de natureza quase divina. Amor é, aliás, outro nome de Cupido, usado metonimicamente para designar o sentimento que exerce tão forte ascendência sobre o Homem.

6.1. Sonorização do c em g e redução vocálica do o da primeira sílaba.

6.2. Ambas as realidades exercem um efeito avassalador sobre o ser humano.

6.3. “Casas”; “habitações”.

6.3.1. “Antigamente, quando ainda nem sequer havia fogões, onde ardesse a lenha para preparar as refeições, cada habitação tinha a cozinha onde, numa fornalha ou na lareira, ardia a lenha para preparar os alimentos. Essa lareira era, nalgumas casas, junto à parede e noutras no canto da cozinha. No inverno, as famílias, tantas vezes acompanhadas pelos vizinhos, recebiam à noite o calor agradável daquele “fogo” tão necessário para o seu aquecimento. Era esse “fogo” de tanto valor para aquela gente, que a palavra “fogo” se sobrepôs a **mora-dia, casa, habitação, residência**, etc. E assim, passaram a dizer-se frases como esta: A minha aldeia é a maior daquela região, tem oitenta “fogos”. Compreende-se, porque aquele “fogo” era, no inverno, o centro, a alma da convivência amigável daquelas pessoas que muito se queriam.”

HENRIQUES, José Neves, 2001. “Fogo (habitação): origem”. In *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=8381> [Consult. 2014-10-07]

6.4. Palavras divergentes que têm em comum o facto de referirem a produção de luz ou de combustão.

## Página 228

### Gramática

**MC** G10 – 19. 3. Reconhecer o campo semântico de uma palavra.

19. 4. Explicitar constituintes de campos lexicais.

### Gramática

1.1. **a.** *tem a ver* – relaciona-se; **b.** *É bom de ver* – É óbvio; **c.** *A meu ver* – Na minha opinião; **d.** *ficou a ver navios* – não conseguiu alcançar o que pretendia.

1.2.1. Desgosto; dor.

1.2.2. Exemplos de frases: A ferida que fiz no joelho é profunda. O Carlos pôs o dedo na ferida quando analisou as causas do problema.

1.3. **dor** *n.f.* 1 sensação penosa ou desagradável, sofrimento, pesar; 2 condolência, dó; 3 mágoa; 4 arrependimento; 5 [plural] *popular* os sofrimentos do parto; **dor de barriga** cólicas; **dor de cabeça** aflição, problema; **dor de cotovelo** ciúme, despeito; **tomar as dores por alguém** tomar parte na defesa de uma pessoa ofendida (Do latim *dolōre-*, “dor”),

AA.VV., 2010. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora (p. 563)

2. “fogo”; “ferida”; “contentamento”; “dor”.

## Página 229

### Pré-leitura

**MC** G10 – 19. 3. Reconhecer o campo semântico de uma palavra.

## Pré-leitura

1. Meigo, afetuoso, suave.

1.1. Exemplos de frases: O chá que preparaste está demasiado doce. Ana, o teu irmão é um doce! A composição da água doce é muito variável.

## Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

G10 – 18. 1. Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

## Leitura | Compreensão

1.1. É estabelecida uma comparação entre “o lascivo e doce passarinho” (v. 1) e “o coração” (v. 9). Ambos apresentam a mesma inocência e despreocupação em relação aos perigos que os rodeiam.

2.1. Os diminutivos denotam o tom afetuoso com que o sujeito poético se refere ao “passarinho”, reforçando a sua fragilidade, que contrasta com a figura do “cruel caçador”.

2.2. Os modificadores, no caso adjetivos, destacam a inocência e a doçura do “passarinho” (vv. 1 e 3), em contraste com a crueldade dissimulada do “caçador” (vv. 5 e 6).

3. O discurso parentético isola passagens que funcionam como apartes do sujeito poético, apresentando informações complementares em relação ao que narra.

4. Tal como o “passarinho” vivia feliz quando foi atingido pelo “caçador”, também o coração do sujeito poético andava “livre” quando foi surpreendido por Cupido, ao ver os olhos da amada (“me”, vv. 12 e 13).

5. Segundo o “eu”, o amor é marcado pela imprevisibilidade e pela inevitabilidade.

## Página 230

### Pré-leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 4.** Fazer inferências.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

**Nota:** Pode chamar-se a atenção dos alunos para a pronúncia incorreta por parte de Margarida Cordo da palavra “rubrica” como esdrúxula, sendo, na verdade, grave. A propósito da mesma, sugere-se a audição do programa da Antena 3 *Pontapés na Gramática* dedicada à palavra “rubrica”, a que se pode aceder através do *link*: <http://www.rtp.pt/play/p982/e111589/pontapes-na-gramatica>

### Pré-leitura | Oralidade

1. / 1.1. Nem sempre o amor é sinónimo de alegria, nomeadamente quando aquele que se ama constitui uma fonte de dependência (“só porque vos vi, minha Senhora”). Assim, o que ama acaba por experimentar uma felicidade condicionada (“choro e rio”).

## Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

14. 10. Identificar características do soneto.

G10 – 18. 1. Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

18. 4. Identificar orações subordinadas.

19. 7. Analisar o significado de palavras considerando o processo de formação.

## Leitura | Compreensão

1. v. 1 – oração subordinante; v. 2 – oração subordinada adverbial consecutiva.
- 1.1. A oração subordinada põe em evidência os efeitos do estado incerto do “eu”.
- 1.2. O sujeito poético sente-se em “*desconcerto*”, ou seja, sem harmonia e ordem nas suas emoções, num turbilhão sentimental.
2. / 2.1. Qualquer um dos restantes versos das quadras (vv. 2 a 8).

## Página 231

### Leitura | Compreensão

3. Os versos remetem para a conceção psicológica do tempo vivenciada pelo sujeito poético na sua relação com a amada. O seu desejo de estar na sua presença fá-lo sentir que uma hora dura “*mil anos*”.
- 4.1. Só no último terceto do soneto se apresenta a justificação para o estado de perturbação do sujeito poético: a visão da mulher amada.
5. Vocativo.
- 5.1. O “eu” confessa os seus sentimentos à sua interlocutora.
6. a. A antítese (vv. 6-8) evidencia o desassossego do sujeito poético. b. O quiasmo (vv. 10-11) destaca a percepção psicológica que o sujeito poético tem do tempo. c. A hipérbole (v. 9) amplifica o delírio amoroso do “eu”. d. O paralelismo sintático (vv. 7-8) apresenta de forma simétrica as ações opostas do sujeito poético. e. O paradoxo (vv. 1-6) intensifica os efeitos contraditórios do amor sobre o amante. f. A metáfora (v. 6) aproxima as reações físicas do “eu” lírico de elementos naturais, realçando a sua força.

## Escrita

**MC E10 – 10. 1.** Pesquisar informação pertinente.

10. 2. Elaborar planos [...].

11. 1. Escrever textos variados: [...] exposição sobre um tema [...].

12. 1. Respeitar o tema.

12. 2. Mobilizar informação adequada ao tema.

12. 3. Redigir um texto estruturado.

12. 4. Mobilizar adequadamente recursos da língua.

13. 1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento [...].

**EL10 – 15. 5.** Escrever exposições [...]. **16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 8. Identificar características do texto poético [...] b) métrica (redondilha [...]).

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

18. 4. Identificar orações subordinadas.

19. 1. Identificar arcaísmos.

## Página 232

### Leitura | Compreensão

- 1.1. Leonor tem a pele clara (v. 5), os cabelos loiros (v. 12) e está vestida com detalhes em vermelho (vv. 6 e 13). Segundo o sujeito poético, é “*linda*” (v. 14), cheia de “*graça*” (v. 15) e “*fermosura*” (v. 16).
- 1.1.1. As orações destacam a beleza de Leonor e os efeitos que provoca.
- 1.1.2. Os modificadores restritivos do nome concretizam metáforas.
- 1.1.3. A hipérbole (vv. 9 e 15-16) amplia as qualidades físicas da mulher, sugerindo que a sua beleza é mesmo superior à “*fermosura*”.
- 1.2. O mote revela e reitera a insegurança e a ansiedade de Leonor (“*não segura*”).

## Página 233

### Leitura | Compreensão

- 1.2.1. Exemplos de conectores: mas, embora, contudo, se bem que, apesar de.
2. “*fermosa*”, “*sainho*”, “*chamalote*”, “*vasquinha*”.
- 3.1. Os versos do poema são heptassílabos, tratando-se, portanto, da redondilha maior.

### Oralidade

**MC** 010 – 1. 4. Fazer inferências.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

**EL10** – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Oralidade

1. Este texto parece constituir o desenvolvimento da narrativa iniciada no poema “Descalça vai para a fonte”, pois apresenta Leonor já na fonte, para onde se dirigia no primeiro poema, em diálogo com as amigas sobre o seu amado.

1.1. a. Leonor, que pelo caminho seguia apenas insegura, fica perturbada ao chegar à fonte, “*chorando*” (v. 2), quando percebe que o amado não está; b. A repetição da pergunta de Leonor em discurso direto destaca a sua insistência na procura de notícias do seu amado e confere mais expressividade ao enunciado, aproximando emotivamente o leitor das palavras da jovem.

1.2.1. Resposta pessoal. Tópicos de resposta: o tema do amor (“Na fonte está Leonor”, v. 6), a apresentação de uma figura feminina que procura o seu amado (“Na fonte está Leonor”, vv. 4 e 12) e sofre com a sua ausência (“Na fonte está Leonor”, vv. 5 e 19-20), a presença de confidentes (“Na fonte está Leonor”, vv. 3, 11 e 25-26), o cenário natural (“Descalça vai para a fonte”, vv. 1-2; “Na fonte está Leonor”, v. 1) e a repetição de versos, próxima do paralelismo (“Descalça vai para a fonte”, vv. 3, 10 e 17; “Na fonte está Leonor”, vv. 3-4 e 11-12).

### Pós-leitura

1.1. “*protegida*”

1.2. O produto deixa a tez mais suave e protegida, retardando ainda os efeitos do envelhecimento da pele.

1.3. Resposta pessoal. Sugestão de resposta: o verso do vilancete de Camões destaca os efeitos desejados pelos utilizadores do produto, sobretudo do sexo feminino: potenciar a formosura, sem descuidar a segurança, neste caso, contra os raios solares nocivos.

## Página 234

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 8. Identificar características do texto poético no que diz respeito a: a) estrofe [...]; b) métrica ([...] decassílabo); c) rima [...].

14. 10. Identificar características do soneto.

### Pré-leitura

1. a. 11; b. 2; c. 8; d. 6; e. 7; f. 9; g. 4.

1.1. O sujeito poético recorda os momentos passados com a sua amada, processo que o faz vivenciar a passagem do tempo de forma mais lenta.

1.2. A mulher é vista como uma “*inimiga*”, uma vez que ela é a responsável pelo sofrimento do sujeito poético, provocando-lhe sentimentos de natureza contraditória.

1.3. Trata-se de uma mulher bela (“*face tão fermosa*”), recatada (“*cuidosa*”), calma (“*olhos tão isentos*”), sentimental (“*movida*”, “*aqui se entristeceu, ali se riu*”). Estas características coadunam-se com o retrato feito nos poemas da página seguinte, uma vez que em todos eles nos é descrita uma mulher bela e perfeita, que emana transcendência e sublimidade.

## Página 236

### Leitura | Compreensão

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.
- 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
- 14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.
- 14. 8.** Identificar características do texto poético [...]: b) redondilha [...].
- 14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.
- 15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- 15. 3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.
- 15. 4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa.

### Oralidade

- MC O10 – 1. 4.** Fazer inferências.
- 1. 5.** Distinguir diferentes intenções comunicativas.
- 2. 1.** Tomar notas, organizando-as.
- EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Página 237

### Pré-leitura | Oralidade

- MC O10 – 1. 4.** Fazer inferências.
- 2. 1.** Tomar notas, organizando-as.
- EL10 – 14. 7. a)** Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.
- 15. 7.** Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes.

### Pré-leitura | Oralidade

- 1.1.** Na dedicatória identifica-se a figura feminina – “*Bárbora*” – que se descreve nas endechas.

### Leitura | Compreensão

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.
- 14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
- 14. 4.** Fazer inferências [...].
- 14. 7. a)** Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.
- 14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos [...].
- G10 – 18. 4.** Identificar orações subordinadas.

## Página 238

### Leitura | Compreensão

- 1.1.** “*Bárbora*” é fisicamente diferente: “*fermosa*”, mas de uma beleza particular; tem olhos e cabelos escuros (vv. 15 e 21) e a pele negra (vv. 25-28). Psicologicamente aproxima-se do modelo da mulher típica da poesia renascentista: é cativante (vv. 17-20), alegre, tranquila e comedida (vv. 14 e 29), serena e harmoniosa (vv. 33-34).
- 1.2. a.** A comparação (vv. 9-12) destaca a superioridade da beleza e da perfeição da mulher sobre a da própria Natureza. **b.** A adjetivação, ao longo do poema (vv. 13-16, 17, 21, 26, 29, 31-32 e 33), realça as características físicas e psicológicas de “*Bárbora*”, compondo o seu retrato **c.** A hipérbole (vv. 25-28, 33-34) intensifica as características físicas e psicológicas da mulher.
- 2.** O trocadilho inverte a ligação social na ligação amorosa entre o poeta e “*Bárbora*”, que traz o sujeito poético preso dos seus encantos.
- 3.** Ainda que diferente (“*estranha*”), “*Bárbora*”, ao contrário do que o seu nome poderia indicar, não é uma figura rude e sem encanto.
- 4.** Depois de descrita, a mulher parece estar mentalmente mais próxima.
- 5.** A aliteração (“*cativa*”, “*cativo*”, “*vivo*” e “*viva*”), contribui para intensificar a ideia de que a vida do sujeito poético depende da “*cativa*” por quem se apaixonou.
- 6.** vv. 1 a 4 – Apresentação da “*cativa*”; vv. 5 a 28 – Retrato físico de “*Bárbora*”; vv. 29 a 36 – Descrição psicológica da mulher amada; vv. 38 a 40 – Retoma da apresentação da escrava, no final, emocionalmente mais próxima.
- 6.1.** Resposta pessoal.
- 7.1.** (A); **7.2.** (B).

## Página 239

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

14. 8. Identificar características do texto poético: a) estrofe [...]; b) métrica (redondilha [...]); c) rima [...].

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**G10 – 19. 3.** Reconhecer o campo semântico de uma palavra.

### Leitura | Compreensão

1. O mote introduz o tema (o poder transformador de Helena).

2. A apóstrofe identifica a entidade a quem o sujeito poético se dirige para dar conta do extremo poder dos olhos de Helena, capazes de colorir a “*verdura amena*” (v. 4).

3. A interrogação retórica destaca o poder dos olhos de Helena, que transita da natureza para as vidas humanas.

4. Retrato feminino: vv. 4-7.

Poder transformador da mulher: vv. 1-3, 8-10, 11-12, 15-21.

4.1. O amor leva o “eu” a considerar a Natureza como dependente das potencialidades transformadoras da amada.

5. **a.** Vilancete com mote de três versos, seguido de três voltas sétimas. **b.** Versos pentassilábicos – redondilha menor. **c.** Rima emparelhada e um verso solto no mote (*a b b*); nas voltas: rima interpolada e rima emparelhada (*c d d c c b b / e f f e e b b / g h h g g b b*).

6. **Algumas aceções de “olhos”:** órgãos da visão; furos ou buracos redondos; nascentes de água; cavidades no pão ou no queijo.

**Expressões que integram a palavra “olhos”:** “olhos de carneiro mal morto”, “ter mais olhos que barriga”, “abrir os olhos a”, “custar os olhos da cara”, “dar uma vista de olhos”, “deitar poeira para os olhos”, “não tirar os olhos de”, “passar os olhos por”.

## Página 240

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

14. 8. Identificar características do texto poético: [...] c) rima [...].

14. 10. Identificar características do soneto.

### Leitura | Compreensão

1. / 1.1. A Natureza configura um quadro alegre e luminoso, tranquilo e harmonioso, próprio do *locus amoenus* clássico. Contudo, esse quadro não impressiona o sujeito poético, que, na ausência da mulher amada, se sente dominado pela tristeza e incapaz de aproveitar o espetáculo oferecido pela Natureza.

2.1. As duas quadras de cada soneto descrevem a Natureza com a qual o sujeito poético se relaciona emocionalmente, como se vê nos dois tercetos.

2.2. O recurso aos nomes e adjetivos de conotação positiva, que contribuem para a configuração de um espaço alegre e harmonioso, a enumeração, que apresenta os diferentes elementos da Natureza, a apóstrofe aos elementos naturais no Texto B. Nos tercetos, o estado psicológico do “eu” é intensificado através da utilização da anáfora e do paralelismo (Texto A) e da metáfora (Texto B).

2.3. No Texto A, o sujeito poético termina com a afirmação reiterada da impossibilidade de aproveitar a beleza da Natureza sem a presença da sua amada. No Texto B, no último terceto, o “eu” enunciador sugere expressivamente que as suas lágrimas fecundarão os “*campos*”, daí resultando ainda mais “*saudades*” do seu “*bem*”.

3. Texto A: *abba / abba / cde / dec*; Texto B: *abba / abba / cde / cde*. No texto A, os tercetos apresentam uma combinação rimática que não era comum no soneto clássico (habitualmente *cdc / dcd* ou *cde / cde*).

## Página 241

### Pré-leitura

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

**15. 3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

**16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

**1.** Trata-se de uma cantiga de escárnio (um serventês moral), uma vez que possui um pendor satírico que é dirigido à corrupção dos costumes, sem que seja nomeado um único visado.

**1.1.** “mentira” e “verdade” (v. 21).

**1.1.1.** O sujeito poético conclui que é mais produtiva a vida “ao mentireiro” (v. 8) do que “ao que diz verdade ao seu amigo” (v. 9), pelo que decide, ele próprio, optar pela mentira (vv. 19-21), para aumentar o seu “prez” e o seu “valor” (v. 20).

**1.2. a.** Tal como Camões, o trovador começa por apresentar a situação geral da sociedade para, depois, particularizar a reflexão no seu caso pessoal. **b.** O sujeito poético de ambas as composições visa a crítica, através da ironia. **c.** Ambos os sujeitos enunciadore decidem mudar de atitude e agir de acordo com a atuação geral, mentindo para ganhar valor e reconhecimento.

**Outra sugestão de atividade:** podem (re)ler-se os versos 384- -416 do *Auto da Feira* (página 185) e relacionar-se a fala do Diabo com o assunto da cantiga de Pero Mafaldo (e, posteriormente, com a esparsa de Camões da página seguinte), concluindo-se acerca da semelhança temática dos textos e discutindo-se a intemporalidade das críticas produzidas.

## Página 242

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 7. a)** Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

### Leitura | Compreensão

**1.1.** O poema inicia-se com uma abordagem genérica do desconcerto do mundo (vv. 1-5), seguindo-se uma concretização no sujeito poético que, vendo “o bem tão mal ordenado” (v. 7), foi “mau” (v. 8), tendo sido inesperadamente “castigado” (v. 8), o que o leva a concluir que só para si “anda o mundo concertado” (v. 10).

**1.2.** O sujeito poético surpreende-se com a injustiça da ordem social, contrapondo os “bons”, que sofrem “tormentos”, aos “maus”, que só conhecem “contentamentos”.

**2.** A conjunção “mas” marca a oposição entre o castigo do “eu” e a impunidade dos outros. “Assi que” introduz a conclusão do poeta, na sequência do que experienciou.

**3.** “no mundo”: modificador (do grupo verbal); “em mar de contentamentos”: complemento oblíquo; “mau”: predicativo do sujeito.

### Escrita

**MC E10 – 10. 2.** Elaborar planos [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação [...].

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua [...].

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão [...].

**EL10 – 15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

## Página 243

### Pré-leitura | Oralidade

- MC O10 – 1. 6.** Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais.
2. 1. Tomar notas, organizando-as.
  3. 2. Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.
  4. 2. Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais [...].
  5. 3. Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.
  6. 1. Produzir [...] apreciação crítica.
  6. 2. Respeitar as marcas de gênero do texto a produzir.
  6. 3. Respeitar as seguintes extensões temporais: [...] apreciação crítica – 2 a 4 minutos.

### Leitura | Compreensão

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.
14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
  14. 4. Fazer inferências, fundamentando.
  14. 7. a) Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.
  14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.
- G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

### Leitura | Compreensão

1. A mudança é constante, abrangendo as pessoas, a natureza, os valores e, globalmente, “*todo o mundo*” (v. 3).
- 1.1. O paralelismo (sintático).
- 2.1. Nós – sujeito nulo subentendido. Este sujeito alarga o âmbito das constatações do sujeito poético, que se integra num grupo alargado do qual podem, inclusivamente, fazer parte os leitores.
- 2.2. O advérbio confere à afirmação uma ideia de permanência, aludindo à intemporalidade das suas constatações. O verbo “ver” destaca o concretismo das situações, o que afasta as reflexões do sujeito poético de meras suposições infundadas.

## Página 244

### Leitura | Compreensão

3. A antítese destaca os efeitos do bem e do mal na vivência humana; o primeiro deixa saudades e o segundo gera tristezas.
4. A hipótese isolada entre parênteses destaca a descrença do sujeito poético relativamente à possibilidade de a vida correr “*bem*”.
5. O primeiro terceto recupera a ideia da passagem do tempo (anunciada no primeiro verso), desta vez aplicada à alternância das estações do ano, cujos efeitos se sentem na natureza e na mudança de sentimentos do sujeito poético (que passa da alegria para a tristeza).
6. O sujeito poético destaca o facto de mesmo a mudança já não ocorrer da mesma forma.
- 6.1. A referência à mudança da mudança permite concluir o soneto com uma síntese expressiva da ideia desenvolvida anteriormente; se nada escapa aos efeitos da passagem do tempo, mesmo a mudança se tornará distinta.

**Sugestão de atividade:** o tema musical “Exporto Tristeza” dos Virgem Suta desenvolve o tema da mudança, pelo que pode permitir exercícios de intertextualidade interessantes com o soneto de Camões.

### Pós-leitura

- MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.
9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.
- EL10 – 15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.
  16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura

1.1. O pedido de cidadania russa pelo ator Gerard Dépardieu.

1.1.1. A Rússia, entendida até há pouco tempo como um país pouco atrativo em termos políticos, cativa agora os cidadãos por cobrar menos impostos (ll. 6-8).

1.1.2. O cronista sente que a mudança “*é um exagero*” (l. 13).

1.2. As citações funcionam como argumentos de autoridade que corroboram e validam as opiniões apresentadas.

1.3. O cronista alude a acontecimentos futuros cuja enumeração, pela sua escassa probabilidade de ocorrerem, confere ao discurso um tom irónico.

## Página 245

### Tópicos de exploração do texto de Aníbal Pinto de Castro:

- Identificação dos “*grandes temas*” (l. 4) do lirismo camoniano e explicitação das relações existentes entre eles;
- Justificação da afirmação segundo a qual o Amor constitui “*o núcleo temático essencial de todo o universo poético*” (l. 6) de Camões;
- Confirmação, com referência a poemas lidos, das afirmações iniciais do terceiro parágrafo;
- Reflexão sobre a caracterização da lírica camoniana como um “*canto de desabafo*” (l. 52).

## Página 246

### Tópicos de exploração do texto de José Augusto Cardoso Bernardes:

- Explicitação do “*critério [...] fundamental*” (l. 2) para a compreensão da lírica camoniana;
- Confirmação, com referência a poemas lidos, das afirmações do último parágrafo.

## Página 247

### Projeto de Leitura

**MC** **EL10 – 15. 6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.

**16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

**E10 – 10. 2.** Elaborar planos [...].

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: [...] apreciação crítica [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

Ou

**O10 – 3. 1.** Pesquisar e selecionar informação.

**3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**4. 2.** Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**6. 1.** Produzir os seguintes géneros de texto: [...] apreciação crítica.

**6. 2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir.

## Página 250

### Grupo I – A

1. “*Saudade minha*” (v. 1), “*Saudosa dor*” (v. 17) e “*Minha saudade*” (v. 24). A apóstrofe confere ao discurso um tom de diálogo e torna mais íntima a expressão do sentimento do sujeito poético, que se dirige diretamente à mulher amada para dar conta da saudade que sente dela.
2. A metonímia (vv. 1, 17, 24, 25) substitui a referência à amada pelos sentimentos que ela provoca; a antítese (vv. 12-13) destaca a distância que separa o desejo do sujeito poético da sua efetiva concretização; a hipérbole (vv. 4-6, 14-16) realça a percepção psicológica do tempo por parte do sujeito poético e destaca a intensidade dos seus desejos; o eufemismo (v. 30) apresenta de forma subtil e suave o desejo de concretização física do amor por parte do “eu” enunciador.
3. O poema é constituído por um mote dístico, seguido de quatro voltas sétimas. Essas características estróficas, aliadas ao facto de os versos serem pentassilábicos – redondilha menor – comprovam a integração do texto no género do vilancete. O esquema rimático é *ab/cddccbb/effeebb/gghggbb/ijjjiibb*, sendo a rima interpolada entre os primeiro e quarto versos de cada estrofe e emparelhada entre os segundo e terceiro, quarto e quinto e sexto e sétimo.

## Página 251

### Grupo I – B

4. O poema desenvolve o tema do amor, a partir da interpelação direta do sujeito poético à mulher amada falecida (vv. 1-2 e v. 5), a quem pede que não esqueça a afeição que em vida lhe dedicou (vv. 7-8) e a quem dirige um pedido de intervenção junto de Deus para que o leve em breve para junto de si (vv. 12-13), dando assim fim à sua dor por tê-la perdido (vv. 10-11).
5. O texto é um soneto, uma vez que é composto por duas quadras e dois tercetos de versos decassilábicos e com o esquema rimático típico do género: *abba/abba/cdc/dcd*. Em termos de organização interna, à apresentação do assunto, na primeira estrofe, seguem-se os pedidos do sujeito poético à mulher amada, os quais culminam na súplica que lhe dirige nos tercetos, em particular para que intervenha junto de Deus para que lhe dê a morte, solicitação que permite encerrar o poema com uma nota surpreendente, típica da “chave de ouro”.

## Página 252

### Grupo II

- 1.1. (B); 1.2. (D); 1.3. (A).

## Página 253

### Grupo II

- 1.4. (C); 1.5. (B); 1.6. (B); 1.7. (D).

2.1. Complemento do nome.

2.2. Valor concessivo.

2.3. Algumas aceções de “rosa”: flor, mulher muito bela, abertura circular no tampo dos instrumentos de cordas dedilhadas.

Expressões que integram a palavra “rosa”: rosa dos ventos, “não há rosa sem espinhos”.

## Página 256

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Tópicos de exploração do texto de Pedro Marta Santos:

- Identificação do momento tendo em conta os conhecimentos adquiridos na sequência 4 em relação aos dados biográficos do poeta;
- Referência ao cruzamento dos planos descritivo e narrativo;
- Importância do presente do ind. para o realismo da descrição;
- Referência aos sentimentos paradoxais vividos por Camões;
- Reflexão sobre o conteúdo das duas últimas frases do texto.

## Página 257

### Sugestões de abordagem do *Cartoon* de Luís Afonso [p. 257]:

- Relação entre a data do *cartoon* e a presença de Camões no bar;
- Identificação da característica intrínseca dos portugueses;
- Referência à possível atualidade dos assuntos tratados na obra *Os Lusíadas* (referir algumas das temáticas das reflexões do poeta);
- Reflexão sobre a intemporalidade desses problemas.

### Proposta de interpretação da letra da canção *Lusíadas*:

- Explicitação do tema da canção (carácter dos portugueses);
- Identificação das referências simultâneas a aspetos positivos e outros acontecimentos menos dignificantes;
- Referência à ironia como meio de reflexão;
- Reconhecimento dos momentos que denotam uma ligação afetiva do compositor ao seu país;
- Levantamento de hipóteses sobre uma possível relação de intertextualidade entre este texto e a obra épica de Camões.

## Página 258

### Pré-leitura | Oralidade

#### MC O10 – 1. 4. Fazer inferências.

##### 2. 1. Tomar notas, organizando-as.

##### 2. 2. Registrar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

##### 4. 1. Respeitar o princípio da cortesia: formas de tratamento e registos de língua.

### Pré-leitura | Oralidade

**1.1. a.** “romance de uma grande aventura”, “belíssimo romance de aventuras”, “por estranho que pareça a muita gente”, “obra de terror”, “vão levar com Os Lusíadas”, “eles também tinham sofrido esse pavor”, “tínhamos que engolir e digerir mal ou bem”, “aquele calhamaço”, “– Lá vem o zarolho atormentar-nos a vida e os sonhos.”, “temor reverencial”, “instrumento de tortura”, “livro de aventuras”, “complicadíssimo de se ler”. **b.** Os momentos de discurso direto, como por exemplo “– Vem aí Os Lusíadas”, “– Lá vem o zarolho atormentar-nos a vida e os sonhos.”, associados a um registo oralizante próximo da gíria estudantil, conferem ao relato de Represas uma maior coloquialidade e, simultaneamente, uma maior vivacidade do discurso. **c.** A professora, Judite da Piedade Redinha. **d.** Em primeiro lugar, a ideia de que a obra é um romance de aventuras e de que existe um código subjacente à escrita camoniana que é preciso desvendar. **e.** Embora os efeitos dessa aprendizagem tenham demorado a verificar-se, Luís Represas considera que a estratégia da professora resultou, uma vez que o cantor conseguiu ler mais tarde a obra, livre dos preconceitos da adolescência, desfrutando plenamente do seu conteúdo.

##### 1.2. Respostas pessoais.

## Página 259

### Leitura | Compreensão

#### MC L10 – 7. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

##### 7. 4. Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.

##### 8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

#### EL10 – 14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quanto ao género literário: epopeia [...].

### Leitura | Compreensão

##### 1. “celebrar heróis verdadeiros ligados aos descobrimentos” (ll. 1-2)

**2.** A integração da mitologia pagã e a estrutura externa correspondem a aspetos partilhados com os modelos clássicos, ao passo que a opção de se tratar “acontecimentos verdadeiros” não se verifica nas epopeias estrangeiras, bem como a inclusão de uma dedicatória na parte introdutória.

**3. (a)** 10; **(b)** oitavas; **(c)** decassílabos; **(d)** a b a b a b c c; **(e)** Proposição; **(f)** Invocação; **(g)** Dedicatória; **(h)** Narração; **(i)** Plano da viagem; **(j)** Plano da Mitologia; **(k)** Plano da História de Portugal; **(l)** Plano das Reflexões do poeta.

**4.** A narração da história começa a meio da viagem quando os portugueses se encontram a caminho da Índia, no Canal de Moçambique, sendo que é feita uma analepse a fim de relatar tudo o que aconteceu anteriormente.

## Página 260

### Pós-leitura

**MC** L10 – 7. 2. Fazer inferências, fundamentando.

8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

EL10 – 14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quanto ao gênero literário: epopeia [...].

### Pós-leitura

1. **a.** F. A epopeia pertence ao modo narrativo. **b.** F. O texto épico deve despertar um interesse alargado, mas através de “*personagens e acontecimentos*” com “*uma certa credibilidade*” (ll. 7-8). **c.** V. **d.** F. Os heróis são marcados pela excelência física e moral (ll. 10-12). **e.** V. **f.** V.

## Página 264

### Sugestões de abordagem do texto “*Os Lusíadas*: uma visão global”:

- Indicação das diferentes partes da estrutura interna d’ *Os Lusíadas*;
- Referência às funções desempenhadas pela mitologia na epopeia camoniana;
- Explicitação da importância dos momentos em “*clave antiépica*” (l. 22) para a configuração do herói épico;
- Menção ao papel desempenhado pelos diferentes episódios (l. 31) integrados na ação principal d’ *Os Lusíadas*;
- Esclarecimento acerca do interesse da utilização de uma “*variedade de narradores*” (l. 38) no decorrer da epopeia de Luís de Camões;
- Comentário sobre a importância da “*variação do ritmo narrativo*” (ll. 51-52) ao longo d’ *Os Lusíadas*.

## Página 265

### Pré-leitura

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

### Pré-leitura

1.1. **(a)** 1; **(b)** 3; **(c)** Apresentar a proposta/o objetivo do poeta com a sua obra (est. 2, v. 7 e est. 3, v. 5); **(d)** Invocação; **(e)** Solicitar às ninfas inspiração para conceber adequadamente a sua obra (est. 4, vv. 5-6); **(f)** Dedicatória; **(g)** 6; **(h)** 18; **(i)** Oferecer a obra a D. Sebastião (est. 18, v. 4).

## Página 268

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

14. 11. Reconhecer e caracterizar textos quando ao gênero literário: epopeia [...].

## Leitura | Compreensão

**1.1.** “*Cantando espalharei por toda parte*” (est. 2, v. 7); a intenção do poeta depende da sua inspiração e da sua capacidade de expressar no discurso os feitos grandiosos dos portugueses (est. 2, v. 8).

**1.2.** Os guerreiros e ilustres homens portugueses, que se lançaram destemidamente na aventura dos descobrimentos (est. 1); os reis que alargaram os limites territoriais da nação e espalharam a fé cristã (est. 2, vv. 1-4); todos os que se tornam imortais pela prática de feitos dignos de memória (est. 2, vv. 5-6).

**1.3.** “*peito ilustre Lusitano*” (est. 3, v. 5). Trata-se de uma metonímia através da qual se caracterizam os portugueses pela sua alma, coragem (“*peito*”).

**1.4.** O herói lusitano é real e coletivo, o povo português, enquanto nas epopeias clássicas se narram os feitos de uma personagem individual fictícia que se destaca pelas suas qualidades e feitos extraordinários, como Aquiles, Ulisses e Eneias.

**1.5.** O herói português destaca-se por ter ultrapassado os limites impostos ao Homem, alcançando, assim, o estatuto de figura mítica, concretizado na expressão “*A quem Neptuno e Marte obedeceram*” (est. 3, v. 6).

**1.6.** Estâncias 1 e 2: apresentação dos heróis da epopeia; estância 3: comparação e sobrevalorização do “*peito ilustre Lusitano*” face aos heróis das epopeias clássicas.

**2.1.** O uso da 2.<sup>a</sup> pessoa do plural (“*E vós*”, est. 4, v. 1), do vocativo (“*Tágides minhas*”, est. 4, v. 1) e do imperativo (“*Dai-me*”, est. 4, v. 5, e est. 5, vv. 1 e 5).

**2.2.** O poeta dirige-se às Tágides, pedindo-lhes inspiração para concretizar, num estilo adequado – excelente e sonante (est. 5, v. 1) – a tarefa grandiosa a que se propôs anteriormente.

**2.3.** A inclusão deste momento na introdução obedece à estrutura da epopeia clássica, que determina a integração de um pedido de inspiração aos deuses ou musas.

**3.1.** O poeta destaca o facto de D. Sebastião garantir a independência de Portugal (est. 6, v. 1) e a expansão da fé cristã (est. 6, v. 4), através da sua bravura (est. 6, v. 5, est. 16). Refere a sua juventude (est. 7, v. 1, est. 9, v. 2) e o facto de os próprios deuses e reis que já pereceram se renderem à sua superioridade (est. 16, vv. 5-8, est. 17).

**3.2.** Os portugueses destacam-se pela forma desinteressada como se dedicam ao seu país (est. 10), sendo autores de feitos extraordinários que contrastam com os dos heróis das epopeias clássicas por as suas conquistas serem reais (est. 11).

## Escrita

**MC E10 – 10. 1.** Pesquisar informação pertinente.

**10. 2.** Elaborar planos.

## Escrita

**1.1.** A partir dos planos elaborados, pode desenvolver-se uma planificação conjunta a partir da qual os alunos redijam o texto sobre cuja estrutura e organização previamente refletiram.

## Página 269

### Pós-leitura

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**7. 3.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**7. 4.** Explicitar o sentido global do texto, fundamentando.

**7. 6.** Explicitar [...] marcas dos seguintes géneros [...]: apreciação crítica.

**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

**9. 1.** Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura

**1.1. Estrutura:** Descrição do documentário (ll. 1 a 7); comentário crítico em que se evidenciam os aspetos positivos do mesmo (ll. 7 a 46).

**Linguagem:** “*bico de obra*” (l. 2), “*épico*” (l. 3), “*se nos mete alma dentro*” (l. 26), “*entrega total*” (l. 33), “*brihante*” (ll. 35-36), “*naturalmente e sem medo das palavras*” (ll. 41-42); “*mete-nos a todos num grande bico de obra*” (ll. 1-2), “*Tão apropriado aos nossos dias! Permita-se uma exclamação na frase [...]*” (ll. 11-12).

**1.2.** Resposta pessoal, com destaque para o facto de o título reunir os nomes dos protagonistas envolvidos no documentário visado no artigo: o do ator que recita *Os Lusíadas*, o da realizadora que preparou o documentário sobre a sua proeza e o do autor da epopeia que, em última instância, determinou o trabalho dos dois intervenientes anteriores.

**1.3.** Trata-se de uma tarefa também ela épica, isto é, extraordinária e excecional, dado que António Fonseca memorizou todos os versos que compõem a epopeia camoniana, mais precisamente 8816.

**1.3.1.** Ambos são responsáveis por ações extraordinárias e de natureza hercúlea: Camões por contar em verso e num estilo eloquente a viagem dos portugueses à Índia e a História de Portugal, António Fonseca por ter sido capaz de memorizar *Os Lusíadas*.

## Página 270

### Pré-leitura

**MC EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pré-leitura

**1.1.** No *cartoon* podemos observar dois homens que se abraçam e cujas mãos assumem a forma de serpentes. Tendo em conta que as mesmas se encontram fora do alcance visual dos indivíduos, vemos pela expressão facial que ambos desconhecem o perigo que os ameaça.

**1.2.** A situação representada no *cartoon* alerta, simbolicamente, para os perigos que a dissimulação e a traição acarretam para os seres humanos. Ironicamente, estas ameaças são cometidas pelos próprios homens, o que realça as contradições inerentes à espécie humana. Do mesmo modo, os nautas portugueses são, neste excerto, vítimas da traição do Rei e dos habitantes de Mombaça que, por trás da falsa hospitalidade, lhes preparam uma emboscada.

## Página 271

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

### Leitura | Compreensão

**1.1.** A propósito da emboscada preparada aos portugueses, o poeta reflete sobre a insegurança da vida humana e a sua fragilidade face aos perigos que continuamente a ameaçam. Tais reflexões provocam-lhe sentimentos de angústia e de desilusão, mas igualmente de admiração da força do Homem.

**2.** A repetição anafórica da interjeição “*Oh*” (vv. 5-6) e a hipérbole utilizada nas expressões “*Grandes e gravíssimos perigos*” (v. 5) e “*Caminho da vida nunca certo*” (v. 6) contribuem para enfatizar o desencanto do sujeito poético.

**3.** “*um bicho da terra tão pequeno*” (v. 8).

**3.1.** A repetição do determinante indefinido “*tanto/a(s)*” e do advérbio “*Onde*” concorre para ampliar, em quantidade e extensão, os perigos a que está sujeito o Homem, quer no “*mar*” (v. 1), quer na “*terra*” (v. 3). Desse modo, a metáfora “*bicho da terra tão pequeno*” serve, no contexto da epopeia, para realçar a desproporção existente entre os heróis e as dificuldades que terão de enfrentar para cumprir os seus objetivos. Assim, vai sendo construído o seu retrato de excecionalidade.

**4.** Resposta pessoal. Provérbios possíveis: “*As aparências iludem.*”, “*Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele.*”, “*O falso amigo é o pior inimigo*”.

### Oralidade

**MC EL10 – 14. 1.** Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura.

## Página 272

### Pré-leitura

**Nota:** Embora não esteja contemplada nos conteúdos de Educação Literária do Programa, a estância 90 do Canto V permite contextualizar as reflexões do poeta e, desse modo, favorecer a compreensão dos comentários e das críticas produzidas nas estâncias seguintes.

**MC EL – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

### Pré-leitura

**1.1.** A estância 90 remete para o fim da narração de Vasco da Gama ao rei de Melinde (v. 3) e para a reação de exaltação deste face aos “*feitos, grandes e subidos*” (v. 4) dos portugueses.

## Página 274

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

### Leitura | Compreensão

**1.1.** A desvalorização da poesia e da cultura pelos portugueses.

**1.2. (A)** est. 95, vv. 1-4; est. 97, vv. 5-8; est. 98, vv. 5-8; **(B)** est. 95, vv. 5-6; est. 96, vv. 1-8; est. 97, vv. 1-4; **(C)** est. 97, vv. 5-8; est. 98, vv. 1-8; est. 99, vv. 5-8.

**2.** O conector assinala o momento em que, depois de enumerar exemplos de chefes militares reconhecidos também pela sua dedicação às letras, o poeta introduz uma conclusão relativa à diferença de natureza dos líderes lusitanos que, segundo ele, não estimam a arte (est. 97, v. 8).

**3.** A anástrofe coloca em posição de rima as palavras – adjetivo e nome – que sintetizam a ideia do poeta em relação à atitude do ser humano face à arte: é necessário ter o “*peito*” “*desposto*” a cumprir “*grandes obras*”.

**4.** Estância 90 – Fim da narração de Vasco da Gama; Estâncias 92-96 – Reflexão sobre a importância de cultivar as artes para imortalizar os grandes feitos, concretizada em exemplos de capitães da Antiguidade; Estâncias 97-100 – Apresentação do desprezo nacional pelas “*grandes obras*”.

**5.** Resposta pessoal. Sugestão de resposta: a metáfora sugere a possibilidade de aqueles que se dedicam aos grandes feitos bélicos (“*a lança*”) poderem ser, simultaneamente, apreciadores e cultivadores da arte (“*a pena*”).

**6. a.** 5; **b.** 1; **c.** 2; **d.** 6; **e.** 7.

## Página 275

### Pós-leitura

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pós-leitura

**1.1.** Tópicos de reflexão: Séculos passados sobre as críticas de Camões, a ideia de que a cultura e um dos seus meios primordiais de aquisição – a leitura – continuam a interessar pouco aos portugueses é explorada por Miguel Esteves Cardoso, num tom por vezes irónico.

Pré-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1. 3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

1. 4. Fazer inferências.
1. 5. Distinguir diferentes intenções comunicativas.
1. 6. Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais.
1. 7. Explicitar marcas do anúncio publicitário.
2. 1. Tomar notas, organizando-as.
2. 2. Registrar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

Pré-leitura | Oralidade

**1.1. a.** O modo imperativo usado nas formas verbais do *slogan* (“*Prova*” e “*cala*”). **b.** Usa-se o registo informal e a entoação revela dinamismo e vivacidade, o que permite captar e manter a atenção. **c.** O recurso a gravuras antigas e imagens reais que são manipuladas para “dar voz” às figuras aí retratadas contribui para a originalidade e registo humorístico do anúncio. Atente-se no lançamento da nau impulsionada pelo gesto de dar à corda a partir da Torre de Belém e no elefante que, na Índia, move o turbante do homem indiano. **d.** São usados o neologismo (“*carmamelo*”), expressões coloquiais (“*Cheira-me que é por ali.*”, “*Vasquinho*”, “*Sou mas é o ‘carmamelo’...*”) e jogos de palavras (“*Será carma, melo? [...] Sou mas é o ‘carmamelo’*”) que concorrem para o registo humorístico do anúncio. **e.** A rima (“*Portugal – final*” e “*Caramelo – Restelo*”) facilita a memorização da marca/produto.

[Nota: Repare-se que, para existir rima no par “Caramelo” e “Restelo”, o locutor tem necessidade de pronunciar o “e” da sílaba tónica da palavra “Restelo”, como uma vogal oral aberta, o que se reflete na própria colocação do acento agudo na referida sílaba. Considera-se, por isso, importante chamar a atenção dos alunos para esta alteração das convenções ortográficas do texto oral/escrito.]

**1.2.** Tendo em conta que se está a publicitar um refrigerante, podemos depreender que o anúncio se dirige a uma faixa etária mais jovem, o que pode ser atestado pelo registo informal e linguagem coloquial, que pretendem captar a atenção através do humor.

**1.3.** Trata-se de um anúncio eficaz, uma vez que, pela sua originalidade, capta a atenção do público-alvo a que se dirige.

**1.4.** O *slogan* – “*Prova B! Caramelo / e cala os Velhos do Restelo*” – remete para a figura daqueles que, como o Velho do Restelo do episódio em que se relata a partida das naus portuguesas na viagem de Vasco da Gama, se mostram conservadores e não ousam desafiar os limites e sugere que a nova bebida se destine a pessoas audazes e pouco convencionais.

Sobre a figura do Velho do Restelo e sua simbologia leia-se o excerto:

Velho do Restelo “[...] diz-se de alguém pessimista e conservador, sempre pronto a contrariar as ideias ou os projetos mais avançados. [...] No poema épico camoniano, o velho assiste, no Restelo, à partida da frota do Gama para a Índia, argumentando contra o carácter audaz da expedição e aconselhando os portugueses a investirem mais no progresso interno e menos em aventuras marinheiras. Há quem pense que o Velho do Restelo era um homem sensato...”.

(CARVALHO, Sérgio Luís de, 2010. *Nas bocas do mundo*. Lisboa: Planeta, pp. 170-171)

**1.5.** O sujeito poético afirma-se “*insano e temerário*” (est. 78, v. 2), continuamente lutando contra “*novos danos*” (est. 79, v. 4) que o destino lhe apresenta e os quais, ao contrário possivelmente do que aconselhariam “*velhos do Restelo*”, afronta.

Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
14. 4. Fazer inferências, justificando.
14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

## Leitura | Compreensão

1. O poeta dirige-se às Ninfas do Tejo e do Mondego.

1.1. A Invocação.

2. Entendendo a sua tarefa como um “*caminho tão árduo, longo e vário*” (est. 78, v. 4), o poeta sente-se como um navegador no “*alto mar*” (est. 78, v. 6), ameaçado por “*vento tão contrário*” (est. 78, v. 6), uma vez que não sente o apoio que esperava para a sua empresa, o que lhe provoca desânimo e tristeza.

2.1. A apóstrofe (“*ó cego*”, “*Ninfas do Tejo e do Mondego*”) e a adjetivação (“*insano e temerário*”; “*árduo, longo e vário*”, “*alto*”, “*contrário*”, “*grande*”, “*fraco*”).

3.1. O sujeito poético afirma que há muito tempo celebra em verso os portugueses (est. 79, vv. 1-2), mas o destino (“*Fortuna*”, est. 79, v. 3) não lhe tem sido favorável, levando-o a viver perigos no mar (est. 79, v. 5) e na guerra (est. 79, vv. 5-6). A sua pobreza levou-o mesmo a exilar-se (est. 80, vv. 1-2) e a sentir-se abatido (est. 80, vv. 3-4). Para além destes infortúnios, também não recebeu uma recompensa daqueles que ele cantou, frustrando as suas expectativas de reconhecimento (est. 81, vv. 2-8).

3.2. Os exemplos citados pretendem destacar a dimensão sobre-humana do esforço, espírito de sacrifício e capacidade de sobrevivência do poeta.

## Página 279

### Leitura | Compreensão

4.1. vv. 1-4.

4.2. O sujeito poético critica os portugueses por não valorizarem os poetas que os glorificam através do seu canto, o que acaba por condicionar, no futuro, o aparecimento de novos escritores.

5.1. Os ambiciosos, que colocam os seus próprios interesses acima do bem comum (est. 84, vv. 2-3), desrespeitando a lei de Deus e dos homens (est. 84, v. 4), os que abusam do poder para proveito próprio (est. 85, vv. 1-4) e os que exploram os mais fracos (est. 85, vv. 5-8 e est. 86).

6.1. Ao censurar a exploração do homem pelo homem, nomeadamente os que, detendo o poder, roubam “*o pobre povo*” e o escravizam, o sujeito poético revela simpatizar com a causa dos mais fracos e denuncia estes comportamentos que não são dignos de ser cantados. Assim, o povo não deve ser explorado, enganado, roubado.

7. O sujeito poético refere o deus protetor das Belas Artes e as musas para que continuem a apoiá-lo na sua missão, apesar de todas as vicissitudes anteriormente anunciadas.

## Pós-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1. 4.** Fazer inferências.

2. 1. Tomar notas, organizando-as.

2. 2. Registar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura | Oralidade

1.1. a. revista *Visão*; b. “*inquietante*”; c. “*ao abandono*”, “*à deriva*”, “*Desleixo*”, “*sinais exteriores de incúria*”.

1.2.1. c.; 1.2.2. b.; 1.2.3. b.

1.3. Fernando Alves pretende chamar a atenção dos ouvintes para a gravidade da possível transferência do espólio do arquiteto português para o Canadá.

1.4. Tanto nas estâncias d’ *Os Lusíadas* como na crónica destaca-se a falta de valorização e de apreço dos portugueses pelos seus próprios artistas, mesmo quando estes são alvo de interesse mundial, tratando-se de um problema estrutural da sociedade portuguesa.

## Página 280

### Tópicos de exploração do texto de Auxília Ramos e Zaida Braga:

- Explicitação da expressão “*herói impessoal*” (ll. 1-2) na referência ao protagonista d’ *Os Lusíadas*;
- Identificação e justificação dos momentos em que surgem as reflexões do poeta;
- Comentário sobre a intenção “*didática e interventiva*” (l. 17) dos excertos da epopeia dedicados às considerações do poeta.
- Fundamentação da última afirmação do texto.

### Tópicos de exploração do texto de Aníbal Pinto de Castro:

- Exploração do jogo com as expressões “*época de crise*” / “*espírito em crise*” (l. 4);
- Explicação do modo como as críticas e conselhos aos portugueses se assumem como traços de aparente tom “*antiépico*” (l. 8);
- Síntese do conteúdo geral das “*intervenções e juízos*” (l. 9) do sujeito poético (apresentação da crise e dos seus “*remédios*”, l. 11).

### Página 281

#### Pré-leitura

**MC** EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

#### Pré-leitura

1. Na parte superior da imagem, podemos ver um grupo de homens, de frente, aparentando tratar-se de homens de negócios por vestirem fato. Estes homens dispõem-se lado a lado e têm as mãos atrás das costas, numa postura de formalidade. Na parte inferior, vemos o mesmo conjunto de pessoas, mas na perspetiva contrária, isto é, o que se passa atrás das suas costas: a troca de maços de notas entre eles.

1.1. Tanto a imagem como os versos do *Auto da Feira* criticam o poder corruptor do dinheiro, que faz com que os homens esqueçam os seus princípios na tentativa de alcançar novos benefícios. Repare-se no título do *cartoon* (*Corrupção*).

1.2. A reflexão do poeta incide sobre a mesma temática, isto é, o “*dinheiro*” e a sua capacidade corruptora.

### Página 282

#### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses [...] pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

14. 9. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

G10 – 17. 3. Explicitar processos fonológicos que ocorrem na evolução do português.

17. 4. Identificar étimos de palavras.

17. 5. Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo.

18. 1. Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

18. 4. Identificar orações subordinadas.

#### Leitura | Compreensão

1. / 1.1. Os versos 1 a 4 da estância 96 correspondem ao primeiro momento; neles descreve-se a tomada de consciência dos portugueses em relação à cobiça do Catual indiano. A segunda parte, introduzida pela forma verbal “*Veja*”, corresponde à apresentação da conclusão a retirar do exemplo dos portugueses, com a referência a exemplos mitológicos que atestam a abrangência das reflexões.

2. e. (est. 99, vv. 5-7).

2.1. a. est. 96, vv. 4-8; b. est. 97, vv. 1-8; c. est. 98, vv. 3-4; d. 98, vv. 7-8; f. est. 99, vv. 1-2.; g. est. 98, vv. 2-4; est. 99, vv. 3-4; h. est. 98 e 99.

3. e. e g.

3.1. a. modificador apositivo do nome; b. sujeito; c. sujeito; d. complemento indireto; f. complemento direto; h. modificador restritivo do nome.

### Página 283

#### Leitura | Compreensão

4. a. Oração subordinada adverbial causal; b. Oração subordinada adverbial consecutiva; c. Oração subordinada substantiva completiva.

5.1. Palatalização do *pl* em *ch* e síncope do *i*.

5.2. Pluvial ou pluviátil (referente à chuva ou que dela provém), pluviosidade (quantidade de chuva caída numa certa região num dado período de tempo), pluviómetro (aparelho que mede a pluviosidade), pluviometria (estudo da distribuição das chuvas por épocas e por regiões).

## Escrita

**MC E10 – 10. 2.** Elaborar planos: a) estabelecer objetivos; [...] c) definir tópicos e organizá-los de acordo com o género de texto a produzir.

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: [...] apreciação crítica.

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Oralidade

**MC O10 – 2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**3. 1.** Pesquisar e selecionar informação.

**3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**4. 2.** Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

**5. 1.** Produzir textos seguindo tópicos fornecidos.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

## Página 284

### Pós-leitura

**MC EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

**L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**O10 – 4. 1.** Respeitar o princípio de cortesia: formas de tratamento e registos de língua.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

### Pós-leitura

**1.1.** A reportagem incide sobre um dos meios de corrupção, assente na troca de favores, muitas vezes dependente de pagamentos pecuniários. Tal como as estâncias de Camões, visa denunciar o poder corrosivo do dinheiro, que ignora e deteriora valores morais, ainda que muitas vezes socialmente aceite.

**1.2.** Com a metáfora utilizada para descrever a cunha (“*instituição social colada aos genes do nosso país*”, ll. 2-3) a autora da reportagem caracteriza os portugueses como povo para o qual o recurso ao “*jeitinho*” se tornou tão natural que deixou de ser criticado e quase passou a ser assumido como traço de carácter.

### Pré-leitura

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

## Página 285

### Pré-leitura

**1.1.** Os marinheiros aproximam-se da ilha quando o dia começa a nascer para se abastecerem de água.

**1.2.** Os marinheiros desfrutam da hospitalidade de Vénus e das Ninfas, que os recompensam pela dimensão do seu esforço.

## Página 287

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**15. 1.** Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

**15. 2.** Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.

### Leitura | Compreensão

**1.1.** (B); **1.2.** (D).

## Página 288

### Leitura | Compreensão

**1.3.** (C); **1.4.** (D); **1.5.** (A); **1.6.** (C); **1.7.** (A); **1.8.** (A); **1.9.** (B).

**2. / 2.1. a.** A anástrofe realça a distância (“*De longe*”) com que a ilha foi observada inicialmente pelos navegadores portugueses. **b.** A metáfora enfatiza a rapidez com que os portugueses perseguiram as Ninfas, atribuindo aos marinheiros as características de galgos. **c.** A enumeração de todos os deuses que, antes de o serem, eram humanos confirma que a imortalidade é o prémio dos que praticam grandes ações. **d.** Através da apóstrofe, o poeta dirige as suas palavras aos que procuram alcançar a fama, exortando-os à ação. **e.** A antítese pretende realçar a exploração dos mais fracos pelos mais poderosos. **f.** A sinédoque refere um tipo de arma, “*espadas*”, que representa o próprio conjunto, tornando esta passagem mais visual.

## Página 289

### Pós-leitura

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**15. 3.** Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

**16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

### Pós-leitura

**1.1.** Segundo Camões, a ilha do Canto IX constitui a recompensa em vida dos feitos grandiosos levados a cabo por heróis merecedores e que, “[...] *longe das terras habitadas pelos homens [...]*”, recebem o prémio que lhes é devido.

**1.2.** O poeta faz a apologia do conhecimento sensorial; através dele, o Homem toma contacto com as realidades que o circundam e aprofunda o seu saber. Deste modo, conforme preconizado pelo Humanismo, torna-se o centro da sua própria formação. A convivência com a realidade permite-lhe, ainda assim, aceitar a existência de Deus enquanto criador, de acordo com a mentalidade cristã da época.

## Página 290

### Tópicos de exploração do texto “A mitificação do herói n’ *Os Lusíadas*”:

- Explicitação das vertentes histórica, lendária e mítica da epopeia;
- Justificação da afirmação inicial do sexto parágrafo;
- Indicação das características do herói épico camoniano.

## Página 291

### Pré-leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 2.** Explicitar a estrutura do texto.

**1. 4.** Fazer inferências.

**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**2. 2.** Registar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pré-leitura | Oralidade

- 1.1. Trata-se da apresentação que Tétis faz aos portugueses da “*máquina do Mundo*”.
- 1.2. Em primeiro lugar, a ninfa conduz os marinheiros ao local onde se encontra a máquina; em seguida, Tétis explica a constituição da máquina; finalmente, profetiza sobre o futuro dos portugueses.
2. Nas estâncias apresentadas apenas se verificam as duas primeiras partes.

## Página 295

### Leitura | Compreensão

- MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.
14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.
14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

### Leitura | Compreensão

1. e. (est. 75-76); a. (est. 77-79); g. (est. 81); c. (est. 82); b. (est. 85- -86); d. (est. 87-89); f. (est. 90-91).
2. O facto de ser dada a oportunidade aos marinheiros portugueses de ver aquilo que apenas é permitido aos deuses, a Máquina do Mundo, confere-lhes um estatuto heroico e a ascensão a um patamar superior.
3. / 3.1. O plano da mitologia é visível através das referências que vão sendo feitas sobre os deuses (cf. est. 89), bem como pelo facto de toda a ação ser conduzida por Vénus e as Ninfas.

## Pós-leitura

- MC** L10 – 8. 2. Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente.
9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

## Página 296

### Pré-leitura

- MC** L10 – 9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.
- EL 10 – 15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
15. 2. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.
15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.
16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pré-leitura

1. O texto e o *cartoon* concretizam uma crítica a Portugal, transmitindo a ideia de que os aspetos negativos associados ao nosso país superam em larga medida os aspetos positivos.

## Página 297

### Pré-leitura

- 1.1. a. O discurso de José Manuel dos Santos coincide com as reflexões de Camões, em particular no que toca ao assunto do último parágrafo, em que se destaca a falta de autoestima dos portugueses e subsequente desvalorização do que é nosso assim como o desprezo pelo nosso país que é vulgarmente definido como “*pequeno, pobre, pelintra, periférico, provinciano*”. As mesmas críticas são concretizadas nas estâncias pertencentes ao Plano das reflexões do poeta, nos cantos V, VII e X.
- b. Resposta pessoal, devidamente fundamentada, com particular destaque para os versos das estâncias 145, 146 e 156.

## Página 299

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**14. 7. a)** Estabelecer relações de sentido entre as diversas partes constitutivas de um texto.

**14. 9.** Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.

**G10 – 18. 1.** Identificar funções sintáticas indicadas no Programa.

**18. 3.** Identificar orações coordenadas.

### Leitura | Compreensão

**1.1.** O poeta sente-se desiludido e cansado.

**1.2.** O uso metafórico dos vocábulos “*Lira*”, como símbolo da sua arte poética e “*surda*”, não referindo uma incapacidade física, mas uma atitude.

**2.1.** O poeta dirige-se à Musa (est. 145, v. 1) e ao Rei D. Sebastião (est. 146, v. 5), através da utilização de vocativos.

**3.** Os portugueses são apresentados como “*vassalos excelentes*” (est. 146, v. 8), “*ledos*” (est. 147, v. 1) e marcados pela coragem e pelo espírito de sacrifício (est. 147). Mostram-se “*sempre obedientes*” (est. 148, v. 2) e preparados a aceder aos desejos do seu monarca, que executam “*contentes*” (est. 148, v. 4) e orgulhosos. Incorporam ainda o espírito de cruzada (est. 151, vv. 1-4), nessa guerra revelando a sua resistência (est. 151, vv. 5-8). O conjunto de características que os marcam configura um perfil de líderes, pois não pode dizer-se “*que são pera mandados, / Mais que pera mandar, os Portugueses.*” (est. 152, vv. 3-4).

**3.1.** Perante tão extraordinárias qualidades, o rei deve recompensar os seus súbditos e apoiá-los sem distinção, promovendo, simultaneamente, os mais experientes e estimando os que dilatam a Fé e o Império sem temer os inimigos nem poupar esforços (est. 149-151).

**4.** O poeta pede ao Rei que não permita que os estrangeiros desvalorizem a capacidade de os portugueses gerirem o seu destino. Aconselha-o também a dar ouvidos aos mais experientes, que sabem mais do que os teóricos.

**5.1.** A partir da estância 154, o poeta centra o discurso em si próprio, revelando-se indigno da atenção do Rei, que não o conhece.

**5.2.** “*Mas*”. Oração coordenada adversativa.

## Página 300

### Pós-leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**2. 2.** Registar em tópicos, sequencialmente, a informação relevante.

**L10 – 7. 1.** Identificar o tema dominante, justificando.

**7. 5.** Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.

**7. 6.** Explicitar [...] marcas dos seguintes géneros: relato de viagem.

**G10 – 17. 8.** Reconhecer a distribuição geográfica do português no mundo: português europeu; português não europeu.

**17. 9.** Reconhecer a distribuição geográfica dos principais crioulos de base portuguesa.

**19. 4.** Explicitar constituintes de campos lexicais.

**19. 5.** Relacionar a construção de campos lexicais com o tema dominante do texto e com a respetiva intencionalidade comunicativa.

## Pós-leitura | Oralidade

**1.1. a.** Viagem de exílio até à Índia; experiência de ter estado embarcado e combatido em vários pontos do império; **b.** Plano da viagem e plano da mitologia. **c.** Katia Guerreiro, fadista; José Carlos Seabra Pereira, Coordenador de Estudos Camonianos no CIEC; Zhang Weimin, tradutor d' *Os Lusíadas* para chinês; Helder Macedo, especialista em estudos sobre Camões. Expressões: “*descrição [...] muito representativa*”; “*Camões é um génio*”; “*tantos conhecimentos*”, “*memória vasta e o seu conhecimento prodigioso*”, “*erudição*”, “*sintetiza o ideal renascentista*”, “*homem de cultura, homem de ação e supremo artesão das palavras*”, “*herói que reconcilia os feitos das armas e a escrita*”, “*pronto a realizar [...] o ideal heroico de vida*”.

**1.2. a.** A viagem até à Índia. **b.** A experiência de vida e a sua erudição. **c.** O poeta chama a atenção para a importância da escrita como forma de immortalizar os acontecimentos que constituem a História da Humanidade (“*A história é feita de palavras e não de feitos*”).

**2. a.** O tema do texto é uma viagem à Índia, narrada desde o momento da saída de Portugal, como se sugere no título.

**b.** O narrador relata a preparação e o percurso de uma viagem a Bombaim, as sensações por ela produzidas e as reflexões que em torno dela produz, recorrendo ao campo lexical de viagem: “*chegar*” (l. 1), “*avião*” (l. 9), “*desembarcou*” (l. 12), “*travessia*”, “*viajar*” (l. 13), “*voo*” (l. 15), “*viajantes*” (l. 19), “*passeios aéreos*” (l. 31), “*embarcações*” (l. 33)...

## Página 301

### Pós-leitura | Oralidade

**2.1.** Em ambos os casos, as alusões aos portugueses do século XVI pretendem confrontar as condições das viagens nesse tempo e na atualidade. Se no tempo do autor épico as viagens eram longas e acidentadas (ll. 12-13 e 31-36), nos dias de hoje elas são marcadas pela rapidez e pelos “*cómodos incómodos*” (l. 31) que, aos olhos do narrador, não passam de “*insignificantes sacrifícios*” (l. 14).

**2.2.1.** Um relato de viagem corresponde, como a própria designação indica, à narração de uma viagem, realizada pelo sujeito da enunciação (pelo que a 1.ª pessoa verbal predomina: “*contávamos*”, l. 1; “*Suspeito*”, l. 6; “*mim*”, l. 24). Integra não apenas momentos narrativos (ll. 14-17, 23-30), mas também descritivos (ll. 17-22) e de reflexão do narrador (ll. 1-5, 6-8, 31-36).

## Página 302

### Projeto de Leitura

**MC EL10 – 15. 4.** Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa.

**15. 6.** Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.

**16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

**010 – 3. 1.** Pesquisar e selecionar informação.

**3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**4. 2.** Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

**5. 1.** Produzir textos seguindo tópicos fornecidos.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação de vocabulário e das estruturas utilizadas.

## Página 305

### Grupo I

**1.** As estâncias integram-se no plano das reflexões do poeta, uma vez que, na sequência de um acontecimento relativo à viagem (o pedido do Catual a Paulo da Gama para lhe explicar o significado das figuras desenhadas nas bandeiras da nau), aquele tece algumas considerações sobre a forma de obter reconhecimento e de merecer a fama, recorrendo à 1.ª pessoa – “*desse*” (est. 84, v. 1), “*cantarei*” (est. 84, v. 6), “*cante*” (est. 85, v. 5), “*direi*” (est. 87, v. 1), “*me*” (est. 87, v. 5), “*Me*” (est. 87, v. 6), “*eu tomo*” (est. 87, v. 7).

**2.** O poeta pretende destacar os defeitos dos que não merecem ser cantados na sua obra, nomeadamente os ambiciosos, os dissimulados e os opressores dos mais fracos.

**3.** O poeta valoriza os que dedicam a sua vida, muitas vezes perecendo, em favor da sua pátria ou da expansão da Fé cristã, em detrimento dos interesses pessoais.

**4.** Estâncias 84-86 – rejeição de louvor aos indignos de elogios, de acordo com os parâmetros definidos pelo poeta.

Estância 87, vv. 1-4 – apresentação dos merecedores do enaltecimento do poeta.

Estância 87, vv. 5-8 – reflexão do poeta sobre a necessidade de apoio na sua tarefa e referência ao momento de recuperação da sua “*fúria*”, para continuar o seu (exigente) trabalho.

[Os títulos sugeridos devem ser valorizados em função da sua pertinência e criatividade.]

**5.** No excerto apresentado, o sujeito poético procura definir os critérios que presidem à sua seleção de heróis merecedores de elogios, recusando “cantar” os que não se adequem ao padrão que define. Na Proposição, identifica claramente aqueles que merecem enaltecimento na sua epopeia e que se opõem, em termos de perfil, aos rejeitados nas estâncias 84 a 86 do excerto transcrito.

## Página 307

### Grupo II

1. O artigo apresenta, como é próprio de uma apreciação crítica, duas partes distintas: um momento de descrição do objeto visado na apreciação (ll. 1-43), seguido de um comentário crítico (ll. 44-58).
2. O livro pretende “tornar o poema épico acessível aos jovens” (ll. 4-5) e convidar à leitura de *Os Lusíadas* (“é um convite à leitura integral de *Os Lusíadas*”, ll. 23-24).
- 3.1. (C); 3.2. (A); 3.3. (A); 3.4. (B).
4. Orações subordinadas substantivas completivas.
5. “estâncias” (l. 11), “cantos” (l. 12), “episódios” (l. 14), “proposição” (l. 26), “dedicatória” (ll. 26-27), “versos” (l. 33).

## Página 310

**EL** O Programa apenas prevê a leitura de excertos do capítulo V (“As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho”) da *História Trágico-Marítima*. Apresentam-se, nesta sequência, partes desse capítulo, podendo as mesmas ser complementadas com a leitura e exploração de outros excertos que servem de base a fichas de trabalho de Educação Literária no Dossiê do Professor, nos Recursos do Projeto e no Caderno de Atividades.

**MC EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.**

**14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.**

**14. 4. Fazer inferências, fundamentando.**

**15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.**

**15. 2. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.**

**15. 3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.**

### Tópicos de exploração: “História Trágico-Marítima” de Jorge Sousa Braga

- Estrutura circular do texto;
- Desafio das convenções sociais e possíveis consequências;
- Expressividade do título;
- Forma do poema como reflexo do conteúdo, enquanto subversão das características convencionais do texto poético.

### Tópicos de exploração: “Canção” de Cecília Meireles

- Naufrágio – metáfora da destruição dos sonhos do “eu” lírico;
- (Auto)destruição enquanto ato de redenção do sujeito poético;
- Expressividade dos recursos estilísticos na construção da mensagem: aliteração (estrofe 3), enumeração e comparação (última estrofe).

### Tópicos de exploração: “Mar” de Miguel Torga

- Valor da repetição da apóstrofe no início de cada estrofe;
- Metáforas ao longo do poema enquanto forma de caracterização do mar (vv. 2, 11, 12 e 14);
- Atração que o mar exerce sobre os homens (ver campo lexical);
- Momentos narrativos e descritivos do poema.

## Página 311

### Tópicos de exploração da pintura *História Trágico-Marítima* de Vieira da Silva

- Figura central da pintura (barco cheio de pessoas);
- Presença da onda gigante que cerca o barco, na qual se podem distinguir várias figuras humanas que procuram desesperadamente alcançar o interior da embarcação;
- Dimensão metafórica da imagem;
- “Em *História Trágico-Marítima* (1944), a artista enlaça as personagens aflitas do naufrágio em torvelinhos de cores vibrantes, cujos contornos negros e ondulantes mal permitem decifrar as figuras por eles envolvidas. Vê-se uma miríade de formas que entrelaçam figuras humanas com figuras geométricas, estabelecendo uma solução pictórica cujo impacto visual se dá pelo conjunto confuso e denso advindo das linhas e cores, mais do que pelas expressões fisionómicas, ou posturas corporais das figuras retratadas.”

LEHMKUHL, Luciene. “Imagens do exílio: Vieira da Silva no Brasil”.

[www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/MS-MIG/MS-MIG-3-LEHMKUL.pdf](http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/MS-MIG/MS-MIG-3-LEHMKUL.pdf) [Consult. 2014-09-29]

### Tópicos de exploração: “Vaga do escarcéu” de Fernão Mendes Pinto

- Descrição da tempestade e naufrágio e consequências físicas e emocionais;
- Personagem coletiva (os portugueses) que confere uma dimensão ampla e simbólica ao texto;
- Uso do polissíndeto que marca um ritmo frásico rápido e traduz um enérgico sentido de movimento.

### Página 313

#### Leitura | Compreensão

**MC L10 – 7. 2.** Fazer inferências, fundamentando.

**7. 3.** Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

**8. 1.** Selecionar criteriosamente informação relevante.

**8. 2.** Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente.

**9. 1.** Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

#### Leitura | Compreensão

**1. (a)** Coleção de relatos de naufrágios; **(b)** Bernardo G. de Brito; **(c)** “*desigual*”; **(d)** diferentes autores, maioritariamente sobreviventes dos naufrágios, que, não sendo escritores, redigiram relatos de dramatismo real (ll. 9-14); **(e)** testemunho valioso; **(f)** descrição dos barcos e das condições em que decorriam as viagens (ll. 24-26); **(g)** relatos extraordinários de naufrágios, pautados pelo dramatismo; **(h)** descrição da forma como os sobreviventes ultrapassavam os novos obstáculos com que se deparavam, muitas vezes recorrendo à barbárie e ao egoísmo, mas também ao altruísmo e solidariedade (ll. 33-39).

### Página 314

#### Leitura | Compreensão

**2.1.** Segundo Neves Águas, o facto de os sobreviventes dos naufrágios não serem escritores enriquece a obra com relatos com um dramatismo real, livre dos artifícios estilísticos que podiam condicionar o resultado final da obra.

**3.1.** A passagem entre parênteses acrescenta uma informação que, não sendo essencial para a compreensão global do conteúdo da frase, ajuda a entender o contexto em que estes relatos foram redigidos.

**4.1.** O excesso de peso com que os navios eram carregados (ll. 28-29) e a construção descuidada dos barcos (ll. 29-32) punham em causa a segurança dos tripulantes.

**4.2.** Os dois principais fatores responsáveis pelos naufrágios devem-se à ganância do Homem, que sempre procurou a riqueza, não olhando a meios para atingir os seus fins (l. 27).

**5.1.** A enumeração, associada ao uso do gerúndio, resulta de forma particularmente expressiva, intensificando as dificuldades com que se deparavam os que sobreviviam aos naufrágios. Também a enumeração dos adjetivos nas duas últimas linhas contribui para o mesmo efeito.

**6.** O Homem, quando confrontado com as mais graves dificuldades, como a iminência da morte, apresenta comportamentos díspares: ao mesmo tempo que comete gestos de extrema violência e egoísmo, também é capaz de demonstrar espírito de abnegação e sacrifício pelo bem comum.

**7.** Os naufrágios recolhidos por Bernardo Gomes de Brito ocorreram entre 1552 e 1602, isto é, na segunda metade do século XVI, enquanto *Os Lusíadas* foram escritos num período precedente, reportando-se os factos aí relatados à primeira metade do mesmo século. Na epopeia, destacam-se os feitos gloriosos dos portugueses, ao passo que na coleção de naufrágios se relata o lado das desventuras associadas aos Descobrimentos. Repare-se que também n’ *Os Lusíadas* o autor critica o mesmo tipo de problemas de carácter do Homem, como a ganância e a vontade de enriquecer a qualquer custo.

#### Pós-leitura | Oralidade

**MC O10 – 1. 4.** Fazer inferências.

**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

## Pós-leitura | Oralidade

**1.1. a.** Fernando Pessoa, *Mensagem*; *História Trágico-Marítima*; **b.** retrato das tragédias marítimas que fazem parte da História de Portugal, desde o século XII até à atualidade; **c.** 1194, naufrágio de um navio português na costa da Flandres carregado de açúcar, azeite e madeira; 1991, relato do naufrágio do pesqueiro *Bolama* a 14 milhas do Cabo Espichel.

**1.2.** A expressão alude ao facto de terem sido muitos os que encontraram a morte no mar.

**1.2.1.** Trata-se de uma metáfora.

**1.3.** Neste registo, o autor do programa apresenta o conteúdo do livro em análise com o objetivo de o dar a conhecer a potenciais leitores, fazendo para isso uma contextualização que explica o fascínio que as tragédias marítimas exerceram desde sempre nos escritores portugueses. Carlos Vaz Marques demonstra ter um conhecimento fundamentado da obra ao descrevê-la de forma concisa e completa.

## Página 315

### Pré-leitura | Oralidade

- MC 010 – 1. 1.** Identificar o tema dominante, justificando.  
**1. 3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.  
**1. 4.** Fazer inferências.  
**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

### Pré-leitura | Oralidade

**1.1. a.** o Estado de Pernambuco, no Brasil; **b.** localização geográfica do Estado; Fernando de Noronha e São Pedro e São Paulo, arquipélagos que também fazem parte do Estado; Recife, a capital, uma das 65 cidades com uma economia mais desenvolvida no mundo; 10.º Estado mais rico do Brasil e Recife a cidade com o maior rendimento *per capita*; o maior parque tecnológico; forte indústria de construção civil; um dos principais centros políticos do Império no período colonial; **c.** as imagens complementam as palavras do repórter, exemplificando o aspeto desenvolvido e industrializado da cidade do Recife; **d.** o nome da cidade tem origem na palavra “*raçif*” (do árabe), pela grande barreira rochosa que se estende pela sua costa; **e.** “*ilha mais bela do mundo*”; **f.** uma das primeiras regiões a ser ocupada pelos portugueses.

**2.** Também no texto se refere o facto de Pernambuco ser um Estado próspero (l. 3) e um dos primeiros lugares a serem ocupados pelos portugueses (l. 2).

## Página 316

### Leitura | Compreensão

- MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XII a XVI.  
**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.  
**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.  
**G10 – 18. 4.** Identificar orações subordinadas.

### Leitura | Compreensão

- 1.1.** A honestidade e perseverança de Duarte Coelho.  
**2.1.** “*Parece que dispunha de consideráveis recursos e é de supor que esses seus haveres fossem o resultado de trabalhos longos que passou em África e no Oriente.*” (ll. 4-6).  
**3.** Jorge de Albuquerque viajou até ao Brasil, porque o seu pai, Duarte Coelho, faleceu na metrópole e a rainha Dona Catarina incumbiu o seu irmão, Duarte de Albuquerque Coelho, de se deslocar até Pernambuco para defender a capitania, uma vez que os índios se sublevavam. Ele pediu à rainha que Jorge o acompanhasse nessa viagem.  
**4.1.** A oração contribui para a caracterização da personagem, revelando a sua generosidade.  
**4.1.1.** A enumeração permite exacerbar as qualidades de Jorge de Albuquerque, realçando a persistência com que cumpriu a tarefa de que foi incumbido, ao ultrapassar os vários obstáculos com que se foi deparando.  
**5.** “*no tempo do rei D. João III*”, l. 1; “*Passados alguns anos*”, l. 8; “*em 1554*”, l. 13; “*já no tempo em que a rainha Dona Catarina, avó do rei D. Sebastião, governava Portugal*”, ll. 13-14; “*Chegou em 1560*”, l. 24; “*naquele mesmo ano de 1560*”, l. 31; “*em cinco anos*”, l. 35.  
**5.1.** As referências temporais, reportando-se a factos históricos e datas reais, permitem-nos ficar com uma ideia mais concreta do período abrangido neste relato.  
**6.** Este fragmento pretende apresentar (em analepse) informações importantes que preparam o leitor para “*os casos que nesta narrativa se contêm*”, isto é, os acontecimentos que tiveram lugar antes da viagem que Jorge de Albuquerque fez da vila de Olinda, em Pernambuco, até Lisboa.

## Página 317

### Tópicos de exploração do texto:

- Explicitação, relativamente às obras ligadas à literatura de viagens no século XVI:
- dos motivos que determinaram o seu surgimento;
- das “*várias formas*” (l. 4) que assumiram;
- dos três grandes grupos em que é possível organizá-las;
- da sua importância documental, a nível histórico e literário.

## Página 318

### Pré-leitura

**MC** L10 – 7. 2. Fazer inferências, fundamentando.

G10 – 19. 6. Identificar processos irregulares de formação de palavras.

### Pré-leitura

1.1. Os vocábulos “pirata” e “corsário” podem ser usados como sinónimos em determinado contexto, quando referem alguém que ataca e rouba navios.

1.2. O termo “*pirata*” é mais abrangente, porque refere genericamente a pessoa que se apropria de forma indevida dos bens alheios, tanto do conteúdo de um navio como dos sistemas informáticos. Já o vocábulo “corsário” refere-se a um tipo de pirataria “autorizada”.

1.2.1. Extensão semântica.

1.3. Navio particular autorizado a atacar e pilhar as embarcações doutra nação com que se está em guerra.

## Página 321

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses [...], pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 4. Fazer inferências [...].

14. 6. Explicitar a estrutura do texto: organização interna.

14. 7. b) Estabelecer relações de sentido entre características e pontos de vista das personagens.

G10 – 19. 4. Explicitar constituintes de campos lexicais.

19. 7. Analisar o significado de palavras considerando o processo de formação.

### Leitura | Compreensão

1.1. 1.<sup>a</sup> parte (ll. 1-18): início da viagem e confronto com condições atmosféricas adversas; tensão entre tripulantes pela falta de alimentos; 2.<sup>a</sup> parte (ll. 19-33): encontro com nau francesa e batalha; 3.<sup>a</sup> parte (ll. 34-84): rendição da nau, em virtude da traição dos companheiros de Albuquerque.

2.1. Excesso de carga (ll. 1 e 5).

2.1.1. A ambição, a ganância e a vontade de enriquecer depressa.

3.1. Albuquerque demonstra solidariedade e abnegação, ao repartir os alimentos, dispensando a sua parte para os companheiros. Revela capacidade de liderança e exerce uma força harmonizadora.

4.1. ll. 20-23.

4.2. Confere realismo ao relato.

5.1. Eram menos que os franceses e não dispunham de armas suficientes. Apesar disso, resistiram (l. 30) e apenas foram derrotados pela traição dos próprios companheiros.

6.1. A palavra, formada por parassíntese (a- + *senhor* + -ear), significa, neste contexto, ‘tomar posse, apoderar-se, tornar-se senhor’.

6.2. *popa*, *proa*, *xareta*, *gáveas*.

7.1. A admiração pela valentia e pelo sentido de responsabilidade do português.

7.2. Era tratado com cortesia e fazia as refeições à mesa do capitão, no lugar de honra.

8. Os tripulantes pretendem atacar Albuquerque por ter benzido a mesa com o sinal da cruz. O português não quer voltar a comer com eles por serem luteranos.

8.1. É tolerante, pois aceita e convive com a diferença (religiosa), sem se sentir ameaçado por ela.

## Página 322

### Pós-leitura | Escrita

**MC** E10 – 10. 1. Pesquisar informação pertinente.

10. 2. Elaborar planos.

11. 1. Escrever textos variados, respeitando as marcas do gênero: [...] exposição sobre um tema [...].

12. 3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

12. 5. Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia.

12. 6. Explorar as virtualidades das tecnologias da informação na produção, na revisão e na edição de texto.

13. 1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

## Página 323

### Pré-leitura

**MC** L10 – 8. 1. Selecionar criteriosamente informação relevante.

### Pré-leitura

1. (a) interesse; (b) publicação; (c) sobreviventes; (d) registos; (e) *História Trágico-Marítima*; (f) literatura; (g) Brasil; (h) Portugal; (i) romance; (j) dramático; (k) naufrágios; (l) moralizante; (m) violência; (n) tardia; (o) receio; (p) insensibilidade; (q) escravos; (r) fracos; (s) pilotagem; (t) qualificações.

## Página 324

### Pré-leitura

1.1. Na época dos Descobrimentos, o Homem procurou alcançar riquezas, pautando as suas ações pela ganância e procura do lucro rápido. No entanto, essa acumulação de bens podia ser perdida rapidamente, pelo que os sacrifícios realizados se revelavam, muitas vezes, infrutíferos.

1.2. A atribuição de cargos ou funções a quem não possui competências para tal ainda se verifica nos dias de hoje. Essa situação pode ser motivada pela troca de favores ou pelos conhecimentos que os potenciais candidatos a um emprego possuem.

2. “Os sobreviventes, que se arrastavam pávidos, confluem a um padre que se acha a bordo e atropela as rezas e as confissões. Um relâmpago risca, ilumina a treva: veem-se todos de joelhos, com as mãos no ar, a pedir misericórdia e a clamar por Deus.” (ll. 32-34); “todos se convenceram de que se afogariam” (l. 45-46).

## Página 326

### Leitura | Compreensão

**MC** EL10 – 14. 2. Ler textos literários portugueses [...], pertencentes aos séculos XII a XVI.

14. 3. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

14. 4. Fazer inferências, fundamentando.

15. 1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.

G10 – 19. 3. Reconhecer o campo semântico de uma palavra.

19. 7. Analisar o significado de palavras considerando o processo de formação.

## Leitura | Compreensão

**1.1.** Uso abundante de adjetivos (“*roncantes*” – l. 3, “*violento*” – l. 11, “*negro*”, l. 23, “*brancas*” – l. 24, “*altíssima*” – l. 26); recurso às sensações auditivas (“*vento acalmou*” – l. 1, “*vagalhões roncantes*”. l. 3, “*soprasse em fúria, zunindo nas enxárcias*” – l. 2), visuais (“*turbilhonando nuvens, rendilhando espumas*” – ll. 2-3) e de movimento (“*levanta-se [...] uma vaga altíssima*” – l. 26, “*dando na proa [...] galga sobre ela, a submerge, a ar-rasa*” – l. 27); diferentes recursos estilísticos, como a personificação e a metáfora.

**2.1.** Lançar grande parte da carga ao mar, desde objetos pessoais até armas e mercadorias.

**2.2.** O verbo formado com o prefixo com valor de privação des- e com o sufixo verbal -ar traduz, metaforicamente, a ideia de perda de coragem ou ânimo para enfrentar a tempestade.

**3.** As frases curtas, separadas por pontos finais, e as enumerações, separadas por vírgulas e por pontos e vírgulas, contribuem para conferir um ritmo rápido à ação e adensar o ambiente de tragédia e de destruição.

**4.** Mantém a calma, demonstrando a sua firmeza. Incute coragem e motiva os companheiros em todas as situações. É um homem de fé e aceita o que Deus lhes destinou.

**5.** A narração inicia-se com discurso indireto, complementado por passagens em discurso direto (ll. 37-38). A fusão de vozes confere uma maior naturalidade ao

discurso da personagem e permite identificar diferentes graus de intensidade nas suas palavras.

**6.** Jorge de Albuquerque mantém a fé em Deus e no que o destino lhe reserva, acreditando na salvação, ao mesmo tempo que incute nos seus companheiros a mesma esperança.

**7.** Onda grande.

**7.1.** Grande quantidade de algo (“uma vaga de clientes”), sensação que, depois de atingir um ponto alto, desaparece (“uma vaga de frio”), lugar vago ou não preenchido (“uma vaga na clínica médica”, “uma vaga no departamento de informática”).

## Pós-leitura | Oralidade

**MC 010 – 1. 3.** Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.

**1. 4.** Fazer inferências.

**2. 1.** Tomar notas, organizando-as.

**EL10 – 16. 2.** Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura | Oralidade

**1.1.** Crê-se que, por negligência do comandante, o cruzeiro se desviou da sua rota e se aproximou de forma arriscada da ilha italiana.

**1.1.1.** O facto de nesse dia o mar estar calmo (“*mar chão*”) e de não haver vento confirmam as suspeitas de que o acidente terá sido causado por negligência.

**1.2.** É acusado de “*fuga do navio, negligência e homicídio*”.

**1.2.1.** Jorge de Albuquerque é corajoso e mantém-se firme no comando do navio, motivando os seus companheiros; Schettino ausenta-se do cruzeiro antes de todas as pessoas se encontrarem a salvo, revelando cobardia e irresponsabilidade.

## Página 327

### Pré-leitura

**MC L10 – 9. 1.** Expressir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

## Pré-leitura

**1.1.** No primeiro *cartoon* podemos ver, em primeiro plano, algumas pessoas que se encontram no mar e pedem ajuda, sendo que no lado direito da imagem é possível ver parte do navio que naufragou. À esquerda, encontra-se uma embarcação maior de onde são lançados guarda-chuvas para as vítimas do acidente. A chuva é o elemento que enquadra esta cena. O segundo *cartoon* divide-se em três cenas/momentos: o primeiro, em que vemos um sobrevivente de um naufrágio que se encontra em cima de um tronco de uma árvore, acenando por socorro a uma embarcação que se avista ao longe; na segunda cena, a referida embarcação aproxima-se e os seus tripulantes apontam armas ao naufrago, que está de mãos no ar; na última cena, os tripulantes roubam ao naufrago o pouco que lhe restava – o tronco – deixando-o com um pneu, que lhe serve de boia.

**1.2.** A falta de solidariedade e de espírito de entreajuda entre os homens.

**2.** “A 29, pela manhãzinha, avistou-se uma nau. Fizeram-lhe sinais alvoroçadamente; os da nau, porém, não lhes quiserem valer, e seguiram seu rumo.”, ll. 11-12; “Avistaram-se numerosas velas, que se afastaram.”, l. 21; “passou perto uma caravela, que se dirigia para a Pederneira. Suplicaram-lhe socorro pagar-lho-iam bem. – Que Jesus lhes valesse, responderam eles; nada, não queriam perder tempo na sua viagem... E seguiram avante, sem nenhum dó.”, ll. 23-25.

## Página 329

### Leitura | Compreensão

**MC EL10 – 14. 2.** Ler textos literários portugueses [...], pertencentes aos séculos XII a XVI.

**14. 3.** Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando.

**14. 4.** Fazer inferências, fundamentando.

**G10 – 18. 4.** Identificar orações subordinadas.

### Leitura | Compreensão

**1. e 1.1. a. V. b. F.** Trata-se de uma metáfora. **c. V. d. F.** A locução conjuncional tem um valor temporal. **e. F.** Uma galé enviada pelo Cardeal infante D. Henrique conduziu a nau até Belém. **f. V.**

## Escrita

**MC E10 – 10. 1.** Pesquisar informação pertinente.

**10. 2.** Elaborar planos [...].

**11. 1.** Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: [...] exposição sobre um tema [...].

**12. 1.** Respeitar o tema.

**12. 2.** Mobilizar informação adequada ao tema.

**12. 3.** Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

**12. 4.** Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

**13. 1.** Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

**EL10 – 15. 5.** Escrever exposições (entre 120 e 150 palavras) sobre temas respeitantes às obras estudadas, seguindo tópicos fornecidos.

## Página 330

### Oralidade

**MC O10 – 3. 2.** Planificar o texto oral, elaborando tópicos de suporte à intervenção.

**4. 2.** Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação, ritmo, entoação, expressividade.

**5. 2.** Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.

**5. 3.** Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

**6. 1.** Produzir [...] apreciação crítica.

**6. 2.** Respeitar as marcas de género do texto a produzir.

**6. 3.** Respeitar as seguintes extensões temporais: [...] apreciação crítica – 2 a 4 minutos.

## Pós-leitura

**MC** L10 – 7. 2. Fazer inferências, fundamentando.

7. 5. Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto.

7. 6. Explicitar [...] marcas dos seguintes géneros: relato de viagem [...].

9. 1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

EL10 – 16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

## Pós-leitura

1.1. Resposta pessoal.

## Página 331

### Pós-leitura

2.1. O texto foi redigido na sequência de uma viagem do autor/narrador à Coreia do Norte e relata situações por que passou nesse país.

2.2. O uso do telemóvel era proibido aos estrangeiros, a obrigatoriedade da definição exata da data de partida e seu cumprimento rigoroso, o uso restrito de máquina fotográfica, o controlo minucioso com que as bagagens eram inspecionadas à saída do país.

2.3. A comparação realça a gravidade com que a perda é sentida pelo narrador, ao associar a ausência do telemóvel a uma perna amputada.

2.4. Resposta pessoal. A afirmação deve ser relacionada com a sugestão de avaliação subjetiva dos fiscais que, como se diz anteriormente, podem “encontrar algo com que implicar” (l. 39), se assim o desejarem.

2.5. a. O narrador exprime-se na primeira pessoa (“meu”, l. 2, “sentei-me”, l. 2...), dando conta das suas experiências e reflexões ao longo da viagem que fez. b. O assunto do texto diz respeito às peripécias duma viagem e é desenvolvido com recurso à conjugação de momentos narrativos (ll. 2-4, 21, 37-39...) e descritivos (ll. 20-25...).

2.6. Os viajantes, em ambas as viagens, confrontam-se com dificuldades que têm de superar, quer sejam as condições climáticas adversas, quer os constrangimentos de natureza política e administrativa com que se deparam. Assim, em ambos os textos a viagem surge retratada como um desafio ao ser humano.

## Página 332

### Projeto de Leitura

**MC** EL10 – 15. 6. Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.

16. 2. Comparar diferentes textos no que diz respeito a temas, ideias e valores.

E10 – 10. 1. Pesquisar informação pertinente.

10. 2. Elaborar planos.

11. 1. Escrever textos variados, respeitando as marcas de género: [...] exposição sobre um tema [...].

12. 1. Respeitar o tema.

12. 2. Mobilizar informação adequada ao tema.

12. 3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual com marcação correta de parágrafos e utilização adequada de conectores.

12. 4. Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.

13. 1. Pautar a escrita do texto por estratégias recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.

L10 – 7. 6. Explicitar [...] marcas dos seguintes géneros: relato de viagem [...].

## Página 336

### Grupo I

1. O texto pode ser dividido em três partes: a primeira compreende os dois primeiros parágrafos, em que se faz a descrição das condições em que decorria a viagem de Jorge de Albuquerque, realçando-se as suas capacidades de liderança; nos parágrafos 3 a 5, apresentam-se as condições que a tripulação da nau enfrenta e o seu desespero, contrapondo-se a atitude de Jorge de Albuquerque, que, mais uma vez, transmite uma grande fé e esperança na salvação; finalmente, no último parágrafo, verifica-se, pela primeira vez, a dúvida no espírito do comandante da Santo António que, no entanto, tem a preocupação de ocultar as suas incertezas para que os companheiros mantivessem a esperança.

2. Solidário (*“além dos trabalhos comuns aos outros – pois de todos irmãmente partilhava ele”, ll. 7-8*), preocupado e responsável de acordo com o que exigia a sua função de liderança (*“tinha ainda o cuidado de prover a tudo, e o de comandar, consolar, animar os homens”, ll. 8-9*), motivador (*“em tão amigos, tão brandos, tão piedosos termos lhes falava sempre, que quase sem forças se levantava a gente: rediviva, pronta, – retomava a faina.”*, ll. 10-11), crente e homem de fé (*“pegando num livro que trazia consigo, tirou duas imagens de Cristo e da Virgem, pegou-as no mastro, chamou os companheiros para o pé de si”, ll. 24-26*).

3. Através da conjunção consecutiva, o narrador enfatiza o comportamento excepcional de Jorge de Albuquerque, apesar das adversidades que se lhes deparavam.

4. Os membros da tripulação resignaram-se à ideia de morte, depois de terem perdido o leme da embarcação. Nesse momento, *“deixaram-se cair todos no convés, desamparadamente”* (ll. 22-23). O seu desespero, provocado também pela fome, levava-os a perder capacidades intelectuais (*“ouviam-no já sem o entenderem”, l. 28*). O próprio Jorge de Albuquerque Coelho, apesar da aparência firme e resistente, fez, *“às escondidas”* (l. 29), um testamento, antecipando o naufrágio e a morte.

5. A viagem que Jorge de Albuquerque realizou de Olinda até Lisboa concretiza as dificuldades com que os marinheiros se depararam na época dos Descobrimentos. Apesar das inúmeras desventuras (tempestade, assalto dos corsários franceses), a ação termina de forma positiva, uma vez que a nau Santo António consegue alcançar o seu destino. As razões que podem ter causado esta viagem atribulada podem ser subentendidas através das palavras do narrador, ainda que em todo o relato não exista um tom crítico em relação ao ser humano, exaltando-se, pelo contrário, as suas virtudes, concretizadas na pessoa de Jorge de Albuquerque.

## Página 337

### Grupo II

1. O texto apresenta as aventuras e desventuras de um membro de uma tripulação marítima inglesa, durante uma paragem em Tonquim (localidade do atual Vietname), integrada numa viagem mais longa. Durante esse tempo, é nomeado capitão de um pequeno barco de comércio (*“[...] nomeou-me capitão daquela embarcação e deu-me plenos poderes para negociar durante dois meses [...]”, ll. 9-10*), sofre uma tempestade marítima (*“Não havia ainda três dias que andávamos no mar, quando se desencadeou uma violenta tempestade.”*, ll. 12-13) e é alvo do ataque de dois piratas (*“Fomos abordados, quase ao mesmo tempo, pelos dois piratas, que entraram furiosamente [...]”, ll. 18-19*), que o abandonam no mar.

2. O narrador (homodiegético) do texto revela-se sensato e cauteloso, ao aconselhar os membros da sua tripulação a receberem os piratas *“prostrados no solo”* (ll. 19-20), indiciando a sua intenção de não oferecerem resistência ao ataque. Durante o diálogo com os dois piratas, mostra-se igualmente conciliador, procurando comovê-los com argumentos de natureza religiosa (ll. 25-28), e denota, como o próprio afirma, *“grande humildade”* (l. 33) ao tentar demover os atacantes de uma ofensiva mais violenta. No final do excerto, a sua imprudência determina o “castigo” que lhe é aplicado.

3. O texto apresenta marcas específicas do género do relato de viagem:

- o tema da viagem;
- o discurso pessoal (narrador na primeira pessoa, no caso, homodiegético: *“Saímos”, l.1; “permanecemos”, l. 2...*);
- a dimensão narrativa, correspondente ao relato dos acontecimentos associados à viagem, segundo um encadeamento lógico marcado pela progressão temporal (*“5 de agosto de 1706”, l. 1; “11 de abril de 1707”, ll. 1-2; “durante três semanas”, l. 2; “algum tempo”, l. 4; “durante dois meses”, l. 10; “Não havia ainda três dias”, l. 12; “Durante cinco dias”, l. 13; “No décimo dia”, l. 15*).
- 4. *“Notei”* – oração subordinante; *“que, entre eles, vinha um holandês, que parecia ter certa autoridade”* – oração subordinada substantiva completiva; *“que parecia ter certa autoridade”* – oração subordinada adjetiva relativa explicativa; *“embora não comandasse qualquer dos barcos”* – oração subordinada adverbial concessiva.

5. Resposta pessoal. Exemplos possíveis: O mar exerce grande atração sobre os homens desde os tempos mais remotos. Um mar de gente invadiu a exposição sobre as embarcações dos Descobrimentos. A vida nos barcos nas viagens dos descobrimentos e comerciais não era um mar de rosas.

## Página 338

### Grupo II

6. a. 3; b. 8; c. 4; d. 2; e. 5.